

DANIEL CARNEIRO CASTILHOS

**GRUPO DE SENSIBILIZAÇÃO E CRIATIVIDADE: ESPAÇO DE RETOMADA DE
BEM-ESTAR / AUTOIMAGEM / AUTOESTIMA DE EDUCADORES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera

PORTO ALEGRE

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

C352g Castilhos, Daniel Carneiro.

Grupo de sensibilização e criatividade: espaço de retomada de bem-estar/autoimagem/autoestima de educadores. / Daniel Carneiro Castilhos. – 2011.

117 p.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

Orientação: Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera.

Ficha catalográfica elaborada por Úrsula Flores de Menezes, CRB 10/1902.

DANIEL CARNEIRO CASTILHOS

GRUPO DE SENSIBILIZAÇÃO E CRIATIVIDADE: ESPAÇO DE RETOMADA DE
BEM-ESTAR / AUTOIMAGEM / AUTOESTIMA DE EDUCADORES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação.

Porto Alegre, 6 de janeiro de 2011.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera

Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus

Prof. Dra. Maria Inês Corte Vitória

Prof. Dra Patrícia Pinto Woffenbüttel

AGRADECIMENTOS

Para aprender a ler o homem, tem que ser lido e construído como um texto/discurso e história o qual escreverá ao longo da vida. Faço referência aos meus primeiros leitores, os quais me nomearam e me ensinaram a ler, sendo estes meus pais: Norberto Castilhos e Vera Lucia C. Castilhos, bem como ao meu irmão Eder que na construção de seu texto pessoal pude retirar frases importantes para meu texto. Agradeço aos meus avós pela condução e narração da história de minha família.

Agradeço a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e ao Pós-Graduação em Educação bem como o apoio do Cnpq no ano de 2009, e em 2010 apoio da Capes por mais esta formação acadêmica.

Agradeço ao Professor Juan Mosquera pelo apoio, e aposta em meu trabalho e pelo respeito e pela flexibilidade teórica.

Ao Professor Claus Stobäus, pela atenção e auxílio ao longo da construção da pesquisa.

A querida Professora Maria Inês, que com seu olhar carinhoso me convocou a escolhê-la como leitora de meu texto acadêmico.

A Professora e Psicopedagoga Patrícia, que neste momento de leitura possa ser minha bússola, uma vez que é necessário e importante o autor do texto ter um distanciamento para seguir seu caminho.

A supervisora do Método: Grupo de Sensibilização e Criatividade, Vanda Spieker de Oliveira, por emprestar sua lente/visão e seu saber técnico e teórico.

Em especial a Daniela Felix, que junto a mim tem me proporcionado muitas leituras, bem como “a construção” para nossa vida.

RESUMO

Este estudo teve como base um “espaço de retomada de bem-estar e de autoimagem/autoestima de educadores” relativizados pelo Método de Grupos de Sensibilização e Criatividade – GSC (Spieker de Oliveira, 2009) e buscou compreender qual a possível contribuição do referido método para bem-estar dos educadores, bem como seus desdobramentos para autoimagem e autoestima. A investigação caracterizada como Estudo de Caso e amparada em paradigma qualitativo construtivista, utilizou na coleta de dados as vivências do GSC, mais especificamente as produções destas vivências tais como: desenhos, dramatizações e textos escritos, bem como o registro de campo do pesquisador. Os dados foram estudados por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2007). Da análise das produções do GSC emergiram cinco categorias, sendo elas: mal-estar - expectativas, uma busca constituinte; redefinir o desamparo pelo laço social: leitura do outro (a escuta); metaforizando-se, leitura de um novo texto/história/discurso; autoimagem como resultante da linguagem – a experiência de leitura pelo espelho e desdobramento do GSC espaço de leitura da autoimagem/autoestima refletida em bem-estar. O estudo evidenciou e relacionou a vida do homem com um texto a ser lido que necessita ser retomado e simbolizado por diferentes linguagens as quais o GSC utiliza como instrumento, como representação do mal-estar/angústias/desamparo que todo homem está fadado. Contudo, o GSC por ser um trabalho em grupo possibilitou que seus participantes pudessem compartilhar seus textos/histórias/discursos, ancorados em uma escuta/leitura por parte do grupo que lê, reconhece e legitima este sujeito por meio da leitura de seu texto interno. Os achados da pesquisa desvelam que o homem por meio da sensibilização e da criatividade pode redefinir conjecturar e re-significar seu mal-estar, por meio da criação de cenas, personagens que dão vida a seu sofrimento, o qual transborda em direção a um leitor capaz de conferir sentido a sua produção.

Palavras-chave: Sensibilização, Criatividade, Mal-estar docente, Psicopedagogia

ABSTRACT

This study was based on "a welfare's space of recapture and the educators' self-image and self-esteem" relativized by the Method of Group Awareness and Creativity - GAC (Spieker de Oliveira, 2009), and sought to understand the possible contribution of this method for welfare of the educators, as well as its consequences for self-image and self-esteem. Research characterized as a Case Study and based on constructivist qualitative paradigm was used in data gathering the experiences of the GAC, more specifically the output of these experiences such as drawing, drama and written texts and record the researcher's field. Data were analyzed through content analysis proposed by Bardin (2007). Analysis of the output of the GAC emerged five categories, such as: drawings, drama and written texts and record the researcher's field. Analysis of the production of GSC five categories, such as: welfare - expectations, a constituent search, redefining the abandon by social ties: reading the other (the listening); metaphorising up, reading a new text / story / speech, self-image as a result of language - the experience of reading and scrolling through the mirror of the reading room GAC self-image / esteem reflected in well-being. The study showed up and related the man's life with a human readable text that needs to be taken up and symbolized in different languages that the GAC uses as an instrument, as representation of the evil-be/anguishes/helplessness that all man is fated. However, the GAC for being a working group has enabled its participants to share their writing / stories / speeches, anchored in a listening / reading by the group that reads, recognizes and legitimizes this subject by reading its inner text. The research findings reveal that the man through awareness and creativity can redefine conjecture and re-signify their malaise, through the creation of scenes, characters that give life to their suffering, which spills toward a reader able to make sense of its output.

Keywords: Sensibility, Creativity, Teacher malaise, Psychopedagogy

RESÚMEN

Este estudio realizado sobre “un espacio de retomada del bienestar y del auto imagen/autoestima de los educadores” relativizados por El Método de Grupos de Sensibilización y Creatividad – GSC (Spieker de Oliveira, 2009), ha buscado comprender cuál la posible contribución del referido método para el bienestar de los educadores, así como sus despliegues para autoimagen y autoestima. La investigación caracterizada como Estudio de Caso, amparada en paradoja cualitativa constructivita, ha utilizado en la colecta de datos las vivencias del GSC, más específicamente sus producciones como: dibujos, dramatizaciones y textos escritos, así como el registro de campo del investigador. Los datos fueron estudiados por medio de análisis del contenido propuesto por Bardin (2007). Del análisis de las producciones del GSC emergieron las categorías, las cuales marcaron el beneficio del GSC como un espacio de lectura y de retomada del bienestar y del auto imagen/autoestima de los educadores. Evidenciando y relacionando la vida del hombre como un texto a ser leído que necesita ser retomado y simbolizado por distintos lenguajes los cuales el GSC utiliza como instrumento, como representación del malestar/angustias/desamparo que todo el hombre está predispuesto. Sin embargo, el GSC por ser un trabajo en grupo ha posibilitado que sus participantes pudieran compartir su texto/historia/discurso, basados en una escucha/lectura por parte del grupo que lee y reconoce y legitima este sujeto por medio de la lectura de su texto interno. Los hallazgos de la investigación desvelan que el hombre por medio de la sensibilización y de la creatividad pueden redefinir conjeturar y resignificar su malestar, por medio de la creación de escenas, personajes que dan vida a su sufrimiento, lo cual transborda hacia un lector capaz de conferir sentido a su producción.

Palavras-chave: Sensibilización, Criatividad, Malestar docente, Psicopedagogia

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| QUADRO I – Dados dos participantes | 62 |
| QUADRO II – Representações | 70 |
| QUADRO III – Infância: Brincadeiras e personagens | 74 |
| QUADRO IV – Modelagem | 79 |
| QUADRO V – Imagem refletida | 84 |
| QUADRO VI – Desdobramentos | 89 |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| ILUSTRAÇÃO I – Ave Fênix | 65 |
| ILUSTRAÇÃO II – Visconde e Emília | 71 |
| ILUSTRAÇÃO III – A arte de (se) escrever | 76 |
| ILUSTRAÇÃO IV – O espelho | 81 |
| ILUSTRAÇÃO V – O texto como reflexo de si | 85 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1 ESCRREVENDO CAMINHOS- EXPERIÊNCIA DE LEITURA | 14 |
| 2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS | 25 |
| 2.1 Mal-estar e bem-estar docente | 25 |
| 2.2 O mal-estar na cultura, e a cultura do desamparo | 30 |
| 2.3 Grupo de Sensibilização e criatividade um processo, espaço de leitura de si..... | 45 |
| 2.4 Autoimagem e autoestima | 54 |
| 3 A INVESTIGAÇÃO | 60 |
| 3.1 Paradigma e Abordagem de Pesquisa | 60 |
| 3.2 Análise dos Dados | 60 |
| 3.3 Ambiente de Pesquisa..... | 61 |
| 3.4 Participantes..... | 61 |
| 3.5 Instrumentos | 62 |
| 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS | 64 |
| 4.1 Primeira leitura – O ressurgir de Fênix: mal-estar - expectativas, uma busca constituente | 66 |
| 4.2 Segunda leitura – redefinir o desamparo pelo laço social: leitura do outro (a escuta)..... | 72 |
| 4.3 Terceira leitura – Metaforizando-se, leitura de um novo texto / história / discurso | 77 |
| 4.4 Quarta leitura – Autoimagem como resultante da linguagem | |

| | |
|--|-----------|
| a experiência de leitura pelo espelho | 82 |
| 4.5 Quinta Leitura - Desdobramento do GSC espaço de leitura da autoimagem/autoestima refletida em bem-estar | 86 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – UM NOVO TEXTO A SER LIDO | 90 |
| REFERÊNCIAS | 95 |
| | |
| APÊNDICES | 97 |
| APÊNDICE A – Termo de consentimento informado | 98 |
| APÊNDICE B – Exemplo de registro – Diário de Campo | 100 |

INTRODUÇÃO

O leitor desta Dissertação de Mestrado encontrará um trabalho sistematizado em cinco capítulos, os quais decorrem em formato de narrativa, uma vez que inicia com a própria construção de pesquisador, como psicopedagogo clínico e quanto sujeito, tendo como resultante a criação do eixo central para a explanação da pesquisa, sendo esta a idéia de leitura de textos e de decifração de enigmas, enfim que o homem por seu um sujeito de história passa a ser um texto que necessita ser lido. Contudo, a leitura é apresentada e teorizada no capítulo intitulado: Escrevendo caminhos – experiência de litura, a qual se desdobra na descrição do caminho percorrido anterior a esta pesquisa, a qual fora fundante para o tema da pesquisa. Na conclusão deste capítulo o leitor aproximará da justificativa e criação do tema da pesquisa, bem como de seus objetivos e de seu problema de pesquisa.

O capítulo 2, nomeado como: Perspectivas teóricas, encontra-se cinco subcapítulos os quais dialogam com o capítulo anteriormente citado, uma vez que nele encontram-se palavras que convocam o leitor ao longo do desmembramento da pesquisa, sendo elas: mal-estar e bem estar docente, o mal-estar na cultura, a sensibilização e a criatividade e por fim a autoimagem e autoestima. O subcapítulo 2.1: Mal-estar e bem-estar docente, encontraremos autores que tem estudado este fenômeno nos últimos 30 anos, especialmente na Europa e mais recentemente no Brasil. Enfim, será apresentado as origens e causas do mal-estar na docência bem como e exigência de um trabalho voltado para a promoção de bem-estar.

O mal-estar na cultura e a cultura do desamparo é o título do subcapítulo 2.2, o qual tem em sua base a leitura psicanalítica do mal-estar a partir do texto clássico de 1929 de Freud, bem como a leitura complementar e esclarecedora do também psicanalista Birman o qual faz uma releitura do texto freudiano. Contudo, o leitor encontrará o percurso e a influência da leitura psicanalítica sobre a referida pesquisa, que por sua vez, lança a idéia de texto de leitura e de deciframento, de um mal que todo homem está fadado, sendo para os autores apresentados como desamparo. A diminuição do referido desamparo é redefinido pela borda que a linguagem é capaz de proporcionar ao homem, enfim, que este precisa ter uma história/texto /discurso e que por meio deste é passível de retomar-se e de re-significar –se como sujeito produtor de saber.

A teorização do método de Grupo de Sensibilização e Criatividade - GSC- prevenção em saúde mental e desenvolvimento sociocultural fora articulado no subcapítulo 2.3. O

referido método serviu de alicerce para o desenvolvimento da pesquisa uma vez que, a partir de seus instrumentos pode-se explorar e agrupar materiais os quais serviram de triangulação e categorização da pesquisa. Portanto o GSC necessitou ser apresentado ao leitor como uma possibilidade de formação para educadores, tendo como ancora mais de trinta anos de pesquisa. Contudo o GSC também retrata o sujeito como alguém que necessita do social, e que este social pode ser a mola propulsora para o homem dos tempos de hoje, se usado como espaço de escuta e de troca, por meio da linguagem, ou das diferentes linguagens.

A autoimagem e autoestima é o ultimo ponto a ser teorizado, contudo este dialoga com os subcapitulos anteriores, uma vez que, a autoimagem e autoestima decorrem da interrelação sustentada pela linguagem.

A investigação é apresentada no capítulo 3, onde destaca-se o paradigma escolhido sendo este o Paradigma Qualitativo, associado a uma abordagem de pesquisa de estudo de caso, na qual teve como análise de dados a metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin. Neste capítulo expõe-se o ambiente da pesquisa bem como o motivo de sua escolha. Os participantes são apresentados pela descrição da formação, idade e gênero. E por fim, os instrumentos para pesquisa tem como base o método de Grupos de Sensibilização e Criatividade (GSC), uma vez que este constitui-se de um trabalho de intervenção em saúde-mental e desenvolvimento sociocultural.

O capítulo 4 fora realizado a análise dos dados coletados os quais desdobraram-se em cinco leituras, sendo estas intituladas de:

- 1) Mal-estar - expectativas, uma busca constituinte;
- 2) Redefinir o desamparo pelo laço social: leitura do outro (a escuta);
- 3) Metaforizando-se, leitura de um novo texto/história/discurso;
- 4) Autoimagem como resultante da linguagem – a experiência de leitura pelo espelho;
- 5) Desdobramento do GSC espaço de leitura da autoimagem/autoestima refletida em bem-estar.

No capítulo 5 encontrar-se-á as considerações finais as quais retomam toda a pesquisa, no entanto é um momento para novas indagações, sendo estas um pré-texto a ser tecido.

1.ESCREVENDO CAMINHOS – EXPERIÊNCIA DE LEITURA

O ato de pesquisar nos remete à busca de respostas para perguntas que elaboramos ao longo de uma caminhada profissional, a qual se desdobra na forma como lemos o mundo. Tendo como base este pensamento, descreverei caminhos e experiências de leitura que considero importantes para a construção desta dissertação, dividindo minha trajetória em três momentos de leituras fundamentais: o trabalho Institucional em uma internação psiquiátrica com adultos, a clínica de Psicopedagogia com a infância e adolescência e conseqüentemente o atendimento a pais e responsáveis e, por último, a formação como dinamizador de Grupos de Sensibilização e Criatividade (GSC).

A experiência junto a adultos na internação psiquiátrica contribuiu para minha primeira construção enquanto leitor de uma realidade que envolve a insanidade mental e uma aproximação com uma diferente experiência humana, tendo como efeito, o meu aprendizado enquanto psicopedagogo tendo como desafio a construção como leitor da aprendizagem de adultos nesta instituição mais especificamente. Esta significativa experiência originou o tema de um estudo¹¹ anterior intitulado: *Escrevendo caminhos: uma experiência de leitura como construção de um psicopedagogo-leitor*, que teve como objetivos evidenciar a função do leitor como alguém a ser construído pela leitura; refletir acerca do lugar do leitor como produtor de sentido do texto e analisar o psicopedagogo como um leitor a ser construído.

Este estudo abordou questões referentes ao fazer do profissional da Psicopedagogia e sua construção como leitor, tendo como ambiente de pesquisa uma unidade de um Hospital Psiquiátrico, e como sujeito principal uma paciente com diagnóstico de esquizofrenia. A referida paciente representou o ponto de partida para que se pudesse refletir acerca dos aspectos que estão relacionados à construção do terapeuta-psicopedagogo, evidenciando a importância do embasamento teórico e, não menos importante, do espaço buscado pelo sujeito psicopedagogo destinado a realizar uma leitura interna mais aprofundada para que este esteja melhor preparado para construir-se como leitor de diferentes textos. Logo, a aproximação junto a adultos com patologias graves não impediu o desenvolvimento de um trabalho psicopedagógico, uma vez que, este trabalho tornou-se um aprendizado de leitura de textos desconectados, de sujeitos que produziam de forma criativa a confusão do seu pensamento, por meio da escrita de textos, desenhos e brincadeiras.

¹ Monografia do Curso de Pós-Graduação em Educação Especial e Processos Inclusivos – UFRGS.

O ambiente deste primeiro estudo por si só já exigia uma leitura diferenciada. Os sujeitos que ali se encontravam, os pacientes, necessitavam de um olhar e de uma escuta de alguém que pudesse conferir significados a seus pensamentos. Estes pacientes necessitavam inclusive desta leitura por parte de um profissional que fosse capaz de proporcionar um lugar no qual suas falas fossem acolhidas numa busca de sentido.

Este trabalho teve como objetivo a reflexão acerca dos aspectos relacionados à leitura de textos enigmáticos, bem como da construção do terapeuta como leitor.

O segundo espaço e momento de leitura foi permeado, tanto de experiências como de mais questionamentos, e está relacionado à minha prática enquanto psicopedagogo clínico de crianças, adolescentes e dos adultos que acompanham e fazem parte do tratamento de seus filhos. O fazer clínico está ancorado em uma escuta, que pode ser entendida como leitura por parte do terapeuta abrindo campo para relação com o outro. Logo, neste fazer, por meio da escuta/leitura de muitas histórias pude perceber diferentes discursos, os quais, ora perpassam por um discurso positivo, ora este se faz ausente.

As histórias sobre crianças que escuto e que são reconstruídas pela narração da leitura de seus pais, ou de seus cuidadores, constituem-se em um texto que registra e metaforiza o sentido e o significado de suas vidas, como se fossem uma história. Enfim, através destas histórias se observa como as relações que se dão de forma positiva entre adultos e crianças podem dar um impulso no desenvolvimento da mesma. E, infelizmente, observa-se também que a ausência de um condutor, ora de uma condução da história do sujeito, pode interferir, negativamente, no desenvolvimento da criança. Portanto, as histórias que escuto na clínica de Psicopedagogia me fazem refletir acerca das narrativas de adultos sobre seus filhos, como um discurso em forma de texto que tem diferentes efeitos e desdobramentos e que necessitam serem lidos e (re)lidos, retomados e (re)significados.

O terceiro momento de leitura que acredito ser importante para desenvolver a presente pesquisa foi minha formação como dinamizador de GRUPOS DE SENSIBILIZAÇÃO E CRIATIVIDADE / GSC – Prevenção em Saúde Mental e Desenvolvimento Sociocultural uma vez que, por meio deste processo, encontrei um método com o qual poderia continuar desenvolvendo minha capacidade como docente e, também como terapeuta/psicopedagogo.

Através do aperfeiçoamento e refinamento da capacidade de leitura de diferentes textos / contextos, por se utilizar as capacidades positivas das pessoas auxiliando-as na retomada de seus discursos, inaugura-se o espaço em que não se faz terapia, mas que *pode ser*

terapêutico. Isso se constitui no processo fértil da (re) significação pela sensibilização e criatividade, numa trajetória com início, meio e fim para cada participante e para todos participantes do grupo.

Portanto, a formação em GSC, conforme Spieker de Oliveira (2009), autora do método, e pela minha própria visão se constitui:

- no diálogo entre o processo que se traduz por um vivenciar e aprender o “*saber fazer*” - que outorga ao participante o poder de uso da metodologia
- com sustentação teórica capaz de encaminhá-lo à compreensão de que o GSC é uma forma eficiente de se aprender a: recriar, redefinir, reestruturar modos e projetos de vida tanto de sujeitos como de instituições. Processo o qual vivenciei junto a um grupo de educadores, que mostrou ao final dos encontros, significativa melhoria de aspectos pessoais, sociais e/ou profissionais.

Portanto, as questões sobre a leitura, *de mim mesmo e do outro*, é algo que me convoca, pois o homem lê o tempo todo e cada homem pode ser entendido como um texto que necessita ser lido para ser compreendido. Enfim, a idéia de leitura será aqui apresentada, pois estará demarcando meu ponto de partida da tessitura deste trabalho.

Para contemplar a idéia da leitura me apoiarei no livro: *Uma História da Leitura*, de Manguel (1997), do qual trago a seguinte passagem do capítulo chamado: “Leitura das Sombras”, no qual, o autor descreve uma situação, onde encontra um dos exemplos mais antigos de escrita que conhecemos. Manguel nos conta que, em 1984, duas pequenas placas de argila de formato retangular foram encontradas em Tell Brak, Síria, datadas do quarto milênio antes de Cristo. Estavam na vitrine do Museu Arqueológico de Bagdá. Nestas placas era possível observar marcas que delineavam figuras de animais, que segundo os arqueólogos, representavam o número dez. Para o nosso autor Manguel: “toda a nossa história começa com essas duas modestas placas” (p.41).

Existe algo que lhe fora intensamente comovente nessas placas, pois para Manguel “essas peças de argila levadas por um rio que não existe mais, observando as incisões delicadas que retratam animais transformados em pó há milhares de anos, talvez uma voz evocada, um pensamento, uma mensagem que nos diz: “aqui estiveram dez cabras”(p.41). E conclui dizendo que, o fato de olhar essas placas prolonga a memória dos primórdios de nosso tempo. Isto é, preserva-se um pensamento muito tempo depois que o pensador parou de

pensar, e nos tornamos participantes de um ato de criação, nessa situação. Pode-se tomar como exemplo a leitura realizada pelo ancestral sumério dessas duas pequenas placas, e a de Manguel quando, em sua sala, após séculos, pode exercer o mesmo ato.

Encontrar nas pedras de argilas uma escrita, como relata Manguel, mesmo que seja uma das primeiras escritas dos sumérios em pedras de barros, demonstra a tentativa destes de transmitir sua mensagem. A anotação mais antiga que se pode denominar escrita foi inventada pelos sumerianos no quarto milênio antes de Cristo. A anotação em forma de cunha (cuneiforme) deriva em última instância de ideogramas, logo se tornou um sistema de caracteres convencionais, cada um tendo um valor fonético (som) distinto. Foi somente na antiga Mesopotâmia que, por volta de 4000 a.C, os sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme. Usavam placas de barro, onde cunhavam esta escrita.

A escrita cuneiforme marcada nas placas de argila, neste caso imagens de animais representando números, foram encontradas por arqueólogos pesquisadores. Portanto, houve por parte desses, uma suposição de que existia uma mensagem gravada na argila, isto é, um enigma. Enigma que seria resolvido na medida em que se encontrasse na leitura um sentido, uma forma de interpretar a mensagem.

O trabalho realizado por esses arqueólogos tem estreita ligação com aquele que se propõe realizar com o sintoma do não aprender na criança e na família. Tomemos a situação das placas descrita por Manguel (1997) a partir do encontro desse material, eles remarcam a forma de vida daquela época, podendo assim caracterizar aquele tempo vivido por meio da escrita.

O GSC possibilita aos sujeitos participantes que por meio de sua sensibilidade/criatividade possam inscrever suas histórias, ora fantasiando o que desejam, ora representando o que vivenciaram na realidade. Assim, deixam registrados suas angústias, vitórias, alegrias, fracassos, sonhos, medos e realizações e, como os escritos das placas de argilas, pode-se retomar e rememorar cada evento. Agora, com a devida autonomia e autoria de pensamento sobre sua própria vida e sobre a si mesmo como sujeito perante ao grupo, à cultura.

A partir da vivência do GSC com educadores, pode-se analisar como se processa esta relação de criação, como metáfora de um texto, bem como o que diz este texto sobre o sujeito autor do mesmo. Enfim, que uma produção artística, como uma pintura, uma poesia, ou um texto remete-se a uma leitura de si, que ao ser lida para e/ou por outrem, será significada de

forma particular, ou seja, o grupo que lê a produção de um sujeito participante estará escrevendo um novo texto, uma vez que, imprimirá significação, interpretará conforme seu texto interno.

A criatividade permite que o grupo no GSC possa escrever e tratar de sua história para que propicie ser retomada lida e re-lida por outrem. A posição de dinamizador permite-me fazer do meu olhar de psicopedagogo, uma posição próxima a de um arqueólogo. Portanto, Psicopedagogia e aqueles pesquisadores têm em comum algo, que sustenta ambos fazeres. Algo que passa pela idéia de curiosidade e compreensão de um fato ou por explicações de fenômenos. Enfim, ambas as profissões retratam a necessidade de saber, de encontrar explicações para o que vêem. Ainda, enquanto psicopedagogo tem-se a necessidade de saber como a sensibilização e a criatividade podem ajudar na leitura de si.

Podemos encontrar na leitura uma forma para compreender aquilo que o texto de quem escreve retrata revela e desvela. Portanto, a leitura trata de uma experiência na qual o leitor se coloca em relação ao texto. Para Manguel (1997) “todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender” (p.20). Fazer da leitura, a decodificação de enigmas tem em sua base a própria necessidade humana de descobrir, ou de se perder e se achar para entender os enigmas lançado pelo autor do texto. Para Serafini (2006) “a leitura faz parte dessa necessidade humana de compreensão, de descobrir os enigmas da existência (p.41). A autora comenta que uma sociedade pode existir sem escrever, mas nenhuma sem ler, e que ler vem antes de escrever: “uma vez que esse mundo como um texto prévio, anterior ao leitor, só se constitui enquanto texto no momento em que é lido.” (p.41)

O trabalho e as experiências com GSC oportunizou-me a aproximação com um texto novo, que precisaria aprender a ser lido. Esta leitura pode ancorar-se não apenas nas lembranças de cada participante do grupo, mas também na releitura que ele faz dos textos e contextos produzidos pelo grupo, processo semelhante ao que ocorreu com as placas de argila, onde, após muito tempo, ao serem relidas, num outro contexto, um dado novo foi encontrado e uma nova leitura foi realizada.

A questão da leitura para Serafini (2006) é colocada como sendo “esse modo de ler, para saber quem somos e onde estamos, lembra-nos a função da bússola, que nos orienta, nos direciona durante uma trajetória” (p.41). Com o GSC, busquei tentar compreender a forma como percebia cada integrante o mundo com o qual se ocupava - o da educação. Deparei-me com a necessidade dos educadores de escrever e criar e dramatizar, alguns aspectos com os

quais eu pudesse pensar sobre o lugar e a representação que o espaço no qual vivem e ocupam. O conteúdo de textos, desenhos, maquetes entre outros me permitiram pensar sobre a sua relação com as palavras e com a realidade, por meio da relação que estabelecia com estas. Enfim, segundo a autora anteriormente citada, a leitura faz parte dessa necessidade humana de compreensão, de descobrir os enigmas da existência; bem como de fornecer subsídios para que possamos melhor compreender àquele que cria: escreve, desenha, pinta, ou seja: aquele que produz.

Manguel (1997) descreve como percebe aspectos exteriores e interiores quando executa uma leitura:

[...] sentado à minha escrivaninha, cotovelos sobre a página, queixo nas mãos, abstraído por um momento da mudança de luz lá fora e dos sons que se elevam da rua, estou vendo, ouvindo, seguindo (mas essas palavras não fazem justiça ao que está acontecendo dentro de mim) uma história, uma descrição um argumento. Nada se move, exceto meus olhos e a mão que vira ocasionalmente a página, e contudo algo não exatamente definido pela palavra texto desdobra-se, progride, cresce e deita raízes enquanto leio. Mas como acontece esse processo? (p. 41)

Para o autor, a leitura começa pelos olhos, e sobre isto, o autor retoma o que escreveu Cícero: “o mais agudo dos nossos sentidos é a visão” (p. 42). Para Santo Agostinho os olhos eram como o ponto de entrada do mundo e, para Tomás de Aquino, a visão era entendida como o maior dos sentidos pelo qual adquirimos o conhecimento. Contudo, Manguel complementa que é fácil compreender que as letras e o mundo são apreendidos pela visão. Porém, questiona o que acontece dentro do leitor quando se defronta com um texto, e de que forma aquilo que é visto pelos olhos chega ao nosso laboratório interno e como as letras se tornam legíveis. Portanto, o que seria o ato de ler? Para esta questão Manguel resgata a fala do Dr. Merlin C. Wittrock, na década de 1980, sobre a compreensão de um texto, e nos diz que “nós não apenas o lemos, no sentido estrito da palavra: nós construímos um significado para ele” (p. 54). Manguel conclui afirmando:

Nesse processo complexo, os leitores cuidam do texto. Criam imagens e transformações verbais para representar seu significado. E o que é mais impressionante: eles geram significado à medida que lêem, construindo relações entre seu conhecimento, sua memória da experiência, e as frases, parágrafos e trechos escritos. Ler, então, não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível capturar a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal (p. 54).

Ao ler, reescrevemos um texto, uma vez que a este atribuímos um sentido, indo ao encontro com a criação do leitor de envolver-se com o texto, de dar sentidos para o mesmo. Dar sentido a um texto pode ser visto ao longo da história da leitura, desde o período em que as pessoas reuniam-se para ouvir a interpretação e a dramatização do leitor, chegando à prática da leitura silenciosa. Portanto, a relação do leitor com o texto passou a ser muito singular. Logo, o leitor precisa se aproximar a fim de se apropriar do texto, independentemente da platéia, uma vez que não há outro para dividir a leitura. Para Birman (1995) “esta é a figura moderna do leitor, que lê o texto a sua maneira, com os olhos, ouvidos e entranhas (p. 16).” Serafini (2006) diz que o leitor irá imprimir sua presença no texto, partindo o escrito, fazendo lacunas enfim, reescrevendo. Logo, a presença do leitor caracteriza-se com a busca por dar sentido às palavras encontradas e que, aparentemente, pareciam não possuir uma relação lógica entre si. Enfim, encontrar esta lógica perpassa o desejo de compreensão do leitor.

Ainda Serafini (2006) coloca que o envolvimento do leitor com o texto deverá levar em conta a lentidão da leitura, a delicadeza da mesma, considerando as palavras escritas como uma força que nos leva além de nós mesmos. Logo, o leitor lerá com a subjetividade, com o seu próprio repertório textual que lhe permitirá produzir sentidos e interpretações. A autora sublinha que para Proust, o leitor era, um leitor de si, e a obra lida serviria de lente para que lesse a si mesmo. Assim, o autor fala sobre a função de uma obra como sendo um: instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo.

Conforme Barthes (1973) “o que eu aprecio, num relato, não é, pois diretamente o seu conteúdo, nem mesmo sua estrutura, mas antes as esfoladuras que imponho ao bel envoltório: corro, salto, ergo a cabeça, torno a mergulhar” (p. 18). Para Serafini, Barthes nos aponta a possibilidade da leitura ser pensada como corte, como quebra do escrito. Logo, a autora ressalta: “o leitor teria um posição ativa de entrar e sair do texto, de modificá-lo, de (re)escrevê-lo” (p.45).

Serafini afirma que quando alguém lê está tomando uma posição em relação ao texto. E Barthes (1996), considera o texto como um volume de marcas em deslocamento, um trabalho e um jogo, convocando o leitor a produzir significação. Contudo a produção de sentido como se refere a autora, passa pela necessidade de apropriação do texto pelo leitor, que irá imprimir a sua singularidade no ato de leitura. Isto é, a leitura é a leitura de si.

Os aspectos que envolvem o ato de ler e o do fazer da Psicopedagogia merecem atenção uma vez que, abre-se um novo campo teórico no qual este profissional se insere. Teoricamente a graduação em Psicopedagogia, proporcionou-me transitar por diferentes “psicopedagogias”. Uma mais ocupada com a produção do conhecimento, tendo esta um cunho cognitivista, campo que se ocupa com o entendimento dos processos de desenvolvimento mental ou de estrutura cognitiva. Dentro deste mesmo campo posso afirmar que se desenvolve uma leitura objetiva da aprendizagem como, por exemplo: se o problema está em não escrever, trabalhar-se-á para que este sujeito escreva. Segundo Parente (2004), a Psicopedagogia Cognitivista concebe “a aprendizagem como um processo voltado para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento da dimensão cognitiva, objetiva, lógica, cuja propriedade fundamental é a conservação do objeto” (p. 30).

O segundo campo teórico é atravessado pela psicanálise, mais especificamente por uma leitura, que se movimenta entre objetividade e a subjetividade entre conhecimento e o saber. Portanto, este campo teórico possibilitou o ato de ler a aprendizagem humana como uma forma de diferentes leituras, isto é, aproximar-me não somente daquilo que o conhecimento quer informar, mas do significado que este conhecimento produz, bem como as influências deste, por exemplo, sobre a autoimagem e autoestima, por meio de uma leitura do outro como leitura de si mesmo.

A partir destas experiências relevantes da minha trajetória, tanto acadêmica como profissional, fica salientado, pontuado o meu desejo em aprofundar meus estudos na área de desenvolvimento humano, saúde e educação. Logo, o ingresso no Mestrado na Faculdade de Educação, tornou-se uma grande oportunidade para qualificar minha prática profissional, ou seja, buscar desenvolver um estudo que aborde a saúde dos profissionais da educação.

Em uma disciplina do referido curso pude encontrar professores que vem pesquisando a temática do Bem-estar e Mal-estar Docente, em uma disciplina de Prática de Pesquisa denominada Bem-estar e Mal-estar docente com os professores Dr. Claus Stobaus e Dr. Juan Mosquera, no qual encontrei subsídios técnicos e teóricos para pensar uma proposta de intervenção psicopedagógica para o bem-estar dos educadores.

Destaca-se o Grupo de Pesquisa Mal-estar e Bem-estar docente coordenado pelos professores Mosquera, Stobäus e Santos (2007), o referido grupo foi criado em 1996 reunindo pesquisadores do âmbito nacional e internacional das áreas da Educação, Psicologia e Saúde. Conforme destacam os coordenadores do grupo de pesquisa o referido estudo tem colaborado no reconhecimento de elementos de mal-estar, estresse pessoal e profissional do educador,

bem como de detectar os níveis de mal-estar do docente, e uma grande atuação na área da prevenção por meio de estratégias de apoio ao bem-estar, desdobrando-se na formação do educador como pessoa. Para Mosquera, Stobäus e Santos (2007) as pesquisas com a referida temática tiveram seu início na Europa na década de 70 com os estudos de Freudenberguer. Saul Neves Jesus é outro estudioso europeu que tem se dedicado sobre o tema na atualidade. No Brasil os estudos sobre o mal/bem-estar docente tiveram como precursores Lipp na década de 1980 na região do sudeste, e no sul Mosquera e Stobäus tornaram-se referência sobre a temática na década de 1990.

Logo, a partir dessa disciplina referida aproximo as minhas experiências, meus questionamentos e meu exercício de leitura a todo conhecimento que está sendo produzido por estes professores, e no capítulo a seguir prossigo sobre estas questões.

As questões vinculadas ao Mal-Estar e Bem-Estar docente nos remetem ao processo que as pessoas adultas vivenciam em sua trajetória profissional de desenvolvimento. Logo, mostra como elas vêm apreendendo a lidar com seus aspectos positivos tais como: felicidade, alegria e amor; e que significados estão aderidos aos aspectos negativos, como: tristeza, desânimo e falta de desejo.

O tema do Mal-Estar e do Bem-Estar docente tem se constituído em excelentes achados para a área da educação porém, essas constatações ligadas a diferentes contextos brasileiros e em diferentes níveis do Sistema de Ensino ainda necessitam de pesquisas sobre como promover as mudanças necessárias visando auxiliar os docentes pessoalmente e profissionalmente e resgatar a verdadeira satisfação no exercício do magistério.

Portanto, a área da Educação necessita pesquisar estratégias que contribuam para a formação pessoal de seus educadores, ou seja, quando encontramos um grande número de professores desanimados, desesperançados, estressados, angustiados e tristes em comunidades escolares é porque se está diante de adultos pouco produtivos, pois se sabe que todo profissional é também aquele sujeito que *sofre* porque “precisa retomar-se frente ao encanto pelo seu fazer” que adormeceu, que está embotado, ou em certos casos desacreditado.

Enfim, devido às constantes mudanças sociais e as novas exigências, esse novo perfil de educador precisa ser escutado, olhado e trabalhado para que possam ser oferecidas a ele competências emocionais, cognitivas e profissionais no seu espaço vital - *aquele que dá suporte a sua ação, ao seu fazer.*

Pensar nos problemas humanos e criar alternativas para superá-los é o desafio de um estudo em que, as questões relacionadas tanto *ao bem-estar como ao mal-estar* nos colocam frente a mudanças estruturais, que em muito representam como nossa educação age sobre nosso comportamento e como através da compreensão sobre as mesmas podem ultrapassá-las.

Enfim, o mal-estar é um sintoma, é própria da geração de dificuldades do ser humano para (re)significar seus pensamentos quanto seu estilo de comportamento. Portanto, as questões vinculadas ao mal estar de nossa civilização, é o grande espelho do sentimento de desvalia e do pessimismo de nossos educadores, que fazem da sua profissão um problema existencial sem “saber e conhecer” suas reais causas.

Devido à quantidade de publicações sobre o *Bem-Estar e o Mal-Estar Docente*, e este último em uma maior escala, faz com que os estudiosos da educação se empenhem na busca de propostas que minimizem seus efeitos. Isso me exigiu e direcionou o encaminhamento de uma proposta de dissertação de mestrado que estivesse embasada na experiência, fruto de mais de vinte anos de pesquisa com os Grupos de Sensibilização e Criatividade – GSC, como a de Vanda Spieker de Oliveira porque, por meio da sua metodologia, pode-se realizar intervenções focadas na conflitiva anteriormente descrita com base na leitura de questões a serem identificadas como necessárias às (re) significações diretamente ligadas à docência.

O trabalho em Psicopedagogia, mais especificamente com o método GSC, como promoção de bem-estar, aos adultos docentes e/ou especialistas da comunidade escolar, indicam que são eles os maiores responsáveis pelo bom desenvolvimento emocional, cognitivo e sociocultural das crianças e dos jovens inseridos no sistema educacional. Logo, propor essa vivência a quem se ocupa da infância e da adolescência, é fazer o que existe de mais benéfico e econômico a um sistema de Saúde e Educação, ou seja, a prevenção das dificuldades que sempre podem surgir, ou as que estão se estabelecendo, principalmente quando o foco é a instituição escola.

Pensar nesta questão é recolocar e reordenar os estudos da psicologia perguntando: de quem devemos nos ocupar primeiro, das crianças ou dos adultos? Se colocarmos as crianças de início estaríamos sendo lógicos o bastante para argumentar que um bom desenvolvimento infantil, tenderá a alcançar resultados mais satisfatórios, pois os frutos desse trabalho nos encaminham também a sujeitos adultos mais saudáveis o que é desejável.

No entanto, se pensarmos no trabalho com adultos estamos possibilitando, que estes possam ser atendidos visando a equilíbrio de suas demandas desejantes e cognoscentes

frente a sua profissão o que se torna urgente e desejável. Todavia, não há como falar de bem estar humano, sem mencionar o mal estar, embora exista clareza de que é necessário resgatarmos os aspectos positivos das pessoas, para diminuir o sentimento de abandono e de angústia, em especial dos educadores. Esses passam por questões existenciais e, portanto, necessitam ser reconhecidos em seus desejos e em sujeitos com autonomia e autoria pensamento. (Spieker de Oliveira, 2009,)

Assim, o trabalho junto a educadores através do GSC trata da análise de como a sensibilização e a criatividade podem gerar ações motivacionais propulsoras, ou seja, com a capacidade de fazê-los sentir, perceber, criar e recriar pela autoria questões de autoimagem e autoestima, pois o produzir-se, o construir novos dados de identidade vai emergindo como espelho da superação das questões negativas pelas positivas.

Portanto, esta investigação instrumentalizará, os educadores através de vivências e oficinas de sensibilização e criatividade, promovendo o registro de questões existenciais e profissionais, a reconstrução e (re)significação da autoimagem e da autoestima.

A partir das reflexões realizadas em relação ao tema aqui proposto, e baseado na eminente importância do que se refere aos fenômenos que envolvem o bem-estar e mal-estar docente, apresento o seguinte problema de pesquisa:

Qual é a possível contribuição do método GSC – Grupos de Sensibilização e Criatividade para o bem-estar docente?

As questões que norteiam o estudo são as seguintes:

- a) Quais são as possíveis relações da autoimagem e da autoestima para o “fazer docente”?
- b) De que forma as expressões não verbais encaminham à expressão verbal para um apropriar-se dos significados de prazer e desprazer docente?
- c) De que forma a leitura do processo criativo, contribui para construção de um leitor de si?

Para tanto, o estudo conta com os seguintes objetivos:

- I. Promover situações de expressão verbal e não verbal que predisponham a introspecção individual, e ou de grupo para reflexão sobre o bem e mal estar;
- II. Refletir sobre as representações dos participantes do grupo, evidenciadas no GSC, para análise da relação entre autoimagem e autoestima;
- III. Evidenciar a leitura do grupo como uma (re)leitura de si.

2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

A partir dos objetivos e das questões norteadoras desta proposta de dissertação serão apresentados elementos que darão subsídio ao corpo teórico do estudo, bem como aprofundamento das seguintes questões: bem-estar e mal-estar docente, o mal-estar na cultura e a cultura do desamparo e o Grupo de Sensibilização e Criatividade como um processo de espaço/tempo para leitura de si e, por fim, os desdobramentos da autoimagem e autoestima.

2.1 MAL-ESTAR E BEM-ESTAR DOCENTE

Será tecido um capítulo pelos fios dos teóricos, Jesus, Garcia, Marchesi e Mosquera, os quais tem uma longa produção sobre as questões referentes sobre o mal-estar e bem-estar docente. Portanto, apresenta-se os estudos sobre stresse de professores portugueses, bem como seus efeitos na personalidade dos professores. Contemplar-se-á o conceito de burnout, e suas etapas pela leitura de Garcia. Trilha-se uma reflexão das mudanças socioculturais as quais tem gerado e convocado o educador a assumir novas exigências. Contudo, se evidenciará as tensões que vive o sistema educacional, bem como a incursão de aquisições de competências para a profissão docente na visão de Marchesi. E por fim uma leitura de Mosquera sobre uma educação para o terceiro milênio e uma importante contribuição sobre a cultura.

Há algum tempo a palavra *stress* tem feito parte do discurso das pessoas. Não obstante, esta palavra não é encontrada apenas entre os adultos, mas também na infância e entre os adolescentes. Neste sentido Jesus (2007) reforça que “as pessoas queixam-se do *stress* do dia-dia e que, as próprias crianças queixam-se do *stress* dos seus pais” (p.11). Entretanto, o autor complementa afirmando que, uma elevada percentagem das consultas de clínica geral nos EUA devem-se a problemas derivados do *stress*, chegando a 50%. No entanto, podemos encontrar alguns fatores que permitem compreender a ocorrência de situações de stress, especialmente no contexto profissional, segundo Jesus (2007):

- o ritmo de vida acelerado, quase alucinante, em que se tem de responder rapidamente a constantes novas solicitações;

- os ambientes altamente competitivos, em que muitas vezes os fins justificam os meios, resultando na perda de valores humanos, como a solidariedade e a cooperação;

- em particular, a instabilidade profissional – a falta de garantia de permanência no local de trabalho -, uma vez que a procura de emprego é maior que a oferta, e os empregadores em potencial aproveitam-se desta situação, o que leva muitos à necessidade de se esconder atrás de uma “máscara de eficácia” revelando-se sempre bastante competentes e eficazes, sob pena de terem o seu lugar no trabalho posto em risco;

- o sentimento de falta de controle ou de incerteza face aos resultados pretendidos, isto é, o alcance destes depende muitas vezes de fatores que não se controla (p.12).

Conforme Jesus: “ensinar é uma ocupação de alto stress” (p.13), e este é um problema atual que parece atingir boa parte dos professores. Para o referido autor a temática do mal-estar docente e especificamente o stress, vem atingindo mais da metade dos professores portugueses, uma vez que estes percebem a sua atividade profissional como grande geradora do stress. Recentemente um estudo feito por pesquisadores do instituto de prevenção do *stress* e saúde ocupacional (IPSSO), de Portugal, propuseram um trabalho no qual participaram 2.108 professores portugueses, e foi verificado que um em cada três sente que a profissão é desgastante, contudo também foi evidenciado que um em cada seis professores encontra-se em estado de exaustão emocional.

Para Esteve (1992) o stress é considerado um dos indicadores do mal-estar docente. Portanto o mal-estar inscreve os efeitos negativos da profissão sobre a personalidade, gerando assim, sentimentos de insatisfação, falta de responsabilidade, desejo em abandonar a profissão, angústia, ansiedade e depressão.

A partir dos sentimentos de insatisfação, ou de negatividade Garcia (2008) nos contempla com a definição de “burnout” ou síndrome do trabalhador queimado, o burnout pode ser descrito como um conjunto de sintomas que aparecem como consequência da vivência de situações negativas, salienta Garcia (2008) que na síndrome de burnout podemos encontrar três elementos básicos que influenciam na vida do trabalhador sendo elas: a energia, a implicação e a efetividade, dos quais derivam seis outros elementos básicos – carga de trabalho, responsabilidade com seu posto de trabalho, recompensas companheirismo, justiça e valor social . Para Garcia (2008) as causas para a referida síndrome são, o excesso ou falta de trabalho, falta de recompensas, bem como dificuldade em relação aos colegas e falta de

valorização social. Contudo o referido autor, salienta três etapas para o burnout, o esgotamento emocional, o cinismo e a desvinculação.

Portanto, o termo burnout é mais conhecido como mal-estar docente, conforme Garcia (2008):

A expressão mal-estar docente vem sendo utilizada com maior frequência a partir dos anos oitenta e se emprega para descrever os efeitos permanentes, de caráter negativo, que afetam a personalidade do ensinante como resultado das mudanças aceleradas produzidas no contexto histórico-social (p.26).

Devido às mudanças socioculturais o professor tem sido convocado a assumir novas exigências que o levam a sobrecarregar-se, com atividades extras e adicionais, como: manter a disciplina, ser simpático e afetuoso, atender individualmente alunos com diferentes ritmos de aprendizagem, cuidar do ambiente escolar, programar, avaliar, orientar, receber os pais e informar como está o progresso dos seus alunos, atender problemas burocráticos e organizar diversas atividades na escola. Garcia (2008) nos fala dos fatores que causam o mal-estar docente, classificando-os em primários e secundários, sendo que os primeiros acontecem na sala de aula e estão relacionados diretamente à ação docente, que envolvem limitação de tarefas e tensões negativas. Jesus (2007) destaca como pujante as seguintes mudanças, estando estas relacionadas aos fatores de primeira ordem:

o aumento das exigências em relação ao professor; a inibição educativa de outros agentes de socialização; o desenvolvimento de fontes de informação alternativas a escola, a ruptura do consenso social sobre a educação, o aumento das contradições no exercício da docência; a mudança de expectativas em relação ao sistema educativo; a modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo, a menor valorização social do trabalho do professor; as mudanças nas relações entre o professor e o aluno(p.18)

Os fatores secundários atingem indiretamente o exercício profissional, sendo este a massificação do ensino, a estrutura das relações de poder das instituições acrescido da baixa valorização profissional. Logo, a associação de ambos os fatores acarretam nos professores: desvalia, desmotivação, problemas de saúde, conseqüências estas que são reforçadas pela exigência da comunidade sob a forma de excesso de demandas e insegurança financeira.

Para Marchesi (2008), os aspectos negativos citados, tem em uma das variáveis as tensões que vive o sistema educacional, bem como as transformações sociais e as novas exigências que se apresentam para a formação de novas gerações. Ainda Marchesi ressalta

que o acesso à informação e ao conhecimento, bem como as mudanças da família e dos próprios alunos, as modificações no mercado de trabalho, os valores sociais emergentes, a presença crescente de pessoas imigrantes e a rapidez das mudanças são algumas das características da sociedade do século XXI. Enfim, aspectos que sem dúvida afetam o exercício da atividade docente. Além disso, podemos acrescentar as pressões sobre o ensino que são cada vez maiores, razão pela qual o professor, sente-se sobrecarregado, sem orientação, e em suma, propiciando os aspectos negativos de tristeza, desânimo e falta de desejo.

Segundo Mosquera, Stobäus e Santos (2007): “na realidade, a conjunção de vários fatores sociais e psicológicos mal diagnosticados está produzindo o que denomina um ciclo degenerativo da eficácia docente” (p. 263). Isto é, o mal-estar docente é um fenômeno social que é provocado pela falta de apoio da sociedade aos professores, refletindo como descrédito da profissão docente perante a sociedade.

Uma educação para o terceiro milênio é um ponto abordado e desdobrado por Mosquera (2003), uma vez que está se vivendo uma falta de equilíbrio devido à mudança veloz da tecnologia, tendo efeitos no ser humano já que, este, se vê impactado gerando dificuldades na internalização da realidade. Mosquera em sua incitação diz que: “estamos na era da Descontinuidade e do turbilhão, do conflito e, por isto, consideramos que a Educação está presa entre dois fogos, dois estilos de sociedade (p.44)” sendo eles o conservador e o inovador. O referido autor menciona que a sociedade é instável, inovadora e, principalmente, inventiva, e que o importante passa ser a aquisição de competências e de fluidez para poder gerir a vida (p.44).

Marchesi (2008) ressalta que para os profissionais da educação é imprescindível competências em favorecer o desejo de saber do aluno, ampliando seus conhecimentos, e de estar atento ao desenvolvimento afetivo e social, bem como ajudar na autonomia moral, estar preparado ao trabalho com os pais e ser efetivo no trabalho em equipe. E por fim, apreender com a própria experiência pessoal (p. 59).

A competência em favorecer o desejo do aluno está no profissional que projeta situações de aprendizagens na qual gera o efeito no aluno de aprender, fazendo com que este encontre sentido na aprendizagem, propiciando o reconhecimento da dedicação, da curiosidade e do aprender a descobrir. Porém Marchesi (2008) aponta quatro habilidades para que o profissional tenha êxito na referida competência. Primeiro, a demonstração verdadeira por parte do professor em ter prazer de ensinar o conteúdo em questão, ora, é impossível que o

aluno deseje o saber, se este saber não é desejado por aquele que transmite. A segunda habilidade está na busca de sentido para o objeto de estudo, em uma busca de significado e de sentidos. Sobre a terceira habilidade uma vez que esta se encontra no dialogar com o aluno possibilitando e investindo na colaboração do mesmo. E por fim, criar situações de aprendizagens variadas e adaptadas ao contexto de cada grupo escolar (p. 61).

Outro aspecto destacado pelo referido autor está na capacidade do professor em desenvolver seus alunos em sua vida afetiva e no âmbito social. Segundo Marchesi (2008) “a educação afetiva deve ser um objetivo em si, que se deve incluir no projeto educacional das escolas e na ação pedagógica dos professores, uma vez que aponta para um dos componentes principais do bem-estar do ser humano (p. 69)”. A produção de experiências com o outro, bem como o encontro com a satisfação pessoal sempre estará em questão uma vez que no social a criança estará fadada ao compartilhamento. Portanto, as crianças que se abstiveram de experiência que produz frustração estarão predestinadas a encontrar menor tolerância a espaços sociais que toda e qualquer escola oferece. Logo, a afetividade e a linguagem do professor são componentes que alicerçam o desenvolvimento do aluno.

A competência em favorecer a autonomia moral dos alunos, requer um espaço educacional que evidencie as relações humanas, consolidada por meio do conhecimento dos princípios que regulam o comportamento das pessoas. Marchesi (2008) destaca a dimensão cognitiva e a experiência afetiva:

A importância que se atribui à dimensão cognitiva não deve levar ao esquecimento da influência da experiência afetiva. Determinadas emoções tem em especial relevância no comportamento moral. A empatia é uma delas. Supõe, principalmente, que a pessoa seja capaz de compartilhar os sentimentos dos outros, e está vinculado à confiança das pessoas em si mesma e nos demais (p. 75).

Sobre a competência dos educadores ao trabalhar com as famílias de seus alunos requer sensibilidade, exige atenção nos apontamentos dos problemas enfrentados no espaço escolar, requer do docente uma posição de escuta, e de colaboração. Outra competência relevante está no trabalho em equipe. Este necessita colaboração e investimento por parte de todos que fazem parte do grupo, bem como estar ciente de que haverá uma produção coletiva de saberes que ora é individualizada, ora é coletiva, pois é por meio de uma teia de saberes que irá emergir a consolidação de um único saber, resultante das propostas do grupo. Porém, a referida produção de um saber coletivo fica barrado no imaginário pela disputa por uma evidência no grupo, que está calcada no narcisismo de cada integrante.

A última competência a ser destacada está ancorada na reflexão pessoal que desdobra na intuição e sensibilidade do educador tanto quanto do professor, assim questiona Marchesi (2008): “é uma questão de inteligência, de criatividade, de experiência, de personalidade ou de disposição? (p. 94)”

Mosquera (2003) fala do homem como um verdadeiro agente da mudança, uma vez que este tem a capacidade de se construir a si mesmo pelo movimento de conhecer o tipo de sociedade e de cultura, bem como de saber de sua própria história podendo se reinventar na medida em que a transmite a outrem. Portanto, a educação para um novo milênio requer reflexões e projeto prospectivo de uma cultura (p. 45).

2.2 O MAL-ESTAR NA CULTURA, E A CULTURA DO DESAMPARO

O alicerce deste estudo está nos conceitos e idéias da teoria psicanalítica (1856) Sigmund Freud. Então, a partir do ensaio, *O mal-estar na cultura* de 1929, Freud faz uma crítica à modernidade, onde coloca a idéia de desamparo como fundamento do sujeito. Porém encontra-se nesta produção uma linha de raciocínio o qual incide com conceitos importantes desenvolvidos pelo autor, bem como seu desdobramento na cultura ocidental.

Assim, o pai da psicanálise biografado por Peter Gay (1989), em seu livro *Freud: uma vida para nosso tempo*, descreve o momento particular do grande teórico do inconsciente ao concluir o ensaio dirigido à cultura quando salienta o momento em que Freud lida com questões de sua vida adulta tardia, especificamente, com preocupações com sua saúde. Gay comenta que Freud assim escreve em seu diário no período de novembro e dezembro de 1929: “nevralgia”, “ataque coração-intenso”, “dias de coração ruim” (p. 500). Neste período Freud assim é descrito por Gay:

No entanto, por mais melancólica que fosse a vida para ele, por mais melancólico que fosse sua mensagem em *O Mal-estar na Civilização*, Freud podia se reconfortar com a surpreendente popularidade alcançada pelo livro, em um ano, esgotou-se a primeira edição de 12 mil exemplares, excepcionalmente grande para uma obra de Freud. (p. 500)

O objetivo deste estudo será o de destacar e comentar as principais idéias e conceitos concebidos por Freud, no ensaio anteriormente citado, o qual faz ancoragem e delineamento com o mal-estar na cultura.

A primeira questão, a ser destacada dessa produção freudiana, vem da reflexão do sentimento de ligação imediata do homem com seu ambiente, o qual Freud se prende ao ouvir um amigo que o descreve como um sentimento “oceânico”. Contudo antes de argumentar diretamente sobre a questão, o autor apresenta o desenvolvimento do “eu” e suas fronteiras, bem como este eu reconhece diferentes fontes de satisfação/prazer e da dor/desprazer. Outro destaque está no aprendizado de distinguir o que é interior pertencente ao eu do que é oriundo do mundo externo, bem como o princípio de prazer, e o princípio da realidade.

Freud retorna à questão do sentimento oceânico e ressalta um outro sentimento reconhecido como fonte das necessidades religiosas, a qual se desdobra como uma forma de uma criação contra o desamparo humano frente ao mundo. A idéia de um mundo que gera dor e desilusões, desilusões que terão seu contraponto na consolação e substitutos, sendo esses: a atividade científica, a arte e o uso dos entorpecentes. Depois, o texto desloca-se para reflexão sobre a finalidade da vida humana, por meio da leitura do comportamento.

Outro ponto de grande relevância está na reflexão sobre a felicidade como ausência de desprezo e presença intensa de prazer e, desta relação, como a base para o aparelho psíquico. Evidencia os tipos de sofrimento e seus mecanismos, bem como a forma criada pelo homem como proteção contra o sofrimento, sendo estes o domínio das instâncias psíquicas superiores. Encontra-se também no texto, uma breve apresentação sobre a sublimação, e sobre a ligação do homem com a realidade e as diferentes manifestações do amor. A felicidade é retomada como um problema de economia libidinal. Freud apresenta as três fontes possíveis de sofrimento, sendo elas: o poder da natureza, a fragilidade do corpo e a deficiência das disposições que regulam os relacionamentos entre os homens bem como os seus desdobramentos. E, por fim, uma grande análise destas questões e idéias sobre o mal-estar na cultura.

Neste ensaio Freud relembra a troca que faz com o amigo, uma vez que este comenta que o referido sentimento oceânico dificilmente o abandona e faz a seguinte relação:

se bem entendi meu amigo, ele tem em mente o mesmo que um escritor original e um tanto extravagante ofereceu ao seu herói como consolo diante do suicídio: “Deste mundo não poderemos cair”. (p. 43).

O sentimento oceânico desdobra-se no pertencimento ao todo do mundo, porém Freud relata, uma vez que, o referido sentimento seria a ligação imediata do homem com o ambiente, sendo algo sem barreiras, sem fronteiras. Freud (2010) assim descreve:

Nada nos é mais certo do que o sentimento que temos de nós mesmos, de nosso próprio eu². Esse eu nos parece independente, unitário, bem distinto de todo o resto. Que essa impressão seja uma ilusão, que eu, ao contrário, se prolongue para o interior, sem fronteiras definidas, num ser psíquico inconsciente que chamamos de “isso”, ao qual serve, por assim dizer, de fachada, eis algo que nos mostrou pela primeira vez a investigação psicanalítica, que ainda nos deve muitas informações acerca da relação do eu com o isso. Mas em relação ao exterior, pelo menos, o eu parece conservar linhas fronteiriças claras e definidas (pg. 44).

As fronteiras do eu requerem atenção, pois estas podem se deslocar, pode-se imaginar a marca que faz o mar sobre a areia, ali está o eu com suas fronteiras, de um lado o mar/interno e de outro a areia seca e fofa, representando o mundo exterior. Porém, a fronteira descrita pode se extinguir, como a exemplo do homem apaixonado que assegura que seu eu e seu objeto de amor são um só. Outro exemplo está nas patologias, uma vez que, o eu restabelece sua fronteira com o exterior sem exatidão, como declara Freud (2010): “casos em que partes do corpo de uma pessoa, inclusive parcelas de sua vida psíquica, percepções, pensamentos e sentimentos parecem alheios e como não pertencente ao eu” (p. 45). Portanto as fronteiras do eu podem sofrer deslocamentos.

Freud ao retratar o sentimento no homem manifesta que este passou por um desenvolvimento e para exemplificar o autor retrata um bebê que não diferencia o seu eu de um mundo exterior, como fonte de sensações. A criança devido a esta estimulação sensorial cresce e se instrumentaliza psiquicamente reconhecendo um objeto que lhe traz satisfação porém, que está fora de si, e que em alguns casos recupera através do choro.

²Para Roudinesco e Plon (1998) o eu foi retomado por Freud a sede da consciência. O eu foi delimitado num sistema de primeira tópica (consciência, pré-consciência e inconsciente). Em 1920 Freud, conceituou o eu como uma instância psíquica, no contexto de uma segunda tópica: eu, o supereu e o isso (p. 210).

Contudo, reconhecer um fora também requer vivenciar sensações de dor e desprazer, as quais o *eu* tenta esquivar-se pelo princípio do prazer³, o qual seria o caminho mais curto para obtenção do prazer. O fora nos remete ao exterior que é ameaçador, logo provoca desprazer, no entanto o eu expulsa tais sensações criando um eu de prazer. Ou seja: alguns objetos que estão fora não fazem parte do *eu* e este *eu* criará estratégias para suportar sua ausência. Outro aspecto é que o desprazer não está unicamente no exterior do *eu*, mas dentro do mesmo de forma inseparável. Freud relembra que o aprendizado de distinguir o que é interior pertencente ao *eu* do que é exterior, oriundo do mundo externo, move para instauração do princípio da realidade, o qual oferece um caminho mais longo, mas de alguma forma gratificante, sendo este um desvio do princípio de prazer (porém, posterior ao mesmo). A referida distinção tem como objetivo defender-se de sensações de desprazer.

Portanto, como diz Freud (2010): “originalmente o *eu* contém tudo, mais tarde ele segrega de si um mundo exterior. O nosso atual sentimento do *eu*, portanto, é apenas um resíduo minguido de um sentimento de grande abrangência” (p. 48). O sentimento de abrangência se equipara ao sentimento oceânico.

Então o sentimento remete a uma ligação do *eu* com o ambiente, contudo Freud ressalta que este sentimento primário é como parte do eu, uma vez que este ficou conservado na vida psíquica, ou seja, este sentimento seria uma contraparte do sentimento do eu. Para Birman (2009), no diálogo entre Freud e seu amigo, fica evidente a descrença por parte de Freud quanto à existência de um sentimento oceânico, uma vez que isto implicaria uma espécie de fusão entre sujeito e outro, numa comunhão de corpos, de sentimentos e pensamentos (pg. 37). Segundo Birman (2009), o que está em questão é o desamparo humano, contudo o amigo de Freud aproxima o referido sentimento com o discurso da religião, o qual é contraposto por Freud em um mundo sem Deus (pg. 37).

Assim, esse mesmo sentimento tornou-se fonte para mais uma investigação, pois seria esse sentimento reconhecido como fonte das necessidades religiosas?

Esse questionamento é lançado por Freud que responde pontuando que o sentimento pode ser uma energia que expressa uma necessidade. Sobre essa necessidade Freud a coloca como uma criação contra o desamparo humano frente ao mundo externo, por ser ameaçador e produtor de angústia. Para Freud a religião cumpre essa função, ou seja, toma para si este

³ Segundo Roudinesco e Plon (1998), o par de expressões, Princípio do prazer e Princípio da realidade regem o funcionamento do aparelho psíquico. O primeiro tem por objetivo proporcionar prazer e evitar o desprazer, sem entrave e nem limites, o segundo modifica o primeiro, impondo-lhe as restrições necessárias à adaptação à realidade externa (p.603).

lugar de amparar o humano por meio do pai protetor. Enfim, a necessidade religiosa provém do desamparo infantil e do anseio da presença paterna.

Freud relaciona a necessidade religiosa com o papel do sentimento oceânico, sendo este um *reparador do narcisismo*. Assim o autor registrou: “soa-nos como uma primeira tentativa de consolo religioso, como um outro meio de negar o perigo que o *eu* reconhece provir ameaçadoramente do exterior” (FREUD, 2010, p. 57).

No escrito em O Futuro de uma ilusão de 1927 (ano da edição original), Freud aprofunda veementemente a questão da necessidade religiosa e da religião em si, uma vez que esta elucida o mundo com invejável completude onde há um ser maior que zelará pelo homem, prometendo uma existência no além como um reparador de suas frustrações. No entanto, a vida depende do mundo externo que gera dores e desilusões, e para tolerá-la o homem teve que encontrar uma consolação, ou substitutivos que para Freud (2010) seriam três: distrações poderosas que nos façam desdenhar nossa miséria, satisfação substitutivas que a amenizem e entorpecentes que nos tornem insensíveis a ela (p. 60).

Sobre os referidos substitutivos, Freud aponta a atividade científica como uma distração, e a arte como uma ilusão cumprindo uma função psíquica e por fim os entorpecentes que influenciam nosso corpo diminuindo a dor.

Evidentemente estes aspectos não dão conta da finalidade da vida, pois bem como nos diz Freud (2010): “temos o direito a deixar tal pergunta sem resposta” (p. 61), já que, se a vida humana possui uma finalidade própria ela perderia todo seu valor, ou seja, o valor está em procurá-la.

A finalidade da vida produz muitas questões e, conforme nosso autor permanecerá em aberto, sem resposta. Contudo, mostra que a questão da finalidade da vida pode ser lida no comportamento humano, o qual serve de bússola, direcionando o desvelamento da referida questão.

Nesse sentido, em relação ao comportamento humano Freud questiona: “o que os seres humanos, através de seu comportamento, revelam ser a finalidade e o propósito de suas vidas?” (p. 62) A resposta dada por ele está numa palavra simples e muito desejada por todos - *felicidade* . Sobre isso retornaremos à questão da ausência de desprazer e a presença de sensações intensas de prazer, pois a felicidade fica restrita meramente ao ideal do intenso prazer. Enfim, Freud retoma a discussão para o programa do princípio do prazer:

Esse princípio comanda o funcionamento do aparelho psíquico desde o início, não cabem dúvidas quanto à sua conveniência, e, no entanto, seu programa está em conflito com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Ele é absolutamente irrealizável, todas as disposições do universo o contrariam, seria possível dizer que o propósito de que o homem seja “feliz” não faz parte do plano da “Criação”. Aquilo que em seu sentido mais estrito é chamado de felicidade surge antes da súbita satisfação de necessidades represadas em alto grau e, segundo sua natureza, é possível apenas como fenômeno episódico (p. 62).

O permanente prazer é irrealizável, logo experimentar sua ausência é inevitável. Enfim, a ausência de prazer gera alguns sofrimentos e mal-estar como: aquele que ameaça o corpo, a dor e o medo tornam-se sinais da presença de perigo que vem do mundo externo e, por último, o mal-estar oriundo das relações entre os homens. A pressão que o homem sofre, tem como efeito a reclamação pela felicidade a exemplo do princípio do prazer, porém suportar a ausência de prazer tornou-se uma forma de lidar com a infelicidade, ou melhor, de postergar o prazer pelo princípio da realidade.

Outra forma de falar sobre a felicidade é desdizê-la pela incessante busca da satisfação, sendo esta uma forma de conduzir a vida. O homem encontrou e desenvolveu mecanismo para lidar com o desprazer/sofrimento bem como com suas fontes, a exemplo, as ameaças do mundo externo.

A partir dos tipos de sofrimentos pode-se refletir sobre tais mecanismos, como por exemplo, a solidão voluntária, ou distanciamento em relação aos outros que é uma forma de lidar com a tensão provocada ao se relacionar, pois é comum algumas pessoas encontrarem na quietude tal satisfação. Outro exemplo é o esforço do homem em controlar a natureza para poder se defender da mesma, ou seja, submeter à natureza a vontade humana, e por último evitar a dor. A dor é uma sensação e basta evitar o reconhecimento desta no organismo, pela adoção do uso de drogas.

Freud analisa os mecanismos envolvidos na medicalização, uma vez que estes propiciam sensações imediatas de prazer, mudando assim a percepção, bem como a condição da vida humana fazendo com que não se reconheça o desprazer. Enfim, a drogadição se alicerça no afastamento da desgraça e do sofrimento resguardando o prazer e a felicidade, aspecto apurado por Freud quanto ao ser humano ter encontrado mecanismos para escapar da pressão da realidade. Por outro lado ele mostra que a medicalização não possibilita ao homem seu aperfeiçoamento, pois desperdiça grandes quantidades de energia que poderiam melhorar seu destino.

A relação entre prazer e desprazer está na base da complicada construção do aparelho psíquico. A satisfação dos impulsos equivalem a felicidade, logo torna-se grave e desagradável para o sujeito quando esta satisfação não é alcançada.

Porém, Freud coloca que o homem cria uma forma de proteção contra o sofrimento, sendo este o domínio das instâncias psíquicas superiores que se submetem ao princípio da realidade. Isso não significa a recusa à satisfação e ao prazer. Enfim, há uma organização por parte do aparelho psíquico quando acontece o deslocamento libidinal, o qual alcança a função de flexibilidade - que significa deslocar o objetivo do impulso/pulsão⁴, ou seja, buscar sua satisfação antecipando a frustração oriunda do mundo exterior, o que para Freud se constitui em sublimação, por cumprir essa função.

Birman (2009) descreve as duas versões iniciais sobre a sublimação. A primeira versão seria uma experiência de verticalização, com o sujeito se desprendendo de sua corporeidade animal atingindo os objetivos da cultura, ou civilização. Na segunda versão freudiana, a sublimação não é um ato de espiritualização, mas de lateralização, implicando na horizontalização das ligações do sujeito com os outros pela construção do laço social (p.132). Portanto a sublimação permite elevar de modo satisfatório o ganho de prazer obtido de fontes de trabalho psíquico e intelectual. Assim destaca Freud (2010):

Satisfações tais como a alegria do artista ao criar, em dar corpo aos produtos de sua fantasia, ou a do pesquisador na solução de problemas e na descoberta da verdade, possuem uma qualidade especial que um dia com certeza seremos capazes de caracterizar metapsicologicamente. Por ora, apenas podemos dizer de modo figurado que elas nos parecem “mais finas e elevadas” (p. 69).

No entanto estes aspectos mais refinados e elevados não garantem uma proteção completa contra o sofrimento, seria a supor que o ser humano por mais que tente descrever a realidade sempre haverá algo que lhe escapará, ou seja, os processos interiores e psíquicos buscam encontrar uma satisfação, porém nunca será completa. Para Freud o ser humano procura uma independência em relação ao mundo exterior. O referido autor examina a ligação do humano com a realidade uma vez que, estes processos possibilitam a qualidade deste laço, adquiridos por ilusões, que por sua vez provém da fantasia. A compreensão da realidade dependerá desta produção e de sua ilusão, ou seja, a realidade estará permeada e sustentada

⁴ Nesta edição da editora: Coleção L&PM de Mal-estar na cultura o termo em alemão Trieb fora traduzido por impulso, contudo em outras edições pode-se encontrar o termo pulsão. Roudinesco e Plon (1998) ressaltam que o emprego do termo pulsão por Freud, é definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem (p. 628).

por uma representação criada pelo próprio homem. Enfim, seria a realidade o principal inimigo do homem? Para Freud todos os homens se comportam de maneira semelhante a um paranóico⁵, uma vez que este corrige os aspectos insuportáveis da realidade por meio de desejo, criando essas modificações da realidade.

Modificar a realidade implica no deslocamento da satisfação para processos psíquicos interiores, sem o afastamento do mundo externo, mas usufruindo os objetos por meio de uma relação afetiva, obtendo felicidade dos mesmos.

Nesta relação afetiva ressalta-se o amor como centro, no qual se espera a satisfação do fato de amar e ser amado, trazendo ao homem experiências intensas de prazer e de felicidade, na manifestação do amor, em específico o amor genital no qual o homem encontrou avassaladora experiência de felicidade.

Outro aspecto sobre a felicidade é visto no gozo da beleza, beleza das formas e dos gestos humanos, bem como nos diz Freud (2010). E o autor refere-se a este aspecto sublinhando que este não protege contra o sofrimento, porém é capaz de compensar muitas coisas. O autor neste ensaio relembra que o princípio do prazer por completo é inacessível, o que é evidente, no entanto o homem não consegue desistir de tal feito. Para Freud a felicidade é um problema de economia libidinal⁶. Esta posição de Freud, interpretada por Birman, estava calcada na crença do ideal de felicidade possibilitado pela ciência, no discurso do iluminismo, uma vez que prometeria bem-estar para todos, sendo esta uma fórmula universal. Mas, Birman adverte que Freud discorda, pois que para ele a felicidade aconteceria de maneira singular (p.38) enfatizando: “cada homem necessita experimentar por si próprio a maneira pela qual pode se tornar feliz” (1929, p.76).

Torna-se importante, ainda, para o presente estudo as três fontes possíveis para o sofrimento que Freud propõe: o poder superior da natureza, a fragilidade de nosso próprio corpo e a deficiência das disposições que regulam os relacionamentos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade (p. 80). Para o autor, quanto às duas primeiras fontes de sofrimento, o homem jamais terá o controle total sobre elas, pois ambas resultam, tem sua origem na própria concepção da soberania da natureza, sendo que o organismo humano faz parte desta natureza.

⁵ Termo derivado do grego (para = contra, noos = espírito), que designa loucura no sentido da exaltação e do delírio, (Roudinesco e Plon, 1998, p.572).

⁶ O termo libido Freud utilizou para designar a manifestação da pulsão.

Sobre a terceira fonte de sofrimento, no âmbito do social, podemos avaliar as inúmeras tentativas e disposições criadas pelo próprio homem para regular suas relações e os benefícios aqueles com quem se relaciona embora exista certo nível de sofrimento gerado pela presença, ou pelo compartilhamento com o outro. A inoperância sobre esta fonte de sofrimento reflete parte da natureza humana invencível, a própria constituição psíquica.

O social com a sua forma de organização é a tentativa de equilibrar os benefícios entre os homens, propiciando o prazer e protegendo do desprazer gerado na relação, contudo, o resultado destas tentativas é a criação da própria cultura, isto é, seus costumes, normas e regras. Por sua vez esses são os representantes da ineficiência e da miséria cultural produzidas entre os homens.

Ratificada a idéia de uma cultura de misérias criada pelos homens, convém destacar que este mesmo homem não a engoliu e não a digeriu, já que demonstrou ao longo da história sua insatisfação e sua hostilidade com a mesma. Para exemplificar, Freud (2010) relembra os avanços das viagens de descobrimento que permitiram o contato com outros povos e tribos primitivos, porém por meio de uma leitura equivocada os viajantes compreendiam de forma distorcida aquelas culturas, pois acreditavam que estes povos eram mais felizes devido a simplicidade de suas vidas. Freud também destaca que o homem se torna neurótico⁷, pois é incapaz de suportar o grau de frustração que a cultura lhe impõe devido a suas formas de regulação.

Freud lança uma idéia interessante, na qual questiona: em épocas passadas os homens poderiam ser considerados mais felizes, do que atualmente? Talvez se possa pensar que atualmente a cultura, devido ao seu grande desenvolvimento tecnológico, possibilita mais sensações de prazer, bem como contribui para inúmeras e diferentes formas de comunicação entre os homens. E, por fim, dá ao homem maior segurança contra a natureza na qual ele se inclui podendo, em algumas situações ser controlada de forma real, isto é, hoje se cuida mais do corpo humano lhe proporcionando mais tempo de vida.

Freud (2010) ressalta o desenvolvimento do início do século XX, e seus apontamentos são tão atuais que trocaríamos apenas as ferramentas criadas nos diferentes períodos. Assim Freud descreve:

Se não existissem ferrovias que superassem as distancias, então o filho nunca teria deixado a cidade natal e não se precisaria de telefone

⁷ Psicose, autismo, perversão e neurose são conceitos que designam a estruturação subjetiva do sujeito. Contudo a neurose se caracteriza pela relação de falta e de inacabamento, por parte do sujeito, barrado pela castração.

para ouvir a sua voz. Se não houvesse a navegação transoceânica, o amigo não teria empreendido a viagem marítima e eu não precisaria do telégrafo para acalmar minha preocupação por ele. De que nos adianta a mortalidade infantil, se justamente isso nos obriga a uma contenção extrema na geração de filhos, de modo que, em geral, não criamos mais crianças do que nas épocas anteriores ao império da higiene, ao mesmo tempo em que colocamos nossa vida sexual no casamento em condições difíceis e provavelmente contrariamos a benéfica seleção natural? E, por fim, de que nos adianta uma vida longa se ela é penosa, pobre em alegrias e tão cheia de sofrimento que só podemos dar boas-vindas à morte, saudando-a como libertadora? (p.84)

Embora, o homem demonstra de forma ativa que pode modificar seu destino criando alternativas por meio da criação de recursos como os citados anteriormente, nada garante sua felicidade plena, bem como ressalta o autor deste ensaio, no qual evidencia que é difícil se ter certeza se e o homem em épocas anteriores fora mais feliz do que atualmente. Seria possível verificar em quais ocasiões o homem alcança a felicidade? Para encontrar uma resposta digna teria que se avaliar as variações da sensibilidade subjetiva, uma vez que a felicidade é algo puramente subjetivo. Contudo, pode-se expor o que constitui a cultura, e principalmente o valor atribuído à felicidade.

Importante recordar que para Freud (2010) a palavra cultura designa a soma total de realizações e disposições pelas quais a nossa vida se afasta da de nossos antepassados animais, sendo que tais realizações e disposições servem a dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação das relações dos homens entre si.

O nível de cultura de um povo pode estar ligado ao zelo de coisas úteis, no entanto aspectos que poderiam ser considerados inúteis como a apreciação da beleza, mas que tem sua função e valor, uma vez que o homem encontra prazer e satisfação na produção e veneração de sua criação, podemos venerar a cultura do belo, bem como a da limpeza e a da ordem.

A ordem tem seus benefícios e é indispensável, pois torna possível o melhor uso do espaço e do tempo, evitando o desgaste de energia psíquica. A limpeza é outro determinante cultural. Segundo Freud (2010) a beleza, a limpeza e a ordem ocupam evidentemente uma posição especial entre as exigências culturais. As atividades psíquicas superiores, das realizações intelectuais, científicas e artísticas também são características humanas. Ressalta-se a maneira como são reguladas as relações entre os homens, a relação de vizinhança, de ajudante, de família e de Estado, logo a cultura regula as relações sócias.

É evidente que a cultura é uma tentativa de regular as relações entre os homens, e os benefícios entre os mesmos, no entanto o individual emerge, ou por meio de uma reivindicação ou protesto, que podem gerar crescimento e aprimoramento da própria cultura, ou simplesmente ser uma demonstração de hostilidade com a mesma. Segundo Freud (2010), a hostilidade pode se originar de um resto de personalidade originário, não domado pela cultura, e se tornar o fundamento da hostilidade contra essa cultura. Conforme o autor:

Não parece que se possa levar o homem, através de algum tipo de influência, a transformar a sua natureza na de um cupim; é provável que ele sempre defenda sua pretensão à liberdade individual contra a vontade da massa. Uma boa parte da luta da humanidade se encontra em torno da tarefa de encontrar um equilíbrio conveniente, ou seja, capaz de proporcionar felicidade, entre essas exigências individuais e as reivindicações culturais das massas, e é um dos problemas cruciais da humanidade saber se esse equilíbrio é alcançável através de uma determinada conformação da cultura ou se tal conflito é irreconhecível” (FREUD, 2010, p. 99).

O autor nos mostra que cultura não é sinônimo de aperfeiçoamento, mas a cultura como uma modificação das disposições dos impulsos humanos, algo que se evidencia nos homens, isto é quando falamos de seu caráter.

Portanto, na concepção psicanalítica a semelhança do processo cultural com o desenvolvimento da libido do ser humano, torna mais claro os possíveis caminhos percorridos pelos impulsos e seus desdobramentos e efeitos nos homens. Os impulsos quando são redirecionados para o alcance da satisfação, na qual coincidam com atividades psíquicas superiores, tem um papel importante para a cultura porque ocorrem devido a capacidade do homem de sublimar.

Freud (2010) destaca que a cultura está solidamente fundada na renúncia dos impulsos, ou seja, de sua não satisfação, porém o autor faz um recorte dizendo: “não é fácil entender como se torna possível privar um impulso de sua satisfação” (p. 102).

Para a compreensão da concepção de desenvolvimento cultural, Freud (2010) reflete sobre a que se deve a origem da cultura bem como o determinante de seu curso. Para esta reflexão o autor assinala que o homem não pode ser indiferente ao fato de que outro trabalhasse com ele e contra ele. Enfim, o outro recebe o lugar de colaborador, e algo se produz entre ambos. Os primeiros colaboradores o homem provavelmente encontrou dentro da própria família. Sobre a família Freud diz que esta inicialmente teve sua constituição devido à necessidade de satisfação genital, satisfação na qual se desdobrou na construção do

laço social, ou seja, a partir da satisfação genital o outro tornou-se importante gerando marcas e representações permanentes. Segundo o autor:

A convivência dos seres humanos foi assim duplamente motivada: através da coação ao trabalho, resultado da necessidade exterior, e através do poder do amor, que da parte do **homem**, não queria prescindir da mulher como objeto sexual, e, da parte desta, não queria prescindir da criança, um fragmento que se desprende dela. O amor e a necessidade também se tornaram os pais da cultura humana (FREUD, 2010, p. 106).

Freud evidencia que o primeiro êxito cultural foi a permanência dos humanos em um sistema de comunidade, no qual um desenvolvimento a partir do domínio e de uma melhor relação com o exterior se desdobrasse em uma ampliação de humanos vivendo dentro de uma mesma cultura. E, por fim essa cultura teria como seu motor o propósito de tornar os homens felizes.

A felicidade na lógica deste ensaio tem seu alicerce no amor e na necessidade. Especialmente sobre o amor pode-se considerar como sendo o fundamento da cultura. Este tema é abordado a partir do amor genital, amor no qual o homem pode vivenciar intensos momentos de prazer, porém não fica preso apenas às relações sexuais, ou seja, este não é o único atrativo de sua vida. Freud (2010) diz que o homem ao se ocupar desta única forma de amor, estará perigosamente dependente de uma parte do mundo exterior, podendo se expor ao mais extremo sofrimento na medida em que perca este objeto de satisfação.

Freud também apresenta modificações psíquicas da função do amor, na qual a relação com o objeto não desdobrar-se-á na dependência, porque o homem encontra prazer no ato de amar e não puramente na ação de ser amado.

Contudo, na medida em que o homem dirige seu amor a vários objetos, esquivar-se do estado produzido na dependência de um objeto, como no amor genital o homem afasta-se de sua meta meramente sexual, transformando o impulso em impulso de meta inibida.

A meta inibida para Freud (2010) considera: “o estado de uma sensibilidade, imperturbável, equilibrada – não possui mais muita semelhança exterior com a vida amorosa genital (p. 108)”. Seria, portanto, a disposição ao amor universal por todos os seres. O amor que fundou a família surge da satisfação sexual imediata, porém sofre modificações como a proposta pela meta inibida, a qual permite o amor ser também o representante da relação afetiva entre pais e filhos, bem como representante da amizade entre os homens. Como diria o

autor, “o amor genital leva à formação de novas famílias, o de meta inibida, a amizade (p. 110)”.

A relação entre o amor e cultura, traz novamente para análise o ideal da regulação entre os homens. Logo, o amor se defronta com os interesses da cultura, e esta o ameaça com suas limitações. Portanto, destacam-se novamente os tabus, as leis e os costumes como limitações que atingem o homem, mas que são empreendidas como fomento da cultura.

Ao mesmo tempo em que há a ampliação da cultura, existe o limitar da vida sexual, como retrata Freud (2010): “na primeira fase da cultura, a do totemismo, traz consigo a proibição da escolha incestuosa de objeto, talvez a mais radical mutilação que a vida amorosa humana experimentou ao longo das épocas” (p. 112). Forma-se a idéia de que a partir do sacrifício da satisfação sexual, e da formação de meta inibida, o qual produz ligar os homens formando a comunidade, por meio de identificações, a restrição da vida sexual se torna inevitável para Freud.

Por fim, além do amor Freud coloca a existência da inclinação agressiva, uma vez que este fator prejudica o relacionamento entre os homens. A cultura evidentemente cumpre o papel de deter em suas manifestações por meio de formações reativas. Contudo, a insatisfação do homem com a cultura pode ser percebida por sua hostilidade, que nada mais é do que expressão de seus impulsos agressivos.

Enfim, o sacrifício da satisfação sexual e o sacrifício das tendências agressivas do homem demonstram o quanto é difícil para o homem ser feliz na cultura.

A tendência ou impulsos agressivos também ganham espaço e significam mais desdobramentos para o pensamento inaugurado por Freud.

Sobre a agressividade pode-se dizer que é comum ao homem, porém sua agressividade encontrou certa neutralização a partir da forma como se estabeleceu a relação organizada entre os adultos, mais especificamente entre o adulto e a criança. Inicialmente, a criança tem uma relação de completude com sua mãe, e mais tarde reconhece uma diferença entre ela e sua mãe, a qual é reforçada pela interdição de um terceiro indivíduo (na maioria das vezes o pai), por sua vez a criança passa a ter consigo estes representantes internamente. Assim, a cultura será posteriormente o vigia e o dominador das relações entre os homens, os quais terão constituído psiquicamente uma instância que represente a moral e o sentimento de culpa.

Freud (2010) apresenta o sentimento de culpa como o problema mais importante no desenvolvimento da cultura e demonstra que o preço do progresso cultural é pago com a perda da felicidade devida à intensificação do sentimento de culpa.

Segue-se o intento de desdobrar a produção de Freud sobre o mal-estar, pela leitura de Birman com suas duas produções: *Mal-estar na atualidade* (2009) e *Arquivos do mal-estar e da resistência* (2006). Ambas as produções tem como designo o mal-estar referente ao sujeito e ao campo da subjetividade, bem como nos destinos do desejo na atualidade, uma vez que estes abrem espaço para pensar nas subjetividades circunscrevendo o mal-estar contemporâneo.

A leitura feita por Birman sobre a produção de Freud, liga-se a contradição entre os pólos da pulsão e da civilização, com uma maior evidência ao mal-estar do sujeito na modernidade, uma vez que era a lei do próprio sujeito no mundo moderno que instigava Freud, o que teve como efeito a psicanálise como uma leitura da subjetividade e de seus impasses na modernidade, ou seja, uma crítica a condição do sujeito no mundo moderno.

Conforme Birman (2009) o desamparo do sujeito indica o ponto de chegada do discurso freudiano (p. 36). Por este enunciado Freud demarcou a posição de fragilidade estrutural do sujeito, estando esta associada às fontes de sofrimento para o homem, relacionadas a sua corporeidade, às ameaças oriundas da natureza e ao desconforto gerado nas relações ambivalentes com os outros. Contudo, a posição de Birman quanto à produção de Freud, além da sistematização de que o homem é frágil, finito e mortal, tendo como efeito ser sujeito da criação e produção de sua cultura, constituindo-se esta o tamponamento das marcas que se materializaram, da suposta auto-suficiência e da onipotência.

As formulações de Birman (2009) estão fundamentadas na teoria das pulsões, mais especificamente na pulsão de morte que em particular se baseia no enunciado de desamparo do sujeito. Sobre a referida pulsão diz o autor: “admitir a existência de uma modalidade de pulsão sem representação e sem que esta se inscreva no circuito da satisfação pela mediação de um objeto fornece o quadro de base que se possa pensar na posição do sujeito na condição de desamparo (p. 37)”. Seguindo pela trilha de Birman, o que caracterizaria a posição da subjetividade é reconhecer que esta é insuperável, e que o registro psíquico do desamparo é algo de ordem na qual o sujeito está fadado. Sobre esta questão Birman (2009) afirma que “o sujeito é desamparado por vocação, não por acidente histórico-evolutivo (p. 37)”.

Traça-se aqui um percurso sobre o desamparo na visão de Birman (2009). O autor coloca que o sujeito se encontra diante da pressão das forças da pulsão o qual o submerge. A invasão súbita da pulsão obriga o sujeito a produzir ligações com objetos capazes de ofertar a satisfação, coincidindo com nomeação das forças citadas. Com o desamparo o sujeito tem um prazo de construir um circuito que dê conta das intensidades oriunda das forças pulsionais, bem como a de construir ou seguir um novo curso para a intensidade da pulsão por meio *produção simbólica*. Sobre esta questão Birman (2009) prestigia-nos:

O sujeito se encontra na posição inevitável de angústia real, que pode ter um efeito traumático caso ele não possa transformá-lo em angústia do desejo, já que o efeito do impacto pulsional é sempre a angústia. A constituição de circuitos pulsionais ligados a um campo de objetos da satisfação, possibilitando a simbolização das forças pulsionais em representante-representação, constitui a condição sine qua non para transformação da angústia do desejo, impossibilitando, pois, a instalação, no sujeito, do horror ao trauma (p. 44).

O atravessamento de angústia real no sujeito tem o efeito e a produção da diferença, e da singularidade, sendo esta a forma de transpor a angústia real em angústia do desejo, o qual Freud denominou de sublimação a qual produz eco na cultura.

Percorrem-se as questões sobre pulsão e civilização no discurso freudiano. A relação entre as referidas questões coloca-nos novamente na estrutura ou conflito proposto por Freud, uma vez que, o conflito que aqui se fala é a do desamparo, ou seja, algo que o sujeito está predestinado, ou melhor: o sujeito está fadado a administrar este conflito/desamparo. Caso contrário, segundo Birman (2009), “seria necessária uma espécie de gestão interminável e infinita do conflito pelo sujeito, de forma tal que este não poderia jamais se deslocar de sua posição originária de desamparo (p.129)”.

Birman ressalta que a questão do desamparo e sua incurabilidade fizeram Freud retomar e reconstruir conceitos. A exemplo disso destaca-se o conceito de sublimação, que para Birman está na base da gestão do desamparo. Assim, concebe o autor:

A gestão do desamparo toma uma direção bem precisa para o sujeito, diferente, pois, da versão freudiana inicial sobre sublimação. Nesta versão, a sublimação era uma experiência de espiritualização, de ascense, pela qual a subjetividade seria purificada de seu erotismo perturbador. A sublimação seria uma experiência de verticalização, com o sujeito se desprendendo de sua corporeidade animal e alçando-se aos pináculos da razão civilizatória. Na segunda versão, a sublimação não é um ato de espiritualização, mas de lateralização, com o sujeito não se desprendendo do registro corpóreo. Pelo contrário, a sublimação implica a horizontalização das ligações do sujeito com os outros, pela tessitura de laços sociais e pela produção de obras no campo destes laços (p.132).

A idéia de tessituras dos laços sociais remete pensar que o sujeito ao gestar seu desamparo necessitará de um outro no qual cumprirá a função de ordenar o circuito da pulsão, o qual estaria destinado à descarga, conforme Birman (2009):

Sem o outro a ordenação do circuito pulsional seria impossível, pois a força pulsional seguiria inevitavelmente a via da descarga. Com efeito, por intermédio do outro a ligação entre força pulsional, os objetos e os representantes daquela seria promovida. Sem o outro, pois, o infante não poderia sobreviver, mesmo no registro da ordem vital (p.136).

O referido autor coloca que a partir do outro, o sujeito desloca a pulsão de morte para o prazer, possibilitando a existência humana, agora alicerçada na linguagem.

2.3 GRUPO DE SENSIBILIZAÇÃO E CRIATIVIDADE UM PROCESSO, E UM ESPAÇO PARA LEITURA DE SI

Vanda Spieker de Oliveira autora do livro: Grupos de Sensibilização e Criatividade - GSC – prevenção em saúde mental e desenvolvimento sociocultural, 2009, assim sintetiza sua obra:

Em síntese, este livro trata da sensibilidade e da criatividade de pessoas que, juntas, expõem-se a um processo de busca de suas verdades e das verdades do grupo. E esse – o processo – sempre é único. Pertence àquelas pessoas, àquele grupo, àquele dinamizador. Portanto, impõem estudo, análise e compromisso (p. 12).

Portanto, o GSC é um método que foi desenvolvido através de pesquisa por mais de três décadas, sendo discutido com a comunidade científica em nível nacional e internacional, contemplando inúmeros profissionais do Brasil e países da América Latina e Europa, com sua adoção por aqueles que o utilizam no seu fazer profissional, confirmando e atestando a validade dos resultados obtidos na pesquisa-base da autora.

Contudo, em seqüência, apresentar-se-á a concepção da autora quanto ao método, a sua conceituação e forma de leitura, bem como seu alicerce teórico que sustenta a forma de ler e intervir junto ao grupo/sujeitos que constituem esse grupo, visando o desenvolvimento sociocultural e a prevenção da saúde mental dos participantes.

Spieker de Oliveira a partir da sua longa experiência na clínica de psicopedagogia e psicoterapia acredita que: “o sujeito se beneficia e se estrutura pelas trocas, pelas buscas de equilíbrio e pelas aprendizagens que realiza (p.20)”. Para a autora a criatividade era a via que poderia levar a uma suposta normalização do sujeito, porém, para o acesso à esse tipo de criatividade o grupo/sujeitos teriam que passar pelo importante processo de sensibilização, pois sem este não se chegaria ao processo criativo. Segundo a autora é preciso: “um estar junto, um caminhar, ou seja, é preciso todo um processo capaz de tornar o sujeito passível de sensibilidade, de sentir-se escutado, olhado, tocado pela voz, palavra, música, formas, cores, corpo, até poder se fazer criativo (p.20)”. Enfim, o GSC está baseado no sentir, no pensar, no falar, no ouvir, no escolher, no brincar, no jogar, no construir, no discutir, no respeitar.

Pela pesquisa através de um GSC pode-se dizer que a comprovação ou ausência de uma organização submetida às mudanças que ocorrem dentro de um trabalho em grupo, podem se refletir pela aprendizagem que oportuniza melhores condições de relações interpessoais, possibilita o reconhecimento de potencialidades e habilidades, bem como de dificuldades, e ainda leva à descoberta do prazer e do sofrimento da autonomia e da autoria de pensamento, bem como a de exercer uma nova leitura de si mesmo, de sua identidade, de dados identitários, até então não conhecidos/reconhecidos. Portanto, para pesquisar questões tão profundas, conforme Spieker Oliveira (2009): “era preciso uma proposta na área da prevenção de saúde mental e desenvolvimento sociocultural que estivesse calcada na díade sujeito/grupo.

A autora ressalta que a sensibilidade e a criatividade permeiam a esfera do eu, do tu e do nós. Que o sujeito constitui o grupo doando gratuitamente seu eu, estando este vulnerável a ser marcado pelas trocas estabelecidas com o grupo. É possível pensar que haja grupos saudáveis que propulsionam o desenvolvimento sadio de seus participantes, e em caso contrário, um grupo fragilizado pode levar o sujeito participante a adoecer. A sensibilidade proposta no GSC é trabalhada de forma grupal e individual, e o mesmo ocorre para criatividade. Assim destaca a autora: “Sensibilização é o processo pelo qual passa cada participante do grupo, na expectativa de que as forças criadoras do EU sejam mobilizadas com possibilidades de emergirem. Podemos considerar o processo de sensibilização, neste método, a estratégia para a criatividade (p.22)”. Porém, Spieker de Oliveira resgata o sonho como algo fundante para sensibilização, tanto o sonho encontrado no sono, tanto quanto o sonho que tem a dimensão de desejo. A referida autora circunscreve esta questão:

Quando criei o método GSC, fixe-me mais no sonho que sonhamos acordados, sem, no entanto, esquecer que estes estão diretamente ligados aos que sonhamos dormindo e vice-versa. Isto focaliza a questão do inconsciente e da fantasia como preocupação para o dinamizador e para os sujeitos que participaram do grupo (p. 22).

A leitura do sonho, por meio da associação livre para Freud foi uma forma de se acessar conteúdos do inconsciente, porém este também pode ser percebido no ato falho⁸, bem como ser percebido em outras produções que são construídas de forma consciente, por meio das mais diferentes formas de expressão. Spieker de Oliveira inscreve que em grupo os sujeitos que o compõem se relacionam por meio do jogo, da construção, dramatização, oportunizando conversarem sobre como e o que cada participante sentiu. Assim, destaca a autora: “se conversa sobre o que ocorreu, o como e o que se produziu, qual sensações que se teve, o que se pensou, porque a fala na dramatização não foi dita como se havia combinado (p. 24)”. A referida autora leva em conta as seguintes palavras de Lacan (1992) onde este diz:

A intuição do eu guarda, na medida em que está centrada numa experiência de consciência, um caráter cativante, do qual é preciso desprender-se para ter acesso à nossa concepção de sujeito. Procuo afastar de vocês sua atração (da consciência) a fim de permitir-lhes apreender, enfim, onde está, para Freud, a realidade do sujeito. No inconsciente, excluído do sistema do eu, o sujeito fala (p.79).

Para Lacan quando se fala em sujeito, fala-se do sujeito do desejo, ou sujeito do inconsciente, uma vez que, este, está marcado pela castração⁹, e pela relação de uma falta constituinte.

A leitura pode ser atribuída como uma das formas de contato e produção de fantasia desprendendo-se da consciência, e aproximando-se do sonho que temos quando se dorme, uma vez que, tem efeitos semelhantes, sendo esses a própria invenção de imagens, interpretação e significação por parte de quem sonha, bem como a do leitor que produz sentido na medida em que lê.

Resgata-se a idéia sobre leitura de textos apresentadas na introdução deste trabalho, uma vez que, esta, também metaforiza o trabalho do dinamizador de GSC, já que a este incidirá a função de possibilitar a leitura e a re-significação de cada texto, sendo este texto o próprio sujeito com sua história e com suas marcas e/ou do grupo. Para Spieker de Oliveira:

⁸ Conforme Roudenesco e Plon(1998) o ato falho, é o ato pelo qual o sujeito, a despeito de si mesmo, substitui um projeto ao qual visa deliberadamente por uma ação ou uma conduta imprevistas (p. 40).

⁹ Segundo Roudinesco e Plon (1998) para Lacan a castração concerne ao “pai imaginário”, um pai assustador com o qual, ao contrário, lidamos o tempo todo, na vida cotidiana (p. 106).

“cada elemento do grupo, vive este espaço-tempo como uma oportunidade de vivenciar seus desejos e utilizar seu corpo e o corpo do outro, usando os materiais mais diversos (p. 23)”.

Este momento caracterizado como uma produção de leitura de si desdobra-se em interpretações no sentido não analítico¹⁰, mas de interpretações por parte deste novo leitor que lê ao seu modo o texto a ele apresentado, ancorado nos seus sentimentos e lembranças, que por sua vez pode gerar efeitos, e modificar o sentido do texto apresentado inicialmente. Spieker de Oliveira (2009) descreve o processo de sensibilização para o indivíduo como a possibilidade de estar em grupo mantendo sua individualidade e manifestando-se livremente, como gostaria de fazer sempre. Complementa a autora:

O sujeito (...) leva para o grupo todos os seus medos, as certezas, às dúvidas, os amores e os ódios, as defesas, os preconceitos, as realizações e os fracassos. Pode falar por si mesmo ou permitir que outros o façam em seu lugar porque, ao mesmo tempo em que manifestamos nosso pensamento estamos, também, manifestando algo do pensamento do outro (p. 23).

A autora nos ensina que o sujeito no grupo pode interagir com alguém do grupo, que lembre uma determinada pessoa conhecida em outro período da sua vida, o que tem desdobramentos na sua própria construção de sujeito nesse grupo. Pode ocorrer, então, que lhe seja atribuída uma característica originada daquela pessoa lembrada. Destaca-se que, o estar no grupo, é um processo de continuidade, de demonstrar pensamentos e sentimentos, tanto positivos, quanto negativos, proporcionando uma posição de escuta/leitura por parte do grupo quanto à apresentação do texto de cada participante, isto é, de sua história. Logo, poder falar de sutilezas, que um componente do grupo apresenta, direciona toda uma construção de identidades: do participante, da pessoa que ele lembra quando interage com outro sujeito do GSC e deste colega participante. Daí entender-se como a autora caracteriza o GSC: “Nos Grupos de Sensibilização e Criatividade desenvolve-se um trabalho que responde a uma necessidade básica do ser humano, ou seja, a do reconhecimento e a busca de sua verdadeira identidade (p. 23)”.

O reconhecimento de si, no método GSC, pode ser percebido quando se está no grupo construindo, jogando, pintando um mural coletivo, dramatizando, dentre tantas outras possíveis atividades, desde que seguidas por uma conversa sobre os sentimentos e percepções que ali aconteceram durante a produção. Falando-se sobre questões que se distanciam da consciência e da racionalização, já que nas atividades anteriormente citadas há a possibilidade

¹⁰ O objetivo do GSC não propõe um tratamento analítico aos seus participantes, porém apóia-se na psicanálise devido a compreensão de que o inconsciente faz parte do humano.

da representação por meio de: escrita metafórica, desenho, argila, jogral, sucata, etc. não estando nenhuma destas formas de expressão/representação fadada a qualquer censura. Assim, Spieker de Oliveira pontua que no GSC: “as vivências com suas linguagens específicas e, principalmente, a importância que dou à fala – a palavra sempre dá suporte a toda atividade – cria uma oportunidade ímpar para se “escutar” o inconsciente (p. 25)”.

Freud ao desenvolver a teoria psicanalítica inverteu a lógica filosófica da consciência para a lógica do inconsciente, uma vez que por meio de seu reconhecimento o homem deixou de ser senhor de si. Rudinesco (1998) descreve a posição lacaniana do inconsciente como algo estruturado pela linguagem (p.378), na qual Lacan representa-a pela topologia do inconsciente, expressa por meio de nós borromeanos, tendo como trilogia: o simbólico, o imaginário e real. Freud dá maior lugar ao inconsciente quando escreve a Interpretação de sonhos em 1900, porém antes desta produção considerava o cérebro como um órgão-tampão entre o homem e a realidade. Logo, ele se dá conta de que o cérebro é uma máquina de sonhar, importante para compreender a complexidade de sua atividade. Segundo Lacan (1992): “...ele reencontra o que já estava lá, desde sempre, e que a gente não se tinha dado conta, ou seja, de que é no nível do mais orgânico e do mais simples, do mais manejável, no nível do inconsciente, que o sentido e a fala se revelam e se desenvolvem por inteiro (p. 102)”.

Outra importante concepção lacaniana é a do discurso, sendo este uma cadeia de significantes que se posiciona para outro significante.

Sobre o discurso dentro do GSC, Spieker de Oliveira pontua: “No GSC, considerando que é impossível e pouco produtivo, ou melhor, errado manejar a linguagem de forma a referir termo a termo, signo à coisa, é necessário uma leitura plena do que é dito. Leitura do que chamamos de discurso (p. 26)”.

Spieker de Oliveira abasteca-se das idéias de Fiorini (1984) o qual destaca as zonas de intersecções, zonas de encontro com duas resultantes a serem compreendidas. Sobre estas zonas destacar-se-ão as com fontes destruidoras e as que geram desenvolvimento, com o desdobramento da criatividade (p. 170). Para Fiorini a criatividade pode ser vista como um sistema dentro do psiquismo, como elemento estruturante e constitutivo. Contudo, Spieker de Oliveira (2009) aproxima as idéias de Fiorini com as de Winnicott, uma vez que, este desdobra o jogo, bem como a criatividade, como uma zona terceira e emergente, classificando-a como espaço transicional (p. 29). Esta terceira zona pode ter a seguinte descrição, de um lado um mundo de experiências internas, e de outro o enlace a este de um

mundo de relações com objetos exteriores ao sujeito. Neste enlace de mundo interno e externo emerge a criatividade. Logo, a criatividade é entendida como:

São fenômenos que emergem da intersecção de diferentes processos. Não são efeitos de transição ou de intermediação. Esses fenômenos são a expressão do acionar de um sistema capaz de produzir efeitos sobre a base de construir “entre mundos diversos”, estruturas que compreendem e remodelam suas relações (p. 30).

A autora do GSC registra que a criatividade se faz por outras formas embora estas não estejam presentes, ou não se fazem discutir com tanta veemência pelos saberes da psicologia, psicanálise e da educação. Contudo a autora destaca alguns pensadores como Bachelard apud Fiorini (1984): “criatividade é um conjunto de forças que empurram o homem a superar sua própria condição (p. 156)”.

Para a autora do GSC, a criatividade está ancorada na capacidade do sujeito transitar sem dificuldades entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, ambos propostos por Freud, os quais fazem parte da constituição do sujeito, desdobrando-se num sujeito com plenas condições de organizar a vida de forma criativa. A referida autora diz que: “nossa vida é animada por desejos que encontram satisfação pela eleição objetal”, ora o homem é um ser que veste aquilo com que se relaciona, e que é vestido por este, logo poder-se-ia dizer que o homem é caracterizado pelo (in)vestimento. Assim deduz Spieker de Oliveira: “Para mim, a criatividade está diretamente ligada à sexualidade¹¹, ao sujeito desejante, ao inconsciente. Logo, criatividade está diretamente ligada, também, à saúde mental (p. 34)”.

A criatividade também pode ser considerada uma atitude do homem frente a sua existência desamparada, que tem como efeito criar metáforas por meio de diferentes linguagens as quais cumpre a função de sustentar o homem frente ao seu desamparo. Spieker de Oliveira, não atribui a criatividade como algo apenas do artista, mas do mais simples homem que vive, e goza e sofre, e que se reproduz pelas diferentes linguagens as quais se desdobram na própria criatividade, uma vez que esta permite satisfazer sua dramática mais inconsciente. Conforme Spieker de Oliveira (2009): “A criatividade está presente em tudo o que o homem faz e pensa. É o que cada um representa no nível das relações sociais e culturais (p. 34)”.

¹¹ A sexualidade destacada por Spieker de Oliveira é fundamentada pelo pensamento freudiano, onde este operou a ruptura teórica com a sexologia, estendendo a sexualidade a uma disposição psíquica universal extirpando-a de seu fundamento biológico, para fazer dela a essência da atividade humana.

O homem e as instituições por ele criadas são marcados por símbolos, nomes, frases, músicas e gestos, sendo estes os significantes criados por seus autores. Pode-se dizer que todo ser é criado, sendo no sentido de cuidado, tanto quanto no sentido de investimento de um lugar o qual registra sua função frente ao seu criador. Contudo, o homem faz parte de um discurso, de uma história que pode ser representada de diferentes formas, levando a diferentes leituras, pois nem sempre a linguagem consegue descrever por total a realidade. Portanto, a criatividade pode ser pensada como um instrumento com diferentes registros, sendo eles: a pintura, a escultura a dramatização a música, a fala e a escrita. Enfim GSC, é papel, é a máquina fotográfica, é a filmadora, é o cenário apropriado para o homem se rerepresentar e retomar seu discurso. Segundo a autora do GSC: “O GSC auxilia o sujeito nesse diálogo, para que cada um se escute e se olhe, se sinta e se pense, e seja mais verdadeiro, mais amado e amante (p. 35)”.

Para que a criatividade possa advir é preciso retomar a capacidade do homem de representar, uma vez que a partir do reconhecimento das sensações de prazer oriundos do meio externo composto por objetos os quais são a fonte do seu prazer, o homem, teve que aprender a suportar o desprazer. Logo, este empurrou o homem a criar dentro de si estratégias que o apaziguasse desdobrando sua capacidade de fantasiar o objeto de prazer. Freud menciona o princípio do prazer como obtenção da satisfação, e o princípio da realidade como a postergação desta satisfação, apresentada pela capacidade de representação interna do sujeito. Com as palavras de Spieker de Oliveira reitera-se que a criatividade dar-se-á no trânsito entre os dois princípios propostos por Freud.

A referida autora fala da preocupação com o vazio do não fantasiar, como algo a ser evitado. Spieker de Oliveira cita Mannoni (1990) onde condiz sobre a questão do fantasiar:

Assim se anuncia o universo esquizofrênico, mais tarde descrito no filme “Laranja Mecânica”. Ali, num mundo em que desapareceu a fantasia, só resta ao sujeito viver no mundo real os assassinatos e agressões que ele não chega a transpor para uma criação fantasmática ou ficção de terror (p. 9).

Contudo, a autora do GSC diz da característica de seu método como: “O GSC – é evidenciado pelos participantes como uma possibilidade para: criar, conceber, fantasiar, inventar, conjeturar, pensar, considerar, julgar, supor, imaginar (p. 46)”. Sendo que esta última mais profundamente pode ser observada por meio de diferentes formas de expressão. Um aspecto muito importante que a autora ressalta é o de que estimular o imaginário para os participantes do grupo, de uma forma que propicie a expressão de suas vivências no nível de

subjetividade, fica garantida sua projeção imaginária, porque se constitui num simbólico capaz de dar sustentação a elas.

As seqüências de produções permitem a construção e formulação de um texto/história/discurso para o grupo, o qual abarca, se aproxima e se identifica com cada produção subjetiva, ou seja, sempre haverá algo singular de cada sujeito na experiência em grupo, ou na produção construída em cooperação. Ora, o texto de cada participante se projetará no texto coletivo. No GSC dependendo da característica do grupo, é possível acontecer a construção de histórias plenas de conteúdos inconscientes. Sendo assim, todos os fatos, percepções, sentimentos, pensamentos são importantes e devem ser analisados e tecidos, como alguém que lê e dá sentido a um texto, buscando seus significados. Conforme Spieker de Oliveira (2009) “ao analisar textos criados, por exemplo, tem-se uma riqueza de dados dos sujeitos e do grupo como um todo. É importante observar todos e tudo e a todo tempo (p. 47)”.

Spieker de Oliveira sinaliza um sentir e um pensar vividos no grupo durante o GSC como resultado de uma posição de questionamento silencioso: Que espero deste grupo? O que desejo? O que penso? Questionamentos que os sujeitos se impõem e que o dinamizador acompanha, sem a ele se referir - porém, mantendo-se alerta e ávido no registro das respostas: “Eu existo e tenho um mistério dentro de mim. Posso crescer, produzir, criar, reproduzir, construir, inventar, sonhar, amar, odiar, viver e morrer (p. 50)”. A autora complementa dizendo que isso assusta as pessoas, e que é necessário um lugar para que o sujeito se perceba, que lhe dê condições para que o sujeito possa ser quem ele é, e que para isso muitas vezes é preciso alguém que ofereça algo, como propõe a experiência em GSC, produzindo novas marcas e linguagens sobre o sujeito em si, no delineamento uma cultura.

Sobre a cultura Spieker de Oliveira considera esta como um conjunto de ações simbolizantes no homem, como seus mitos, a produção da arte bem como o da linguagem por meio de seus símbolos, porém estes não contemplam a total realidade do mundo. O GSC é um espaço de simbolização das questões do homem que está ali, para além do sintoma de mal-estar, angústia, tristeza e desânimo. Porque parece que para que ocorra o (re)significar do sintoma é preciso um lugar de escuta composto por um grupo que assuma e divida esta posição junto com o dinamizador. A escuta que no GSC emerge é semelhante a escuta do analista¹², pois para este a fala do analisando é tomada como “a verdade”, por mais absurda

¹² A escuta analítica tem como proposição a abertura ao campo do outro, pela formação de um laço transferencial tecido pela linguagem.

que lhe pareça, uma vez que, no momento em que esta é simbolizada, expressada, falada, traz consigo sua dimensão que para outrem pode não ser a mesma, isto é, não ter o mesmo sentido e valor. Por isso a escuta no GSC deve ser uma atitude e um posicionamento de alguém que queira e possa escutar verdades.

Spieker de Oliveira (2009) ensina: “O GSC oportuniza que se viva a força do grupo e a importância do nosso EU para este grupo. Nele os sujeitos aprendem a considerar suas próprias experiências, as de seus colegas de grupo, seu imaginário e o imaginário dos demais (p. 51)”.

Considero pois, a experiência propiciada pelo GSC a possibilidade de que, os sujeitos tomem para si, de percorrer um caminho por eles desconhecido, e que possam sentir-se como um estrangeiro que chega a um país sem saber falar a língua local e que necessita transitar de um ponto a outro desta nova urbe/cidade, sem se preocupar com o caminho que irá percorrer. Logo, que este sujeito esteja preparado para ficar algum tempo desprendido, fazendo usufruto deste momento. É isto que propõe a experiência do GSC, permitir que se esteja *perdido* ou *desprendido* para conhecer um novo lugar de si, do outro, do mundo, do cosmo.

Portanto, o trabalho a partir do GSC entende-se como um momento de compartilhamento de vida/história/discurso/texto, e de muitas leituras que imprimem um novo lugar para cada sujeito. Como diz Manguel (1997) “todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender” (p. 20). Como poderá, então, o homem não adoecer, uma vez que, não existem muitos espaços que permitem ao homem retomar sua história de vida, para que ele mesmo possa ler seu texto e retomar seu discurso? E, poder ser reconhecido?

A leitura seguirá na base da próxima incursão teórica, a qual abordará as questões sobre a autoimagem e autoestima como um processo que depende da função escópica, ou seja, da função do olhar do outro que interroga, lê e narra este outro sujeito, gerando efeitos, marcas as quais constituirá um texto permeado de significantes que somados resultará em um significado e um sentido para este sujeito.

2.4 AUTOIMAGEM E AUTOESTIMA

Resgata-se a idéia sobre texto e leitura como uma metáfora para a vida do homem, direcionando-a para as questões da autoimagem e autoestima. Tenta-se supor que o pequeno ser humano é um livro o qual será impresso uma história, contudo esta história terá em grande parte escritores que inscrevem palavras as quais se desdobram em sentidos e significados, e que engendraram um sistema de aprendizagem neste pequeno ser, o qual tornar-se-ia autor de si mesmo. O homem é lido e construído pelo olhar do outro que o lê, que o narra, formando um texto para este, formatado na lógica do sentimento associado a uma representação que constituirá um mundo interno.

Mosquera (1978) ressalta que “por isto, toda autoimagem é uma dialética entre o mundo internalizado e a construção do social” (p. 71). Conforme este estudioso ter consciência de si, ocorre por meio de interrelações que se estabelece com o ser, estando este como o centro de uma situação social, uma vez que é determinada pela qualidade de experiências. O autor complementa afirmando que “o desenvolvimento da autoimagem acontece através de um processo contínuo que está determinado pela vida individual e que se estrutura na ação social” (p. 70). Ainda este autor, aprofunda sobre a questão da autoimagem dizendo, que esta, surge com a atualização continuada do processo de interação, que envolve a noção de grupo, contudo a identidade humana consubstancializa na autoimagem uma vez que é um processo claramente interativo que leva a níveis de reflexão e de comunicação. Portanto, a autoimagem e a autoestima deve ser entendidas como processos entrelaçados e que constituem a personalidade humana, sendo determinadas pelas estruturas sociais, ideológicas e de necessidades pessoais.

Assim condiz Mosquera (1978): “o nosso existir no mundo não nos é dado apenas como uma simples circunstância da vitalidade, senão como contato interativo que cria novas realidades (p. 72)”. Contudo, insiste-se que o homem constrói para si um mundo interno, no qual está marcado pela linguagem que descreve e explicita e que inscreve no ser seus sentidos, porém, esta caminhada ,é percorrido pela presença do outro que o conduz pelo olhar, palavra, doação e ensinamentos. Enfim, o homem para sê-lo não basta apenas nascer, mas sim ser acompanhado por um outro que o apodere da linguagem humana, isto é, suponha neste alguém que fala.

A partir deste ser que fala pensar-se-á neste como um ser produtor de realidade, ora que a representa pela linguagem a sua leitura sobre a materialidade/realidade. Contudo este imprime em si, por um lado o objeto/realidade e de outro o significado circunscrito a este pela nomeação, sendo permitido, por um sistema da língua que regula a comunicação entre os homens, que não cessa de nomear o real. Portanto, o homem é tomado pela linguagem que cobre seu corpo, seu movimento suas expressões, atitudes e comportamentos.

A partir das experiências entre os homens, desdobrar-se-ão relações afetivas que gerarão efeitos na linguagem, pois necessitará uma forma de simbolizar e representar sua forma de sentir as experiências, as quais permite pensar e compreender a construção do homem como tal, o qual contém uma representação de si, como uma autoimagem, e que figura-se em uma autoestima. Conforme, Mosquera (1978): “A importância da autoimagem e da autoestima decorre, efetivamente, das possibilidades qualitativas da experiência e da construção de mundos ideológicos, que dão sentido à personalidade humana, nas diferentes etapas da vida (p. 71)”.

Portanto, o sentido que o homem dá para si, autoimagem relaciona-se com a capacidade de conhecer o texto/história/discurso que tem construído para si, porém a autoestima é o desdobramento deste sentido que fornecerá uma forma de atuação frente à realidade sendo este associado a um sentimento de valia por si e de empoderamento.

A função do conhecer o texto/história/discurso, relaciona-se também com a ideia de autoconhecimento, sendo este, a compreensão de fatos e o trajeto de sua vida, uma vez que esta pode ser rememorada pela própria narração que o homem faz de si, o qual se alicerça pela linguagem, contudo este é uma forma de leitura contaminada pelo contexto atual, porém não perde seu sentido e significado. Para Mosquera (1977): “Tornar-se pessoa é algo sumamente difícil, porque exige uma revisão pessoal, profunda, séria e delicada, crença numa profunda força, sabedoria advinda não do conhecimento, mas da internalização humanizada e do exame meditativo (p. 33)”. A meditação pode ser comparada com esta capacidade do homem de historiar, isto é, de estudar e compreender a história, logo ao tratar de autoimagem e autoestima lida-se com a capacidade que o homem possui de resgatar-se pela retomada de seu texto interno que é (re)significado pela passagem de uma nova leitura sobre si.

Como nos ensina Mosquera (1978) a autoimagem e autoestima são conceitos que estão intimamente interligados, logo, são inseparáveis como se fossem duas alianças entrelaçadas. Contudo, pensar neste entrelaçamento desdobrar-se-ão o que pode ser chamado de conhecimento de si, sendo este, um dado saber sobre si, isto é, a própria reflexão que o

homem faz sobre suas atitudes, bem como o reconhecimento de suas potencialidades, sendo elas da ordem do corpo e da ordem relação com os outros, ou seja, com o social. Nas palavras do autor: “a natureza da autoimagem reside no conhecimento individual de si mesmo e no desenvolvimento das próprias potencialidades. Na percepção dos sentimentos, atitudes e idéias que se referem a dinâmica pessoal (p. 70)”. Mosquera reforça que a autoimagem acontece através de um processo contínuo o qual estrutura-se na ação social.

Sobre o a função do social o referido autor inscreve como um determinante que tem efeito organizador, uma vez que, o homem para fazer parte de um grupo, necessita ser reconhecido por este, para assim fazer parte, em outros termos o grupo constitui e atualiza a imagem do o homem pela identificação o qual transborda para inclusão deste no grupo, e da construção de uma imagem de pertencimento figurando na autoimagem. Segundo Mosquera: “ter consciência de si, se deve a uma teia sutil de interrelações que estabelece o ego como centro de uma situação social, que acaba sendo determinada pela qualidade da experiência (p. 71)”.

Segue-se o propósito de Mosquera sobre uma teia sutil de interrelações, em especial o sentimento de si, como resultante do contato do homem com ambiente e com os outros seres humanos, evidenciando e inscrevendo um texto para si, com a abrangente temática da existência.

Outro desdobramento do estudo de Mosquera encontra-se no sentimento do próprio valor, como a possibilidade de registrar a existência humana, a qual o referido autor incita, como “do próprio valor teríamos a autoimagem e sua conseqüente autoestima. Elas se estabelecem através da luta pela existência, conservação e realização de si mesmo (p. 73)”.

O valor dado a si é um entrecruzamento da autoimagem e da coerente autoestima, onde a autenticidade do valor pode ser encontrado no texto/história/discurso do homem, uma vez que este detectará suas potencialidades e suas fragilidades, que em muito podem também ser incluídas pela leitura do outro, ou do grupo, sendo ela inserida no texto/história/discurso do sujeito. Mosquera coloca que detectar e considerar elementos sobre si é uma forma de abrir para novos horizontes e maneiras para o homem tornar-se mais humano, onde este está fadado ao inacabamento.

Mosquera resgata Fromm (1977) onde este diz que o problema do valor humano está na ação de distinguir o ter e o ser e insinua que o homem poderá surgir quando apresentar algumas características ou qualidades, tendo-as como:

- I. Disposição a abandonar as formas de ter a fim de plenamente ser.
- II. Segurança, sentido de identidade e confiança com base na fé do que se é, na necessidade de relacionamento, de interesse, amor, solidariedade com todo o mundo circunjacente, em vez do desejo de ter, possuir, controlar o mundo e assim tornar-se escravo das coisas possuídas.
- III. Aceitação do fato de que ninguém e nada fora de nós dá significado a vida, mas que esta independência e desinteresse podem tornar-se a condição para a mais plena atividade dedicada a cuidar e participar.

Assim, Mosquera escolhe estas qualidades por tratar do significado do ser humano em desenvolver o autovalor, ou valor de si, o qual é relacionado com o propósito da autoimagem e autoestima como algo a ser lido no texto/história/discurso das pessoas.

Mosquera escreve que o homem está constantemente testando-se por meio daquilo que se é, e aquilo que representa para os outros, e que pela simbolização do mundo interno permite-o nomear seus sentimentos materializando as suas conquistas.

O autor refere-se também sobre o conceito de si mesmo estando este associado a expectativas que o homem coloca sobre si, que poderão ser do plano da imaginação primeiramente, para o segundo plano, o da concretização, resultando em uma produção de história, sendo reconhecida pelo outro que julga e que diz sobre esta, ou seja, o homem ao construir seu texto/história/discurso terá também uma parte do texto escrito pelo testemunho evidenciado pela leitura de outrem. Nas palavras de Mosquera (1978): “Todos nos apresentamos ante os demais e ante nós mesmos e nos olhamos nos espelhos do julgamento (p. 75)”.

Os ideais do julgamento proposto por Mosquera deslocam-se para o conceito de construção do pessoal, uma vez que este decorre do tipo de imagem que o homem coloca como centro de possibilidade de conhecimento, de expectativa e de transcendência. O autor coloca a imagem como norteador para a reflexão sobre a função do julgamento, o qual pode ser entendido como uma leitura do outro/social sobre o sujeito. Assim o referido autor situa: “É importante a distinção entre homem essencial e homem público (p. 76)”.

Sobre o homem essencial entende-se como modo de ver os sentimentos e valores que o homem desenvolve sobre si, preocupado muito mais em elaborar a sua verdade, e que tateia uma tese sobre a vida e sobre si, e que demarca a autenticidade humana.

Mosquera (1978) posiciona-se frente a termo homem público como o homem heróico, uma vez que compõem para o outro/social a tentativa de convencer-se a si de que se tem qualidades e valores como intimamente verdadeiros. Outro desdobramento do homem público está no homem de relações públicas, pois consiste em uma engenhosa montagem a qual procura manter uma unicidade, ensaiada, que se adéqua as normas e comportamentos consideráveis para uma sociedade. Sobre o homem público assim descreve o autor (1978):

O homem relações públicas está orientado para o sucesso e o triunfo material e econômico, e o mais curioso é que a sociedade moderna tem apoiado este tipo de desenvolvimento psicológico, que consiste em uma tentativa autoglorificadora da mentira em que aquilo que nós poderíamos e deveríamos ser (p. 76).

Expressa-se que o julgamento é algo que ocorre do encontro social, o qual a cada oportunidade coloca em cena a possibilidade a ação de julgar, onde também produz a troca de leituras e de interpretações dos valores intrínseco a uma dada cultura. Evidencia-se que a partir do laço entre humanos percebe-se uma grande formação de comunidades as quais encontram entre si símbolos, gestos e palavras que demarcam uma certa identidade de um grupo, o qual traz consigo a constituição de imagem do outro, bem como o valor de si, sentimento de si e o conceito de si.

Mosquera (1978) destaca a continuidade da identidade pessoal, isto é, da autoimagem como subjacente em face a qualquer coerência que a pessoa procura manter (p. 77). Nas palavras do autor: “os componentes da autoimagem constituem-se em sentimentos que a pessoa tem a respeito de que a amanhã poderá possuir ainda as mesmas coisas que ama (p. 77)”. Ressalta-se que a ausência dos objetos/coisas quando perdidas pelo homem gera frustrações em diferentes níveis e que um bom nível de autoimagem e autoestima é poder encontrar as mesmas satisfações com outras coisas/objetos, portanto esta possível alternância, e não dependência a objetos/coisas está na capacidade do homem em amar e re-inventar. Porém como destaca Mosquera existem homens que na medida em há alterações no seu dia-dia pode-se correr o risco de uma danificação pessoal, ou de uma quebra na identidade do sujeito.

O referido autor lembra que a identidade está intimamente relacionada com a autoimagem e autoestima e que estas perpassam por situações de ameaças, onde desdobram-

se sentimentos e categorizações a serem entendidas e escritas no texto pessoal. Assim diz Mosquera (1978) “a experiência se transforma em abstrações que possibilitam uma natureza do si mesmo (p. 79)”.

Mosquera (1978) inscreve algumas idéias de Moustakas sobre a natureza da autoimagem como:

- I. O conhecimento individual que cada pessoa possui a seu respeito.
- II. O desenvolvimento de potencialidades que cada indivíduo realiza por si.
- III. As percepções, sentimentos e atitudes que cada pessoa desenvolve na vida.
- IV. A compreensão das razões que levam a determinados comportamentos.
- V. Os objetivos e significados que se estruturam a partir da nossa bagagem e das interações emocionais e afetivas.
- VI. A compreensão do contexto social e experiencial.
- VII. A aceitação de si mesmo no desenvolvimento contínuo e alargamento na visão do mundo e dos outros.
- VIII. A aceitação de que, a aprendizagem é vital para a manutenção, equilíbrio e valorização do pessoal.
- IX. Clarificação de conceitos, idéias, símbolos como elementos constitutivos da própria linguagem humana.
- X. Aceitação de que o crescimento é algo intransferível e único e que só tem significado e conteúdo em contexto humano.

Conclui-se esta incursão teórica com as palavras da Asch (1977) citado por Mosquera (1978): “o papel dos outros é de extraordinária importância na formação do eu e acrescenta: assim como o eu físico é, em grande parte, uma função de nossa relação com as coisas, o eu dos motivos e sentimentos é, grande parte, uma função da nossa relação com o elemento humano (p. 79)”. Nas palavras de Mosquera (1978): “não sabemos que espécie de eu encontraríamos em um homem que tivesse crescido sozinho (p. 79)”.

3 A INVESTIGAÇÃO

3.1 PARADIGMA E ABORDAGEM

Considerando a educação como uma área que merece investimento e dedicação, este projeto tem como proposta uma pesquisa cujo paradigma é o qualitativo (construtivista), que poderá melhor contribuir para uma análise e compreensão de uma realidade em específico. O paradigma construtivista vai à natureza dos fatos podendo ir ao local e ver o fenômeno tal qual ele ocorre, partindo a construção de conhecimentos a partir de realidade educacionais.

A abordagem a ser utilizada será o Estudo de Caso, sendo este um estudo mais profundo e que permite a uma investigação de um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2006).

3.2 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados qualitativos será utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2007) sendo esta, segundo a autora, “um conjunto de instrumentos metodológicos [...] que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (p. 7), compreendendo as seguintes fases: pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise possui como principal ponto a preparação e escolha do material (que será posteriormente analisado) e a leitura *flutuante* (primeiras leituras de contato com o texto).

3.3 AMBIENTE DA PESQUISA

O grupo de educadores participante será de diferentes instituições educativas, sendo estes convidados a participar. O desenvolvimento do trabalho ocorrerá em consultório particular, em virtude da necessidade de um espaço privado e que atenda às necessidades das atividades que são desenvolvidas. Segundo Oliveira Spieker (2009), para realização do trabalho é necessário uma sala de tamanho suficiente para o trabalho com umas dez a dezesseis pessoas, principalmente devido às atividades de expressão corporal, de preferência acarpetada, com pouca poluição sonora e que não sirva de passagem para elementos que não fazem parte do grupo.

3.4 PARTICIPANTES

Integrarão o grupo 7 educadores que irão inscrever-se voluntariamente podendo ser professores de sala de aula ou profissionais que atuam em educação, com formação em nível superior. A integração de diferentes áreas e atividades profissionais enriquece os participantes do grupo uma vez que, segundo Oliveira (2009), “no GSC se transita entre iguais e não iguais, ou seja, um espaço para inclusão social e de leitura de si e leitura do grupo”. Os participantes serão selecionados de acordo com o interesse em fazer parte da pesquisa e passar pelo processo do GSC. A pesquisa será divulgada no Centro de Pesquisa e Orientação Psicopedagógica (CPOP) instituição criada em 1974 na cidade de Porto Alegre, onde congrega um espaço privilegiado de atividades de clínica, pesquisa, supervisão, docência, gerenciamento, assessoramento a pessoas ou a instituições que se ocupam das áreas da saúde e da educação. Neste local transita profissionais das referidas áreas como: psicólogos, psicopedagogos, professores e educadores.

Segue quadro com informações referentes sigla a ser utilizada para referir participantes, formação acadêmica, idade e gênero:

| PARTICIPANTE (Sigla) | FORMAÇÃO | IDADE | GÊNERO |
|----------------------|----------------------------|-------|-----------|
| Cs | Pedagogia – Ed. Infantil | 36 | Feminino |
| SS | Pedagogia Empresarial | 38 | Feminino |
| Ep | Pedagogia – Ed. Infantil | 29 | Feminino |
| MG | Pedagogia Anos Iniciais | 25 | Feminino |
| Ea | Psicopedagogia | 28 | Masculino |
| Fg | Pedagogia Educação Popular | 43 | Feminino |
| Jb | Pedagogia Ed. Infantil | 37 | Feminino |

Quadro I – Dados dos participantes

3.5 INSTRUMENTOS

O estudo terá como base o método de Grupos de Sensibilização e Criatividade (GSC) que, segundo Spieker de Oliveira (2008) “é uma metodologia que libera o sujeito para acreditar em si mesmo e no grupo sem apego a mandados e a dominação de qualquer natureza” (p. 80). O GSC constitui-se de um trabalho de intervenção no campo de prevenção em saúde mental e desenvolvimento sociocultural. Por meio destas intervenções ora individuais, ora grupais, o dinamizador possui a responsabilidade de proporcionar que os participantes se confrontem com aspectos desconhecidos para si bem como de fazer com que o grupo se confronte com aspectos que dificultam seu progresso.

O referido instrumento é uma metodologia que tem como base os fenômenos das relações grupais e dinâmica dos grupos, tendo como principal objetivo intervir de forma a qualificar os participantes no que diz respeito ao processo de autoconhecimento.

A coleta dos dados dar-se-á a partir dos seguintes instrumentos:

- Atividades do GSC as quais serão desenvolvidas por meio de dezesseis encontros de duas horas e meia; utilizando diferentes formas de expressão, como: o desenho, a pintura, o trabalho com argila, o trabalho com sucata, dramatização, a música a escrita e a fala.

Dentro das diferentes formas de expressão os participantes utilizarão recursos pedagógicos, como: papel A4, papel pardo e quadro de giz para inscrição de seus desenhos e de sua produção textual. Os instrumentos para registro serão: lápis, caneta hidrocor, giz comum e de cera, tinta tempera escolar. E, ainda recursos de sucata como: potes descartáveis de diferentes tamanhos, isopor, caixas de papelão de diferentes formas e tamanhos, diferentes

tipos de barbantes e diferentes papéis, bem como tesoura, fita adesiva e cola uma vez que este permitirá a criação de maquetes.

Para a produção das dramatizações poderá ser utilizado fantasias e roupas de época, bem como, espelho, lençóis e tapetes, almofadas e outros objetos disponíveis no espaço onde ocorrerão as vivências. Será utilizado aparelho de som para reprodução de músicas, quando necessário.

Conforme Spieker de Oliveira (2009), o método de Grupo de Sensibilização e Criatividade não possui um receituário sobre tarefas, vivências e técnicas, conclui-se que a criação e a organização das propostas estão baseadas no estabelecimento no grupo, em termos de contratransferência, logo tem na sua base a transferência. Enfim, o responsável pelo grupo neste caso o pesquisador/dinamizador parte de sua experiência na formação de Dinamizador em GSC, onde é indicado um trabalho de supervisão de um psicólogo ou psicanalista para que sua proposta seja mais adequada para o desenvolvimento dos participantes do grupo.

Portanto, o processo GSC basear-se-á na ética do trabalho com grupos, respeitando a posição de todos participantes por meio de dinâmicas a serem construídas conforme a necessidade e característica do grupo. Haverá a supervisão das atividades GSC pela Psicóloga, Vanda Spieker de Oliveira.

- Registro dos encontros realizado por meio de Diário de Campo¹³, denominado também ao longo da análise dos dados como Leitura do Dinamizador (relatos, descrição das atividades, objetivos pretendidos e alcançados).; o referido diário consiste:

[...] pretendem transmitir com exatidão a exposição dos fenômenos sociais – requisito essencial da pesquisa qualitativa e de uma intervenção profissional preocupada não somente com ações imediatas, as com o planejamento destas. [...] Já as anotações de cunho analítico-reflexivo, surgidas da observação dos acontecimentos e dos processos, indicam quais questões devem ser aprofundadas a partir de maiores informações ou indagações, pois se entende que estas reflexões avançam na busca de significados e explicações dos fenômenos apreendidos, tanto na realização de uma pesquisa, como em situações de atendimento no cotidiano da intervenção profissional (TRIVIÑOS, 1987 apud LIMA; MIOTO; DAL PRÁ., 2007, p.100).

- Documentos de produção não verbal¹⁴ (desenhos, modelagem, dramatizações, escrita) .

¹³ Em apêndice, segue modelo de registro de um dos encontros do referido instrumento

¹⁴ Em apêndice, seguem os registros das produções não verbais.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nos capítulos a seguir, realizar-se-á a análise dos dados coletados neste estudo à luz das teorias que embasam o mesmo. A partir dos registros no Diário de Campo do pesquisador e das produções dos participantes da pesquisa, emergiram da presente análise as seguintes categorias:

- 1)Mal-estar - expectativas, uma busca constituinte;
- 2)Redefinir o desamparo pelo laço social: leitura do outro (a escuta);
- 3)Metaforizando-se, leitura de um novo texto/história/discurso;
- 4)Autoimagem como resultante da linguagem – a experiência de leitura pelo espelho;
- 5)Desdobramento do GSC espaço de leitura da autoimagem/autoestima refletida em bem-estar.



ILUSTRAÇÃO 1 – AVE FÊNIX

FONTE: <http://sapienscordis.blogspot.com/2010/09/o-renascer-da-fenix.html>

4.1 PRIMEIRA LEITURA – O RESSURGIR DE FÊNIX: MAL-ESTAR - EXPECTATIVAS, UMA BUSCA CONSTITUINTE

Você tem que estar preparado para se
queimar em sua própria chama: como se renovar
sem primeiro se tornar cinzas?
– Assim falou Zaratustra (YALOM, 2005)

Este sub-capítulo inicia este momento de análise e discussão dos dados obtidos por meio da coleta de dados da pesquisa, em sua maioria oriundos do Diário de campo/leitura do dinamizador¹⁵ o qual inclui meus registros ao longo dos encontros realizados com o grupo participante da pesquisa bem como das produções dos mesmos durante as vivências. Este primeiro sub-capítulo da análise trata acerca dos elementos surgidos nas falas e narrativas dos participantes que foram permeadas por questões relativas ao mal-estar, questões estas que constituem-se no objeto de busca por fazer parte do GSC como forma de (re)significá-los como sujeitos.

O mal-estar permeia atualmente os corredores escolares devido às exigências colocadas nos educadores. Os sintomas de mal-estar docente podem ser percebidos nas falas de professores e alunos, em reportagens que estão na mídia e interferem diretamente nos processos de ensino e de aprendizagem.

A leitura do dinamizador /diário de campo contém as vivências que fundamentaram as relações a seguir, e neste encontra-se o capítulo nomeado de “primeira página” onde está descrito toda a vivência que perpassa expressão pelo desenho, pela dramatização e pela produção de textos escritos. Esta primeira categorização decorre das relações entre as imagens inscritas no papel pardo, a dramatização e a construção dos dois textos expostos nesta primeira análise.

O termo burnout, que dá nome à síndrome do mal-estar nos ambientes de trabalho, vem do termo de língua inglesa *burn* que, segundo Dicionário Oxford (2009, p. 383) significa “queimar”. Seu significado faz lembrar da ave proveniente da mitologia grega, Fênix, a qual quando percebe-se próxima da morte, queima-se e de suas cinzas ressurgue. Neste sentido, Moraes e Galiuzzi (2007) relacionam a mitologia com a produção de conhecimento ao afirmar que “tal como Fênix, a ave fantástica\ que renasce de suas próprias cinzas, o conhecimento do

¹⁵ Diário de campo/leitura do dinamizador encontra-se disposto no Apêndice B – Exemplo de registro do diário de campo.

sujeito precisa ser destruído, desorganizado ou desconstruído para que novos conhecimentos possam emergir” (p. 193).

Este processo de desconstrução necessário para que o sujeito dê um novo significado às situações que lhe causam stress, emerge na descrição das falas dos participantes já no primeiro encontro quando Ea¹⁶ relembra a composição teórica desta dissertação, onde destacam-se os estudos de Garcia (2008) os quais referem que na síndrome de burnout podemos evidenciar a sobrecarga de trabalho, bem como a responsabilidade com seu posto, falta de recompensas, e dificuldades em relação aos colegas como um dos aspectos característicos para a referida síndrome. Ea comenta sobre a última instituição em que trabalhou: “Optei em sair também pois havia muita fofquinha entre colegas, coisa que atrapalha o andamento do trabalho, e também comecei a me sentir explorado pois o salário era muito baixo para todas as obrigações que tinha”. Para Fg esta questão também teve efeito importante em sua vida, assim relembro a fala da participante: “Fg. diz que não conseguiu trabalhar na rede privada de ensino pois vê que a cobrança é muito forte. Sendo assim Fg. relembra sua experiência como professora da rede privada de ensino, onde a pressão era muito grande sobre sua função, fazendo atuar em desacordo com suas crenças.”

Estas falas permearam o primeiro encontro¹⁷ do GSC no qual os participantes narraram a forma com que realizavam uma leitura acerca de si. Ainda neste primeiro momento ressalto a fala de Cs quando, em sua apresentação, evidenciou sua preocupação em manter-se atualizada para diminuir sua preocupação com o trabalho, uma vez que o conhecimento é uma das partes importantes de um educador. Marchesi (2008) ressalta que para os profissionais da educação é imprescindível competências em favorecer o desejo de saber do aluno, ampliando seus conhecimentos, e de estar atento ao desenvolvimento afetivo e social, bem como ajudar na autonomia moral. O seguinte registro do diário de campo reforça as idéias do autor quando comento em determinado momento a respeito da consciência de Cs em estar buscando novos conhecimentos para melhor atender a seus alunos: “Cs. rapidamente diz ao grupo de seus estudos em um pós-graduação, o qual diz que o faz para melhor atender seus alunos”. Para Ss a questão de buscar novos estudos deve-se a demanda de sua profissão, conforme o diário de campo: “Ss fala que devido a esta função (pedagoga empresarial) quis compreender mais sobre a aprendizagem humana e que buscou um pós-graduação para um melhor aprofundamento da aprendizagem do adulto.”

¹⁶ Sigla referente ao participante, como está disposto no Quadro I, página 59.

¹⁷ O primeiro encontro está descrito e disposto no Apêndice B – Exemplo de registro do diário de campo.

As questões vinculadas às exigências profissionais aparecem também na seguinte fala, na qual a participante Jb, no momento de sua apresentação no primeiro encontro, traz sua preocupação com a demanda de trabalho com a infância, uma vez que gostaria de entender melhor o funcionamento/comportamento de seus alunos. Assim, Marchesi (2008) ressalta que o acesso à informação e ao conhecimento, bem como as mudanças da família e dos próprios alunos, é um ponto a ser considerado como novas exigências, ou demandas para a atuação do educador.

Para Mosquera (2007) o mal-estar docente é um fenômeno social que é provocado pela falta de apoio da sociedade aos professores, refletindo como descrédito da profissão docente perante a sociedade. Esta constatação é encontrada na fala de Ep que diz do olhar de sua família sobre a valorização do educador, bem como comparada a outras profissões. Em meu diário de campo assim descrevo a fala sobre a participante: “Ep também fala que quando trocou a enfermagem pela educação a sua família ficou muito resistente, pois o estresse é muito grande para o salário, isto é, não há devolução financeira”.

Para Spieker de Oliveira (2009) é preciso um compartilhar, uma caminhada, isto é, faz-se necessário um processo capaz de tornar o sujeito passível de sensibilidade, de sentir-se escutado, olhado, tocado pela voz, palavra, música, formas, cores, corpo, até poder se fazer criativo.

Durante os encontros, os participantes tiveram a oportunidade de experienciar estas formas de expressão, sendo algumas delas a dramatização, a linguagem plástica e escrita e a música. Os textos produzidos pelo grupo são repletos de significados que são possíveis de serem analisados ao longo dos encontros. Fragmentos destes textos, quando associados à fala dos participantes adquirem sentido como, por exemplo, neste trecho escrito por um dos grupos de participantes: “Toda criança pensa que é adulta...vive cheia de dúvidas, buscando os porquês”. Neste sentido, Ea diz que “representou os questionamentos que faz a si, bem como a ausência de respostas para estas”. Mosquera (2003), relembra que o homem está vivendo uma falta de equilíbrio devido à mudança veloz da tecnologia, tendo efeitos no ser humano já que, este, se vê impactado gerando dificuldades na internalização da realidade, e que o mal-estar também está neste processo de construção de questionamentos e de respostas que o homem tem que construir para si.

“Buscam na brincadeira, imitando o papai e a mamãe sem saber que buscam um mesmo objetivo, ampliar novas descobertas” esta frase me parece dizer sobre a futura verbalização de Fg, por mim registrada, onde esta coloca que, para si, falta conhecimento, ora

compreender alguns aspectos da sua realidade educacional. No referido diário escrevo sobre Fg, desta maneira: “Fg busca o preenchimento que falta para si, e que entende que sua cabeça está aberta a novos conhecimentos. Contudo, percebe-se na imagem inscrita por Fg que representa um cabeça que falta um pedaço”.

Nesta outra frase, percebe-se que a troca de experiências e de afetos são importantes para os homens: “Pensam que são únicas, a descoberta é mágica, pois é na troca que se tem a construção do conhecimento. Com a convivência e a troca de conhecimento, ampliam não só os conhecimentos, mas também o afetivo e o intelectual”. Marchesi (2008) diz da importância quando atribui à dimensão cognitiva, não apenas como única, uma vez que, se deve levar em consideração a influência da experiência afetiva. Este aspecto associa-se a fala de Cs sobre sua expectativa. No diário já sinalizava percepções a partir de suas falas e produções como, por exemplo, em mais este registro sobre Cs quando relata “a construção de conhecimento que se dá pela troca entre as pessoas” representada em seu desenho.

A frase: “Para isso a professora foi em busca de novos conhecimentos” aparece no texto onde os participantes representam que buscar conhecimento é uma das formas de compreender a realidade. A fala de Ep se aproxima das questões acima mencionadas. Relembro o registro feito de Ep no qual compartilha que “quer buscar conhecimentos, “um cérebro para uma cabeça”, bem como seu desenho”. Conforme Mosquera (2003) estamos na era da Descontinuidade e do turbilhão, do conflito e, por isto, consideramos que a Educação está presa entre dois fogos, dois estilos de sociedade (p.44)” sendo eles o conservador e o inovador, os quais necessitam ser compreendidos.

A adequação da ação docente é apontada por Marchesi (2008) como um perfil a ser desenvolvido para o educador atual, e que um dos seus aspectos é e de estar atento ao desenvolvimento afetivo e social de seus alunos. No registro descrevo sobre Jb: “Jb diz da expectativa que tem em compreender as crianças”, e esta se associa ao seu desenho no qual representou crianças brincando. Este aspecto aparece também na frase: “Era uma vez uma menina chamada Maria, que freqüentava a pré-escola, sua professora tentava diariamente entender o que a criança queria transmitir através de seus atos durante suas atividades e brincadeiras”.

Mosquera (2007) fala do homem como um verdadeiro agente da mudança, uma vez que este tem a capacidade de se construir a si mesmo, Ss fala de como encontrar em si a motivação, em meu diário descrevo o que marca a expectativa de Ss quando relembra que

“gostaria de encontrar subsídios e motivações, e algo que a iluminasse, representada também por seu desenho”.

No quadro a seguir, seguem informações de acordo com cada participante no que diz respeito à descrição da imagem e dos textos produzidos seguido da verbalização correspondente, os quais desdobraram-se a partir das questões do mal-estar, da expectativa referente à pesquisa uma vez refletidas em buscas por parte de cada participante:

| PARTICIPANTE | DESCRIÇÃO DA IMAGEM/DESENHO | DESCRIÇÃO DAS DRAMATIZAÇÕES | TEXTOS DOS PARTICIPANTES ¹⁸ | DIÁRIO DE CAMPO/LEITURA DO DINAMIZADOR |
|--------------|---|--|--|--|
| Ea | Lápis com um ponto de interrogação | dramatizou uma pessoa que questiona-se | Texto 1 | <i>os questionamentos que faz a si, bem como a ausência de respostas para estas.</i> |
| Fg | Um rosto de uma pessoa uma que falta um pedaço cabeça | representou uma pessoa com a cabeça aberta. | Texto 1 | <i>busca o preenchimento que falta para si, e que entende que sua cabeça está aberta a novos conhecimentos</i> |
| Ep | Uma cabeça com um cérebro. | signalizava que dentro de sua cabeça existia um cérebro. | Texto 2 | <i>compartilha que, quer buscar conhecimentos, “um cérebro para uma cabeça”</i> |
| Cs | Uma teia, com uma aranha. | expressou que as pessoas estavam unidas por uma teia. | Texto 1 | <i>relata a construção de conhecimento que se dá pela troca entre as pessoas</i> |
| Jb | Uma criança que brinca. | dramatizou uma criança que brinca. | Texto 2 | <i>diz da expectativa que tem em compreender as crianças</i> |
| Ss | Um sol com nuvens. | representou um sol entre nuvens. | Texto 2 | <i>relembra que gostaria de encontrar subsídios e motivações, e algo que a iluminasse.</i> |
| Mg | Não compareceu | | | |

QUADRO II – Representações

¹⁸ Os referidos textos dos participantes são encontrados no Apêndice B - modelo de diário de campo.



ILUSTRAÇÃO 2 – VISCONDE E EMÍLIA (SÍTIO DO PICAPAU AMARELO)

FONTE: <http://www.teledramaturgia1.kit.net/sitiof.htm>

4.2 SEGUNDA LEITURA – REDEFINIR O DESAMPARO PELO LAÇO SOCIAL: LEITURA DO OUTRO (A ESCUTA)

Nesta categoria será abordado o desamparo e a função do laço social que é marcado pela linguagem entre os homens, considerando a importância da leitura do outro por meio da escuta.

A imagem que antecede esta segunda categoria de análise, foi pensada a partir dos registros do diário de campo/leitura do dinamizador no qual há a descrição de determinada vivência na qual um participante identifica-se em uma história à personagem Emília do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, quando fala da relação da boneca de pano com Visconde de Sabugosa (sabugo de milho). Ao longo desta discussão, será abordada esta questão novamente.

Spieker de Oliveira (2009) inscreve que em grupo os sujeitos que o compõem se relacionam por meio do jogo, da construção, dramatização, oportunizando conversarem sobre como e o que cada participante sentiu. A autora, portanto, remete-se a uma importante questão presente nos Grupos de Sensibilização e Criatividade que é a possibilidade da antecipação de algo que é da ordem dramática de cada sujeito por meio da criatividade.

Neste sentido, parece que para as participantes autoras do texto ³¹⁹ está simbolizado o início de um laço tecido pela imaginação, invenção, baseada em uma lembrança, pela troca de histórias, e pela ação de historiar a própria vida, ou como metaforizamos no início e ao longo deste trabalho, de produzir uma releitura de si pela leitura do outro/grupo. Conforme as participantes escreveram: “Era uma vez um boneco de milho chamado de Visconde de Sabugosa. Ele tinha muitos amigos e entre eles um amigo imaginário que se representava numa boneca de pano chamada Emília”. Percebe-se que contar-se para um outro, é característico do homem, o qual necessita alguém para brincar, para vincular-se. É significativo a passagem que trata a amizade, do Visconde de Sabugosa com Emília. “Visconde sempre contava para ela suas brincadeiras e de como era bom conviver com seus amigos, mas sempre falava do seu desejo de fazer parte desse grupo de amigos. Sublinha-se a

¹⁹ Texto na íntegra encontra-se disposto no Apêndice B.

representação dos personagens da história “O amigo imaginário”, onde parecem dramatizar questões das participantes, uma vez que, no registro pontuo que: “Fg parece buscar uma escuta, e Jb demonstra ser mais do que sua imagem física, como a boneca de pano que tem vida sentimentos e sentidos e uma história”.

Spieker de Oliveira (2009), não atribui a criatividade como algo apenas do artista, mas do mais simples homem que vive, e goza e sofre, e que se reproduz pelas diferentes linguagens as quais se desdobram na própria criatividade, uma vez que esta permite satisfazer sua dramática mais inconsciente. Para as autoras deste texto encontra-se a dramática que a cultura armou para o homem desta época, em que a relação espaço e tempo, ou espaço dentro de um tempo, que por ora parece sempre faltar, é simbolizada neste texto, conforme as autoras Cs e Mg: “Ela estava tão envolvida com a construção da casinha que não se deu conta que o seu bichinho se perdeu (texto 4²⁰)”. Ocorre que a dramática desta história perpassa o acúmulo de funções onde se corre o risco de não privilegiar algo importante, como bichinho que se perde. Portanto, outro aspecto relevante é a função da criatividade para o homem, como organização psicológica, uma vez que o homem tende a representar tudo que está dentro de si por meio do brincar. Para Fiorini a criatividade pode ser vista como um sistema dentro do psiquismo, como elemento estruturante e constitutivo. Contudo os autores do texto acima, representam a importância que há no brincar para a menina: “O levou até a sua casinha acomodando ele no ambiente que ela criou e foi embora certa de que no outro dia voltaria ali para recomeçar a brincadeira”. Conforme minhas anotações relembro, que para Cs, a sua postura ativa frente ao mundo parece compatível ao mundo da escola, pois requer pessoas dinâmicas e criativas, contudo o parar para olhar-se, para ter foco, para não se perder com tantas coisa que o mundo oferece, bem como a menina da história: Quando de repente, se viu perdida. Sobre Mg, recordo que registrei desta forma: Mg parece-me que tem enfrentado todos os monstros/dificuldades que aparecem, e que um deles é a entrada na vida adulta, onde está a construir sua casa, bem como de se responsabilizar por esta. Como dramatizado pela menina da história: Era uma vez em uma floresta onde brincava uma menina na sombra de uma árvore. Movimentando algumas pedras e gravetos ela encontrou um bichinho e construiu uma casinha para ele.

Spieker de Oliveira (2009) ressalta que criatividade também pode ser considerada uma atitude do homem frente a sua existência desamparada, que tem como efeito criar metáforas por meio de diferentes linguagens as quais cumpre a função de sustentar o homem frente ao

²⁰ Texto na íntegra encontra-se disposto no Apêndice B.

seu desamparo. Para Ep e Ea dizem sobre si mesmo, de forma afirmativa, sustentam-se amparam-se em na palavra do outro, segundo o trecho do texto 5²¹: “Ela foi aceita, mesmo tendo sua capacidade colocada em dúvida. Porém ela provou que quem decide se somos capazes ou não, somos nós mesmos”. No diário, comento sobre Ea, Ep: “vejo que para ambos está sendo o momento de re-significar aprendizagens e de olhar para elas. Ea dramatiza que precisa ver-se como capaz, quanto a Ep precisa reconhecer sua criatividade” Spieker de Oliveira (2009) fala em deciframento como forma de dar novo sentido a si, desdobrando em um sentimento ativo de poder crescer, produzir, criar, reproduzir, construir, inventar, sonhar, amar, odiar, viver e morrer. Como bem escrevem os participantes: “Então a mensagem que queremos passar é que querer é poder”.

Spieker de Oliveira (2009) coloca que o GSC, é um espaço para fantasiar, inventar, conjecturar, pensar, considerar, julgar, supor, imaginar. Estimular o imaginário para os participantes do grupo, de uma forma que propicie a expressão de suas vivências no nível de subjetividade marcadas pela simbolização de sua história/discurso/texto. Aspecto que se encontra no texto 6. No diário escrevo: “Ss tratou de descrever a caminhada profissional do Jogador de Futebol, aspecto que relaciono com sua história de vida de empenho e dedicação, como forma de valorizar sua história”. “Era uma vez um jogador de futebol chamado Jony, ele era muito famoso, mas que veio de uma família muito pobre”.

Rememorar/ler a infância, suas brincadeiras e personagens, possibilitou aos participantes o ponto de partida para simbolizar suas questões pessoais (dramática), por meio da escrita de textos, compostos pelos personagens, brinquedos e brincadeiras suscitadas na infância, as quais foram relacionados com a leitura do dinamizador/diário de campo.

Segue no quadro abaixo os personagens e brincadeiras infantis dos participantes, bem como sua produção escrita:

| PARTICIPANTE | INFÂNCIA, BRINCADEIRAS/PERSONAGENS | TEXTO | DIÁRIO DE CAMPO/LEITURA DO DINAMIZADOR |
|--------------|---------------------------------------|---------|--|
| Ea | Comandos em ação/Falcon | Texto 5 | “ver-se como um ser capaz” |
| Fg | Brincar de subir em árvores | Texto 3 | “buscar uma escuta” |
| Ep | Changeman/Fenix | Texto 5 | “reconhecer sua criatividade” |
| Cs | Brincar de professora | Texto 4 | “parar para olhar-se” |

²¹ Texto na íntegra encontra-se disposto no Apêndice B.

| | | | |
|----|---------------------------|---------|--|
| Jb | Jogar taco-bola | Texto 3 | “demonstrar ser mais do que sua imagem” |
| Ss | Brincar de Barbie | Texto 6 | “valorizar sua história” |
| Mg | Brincar de caçar monstros | Texto 4 | “enfrentar todos os monstros/dificuldades” |

QUADRO III – Infância: brincadeiras e personagens

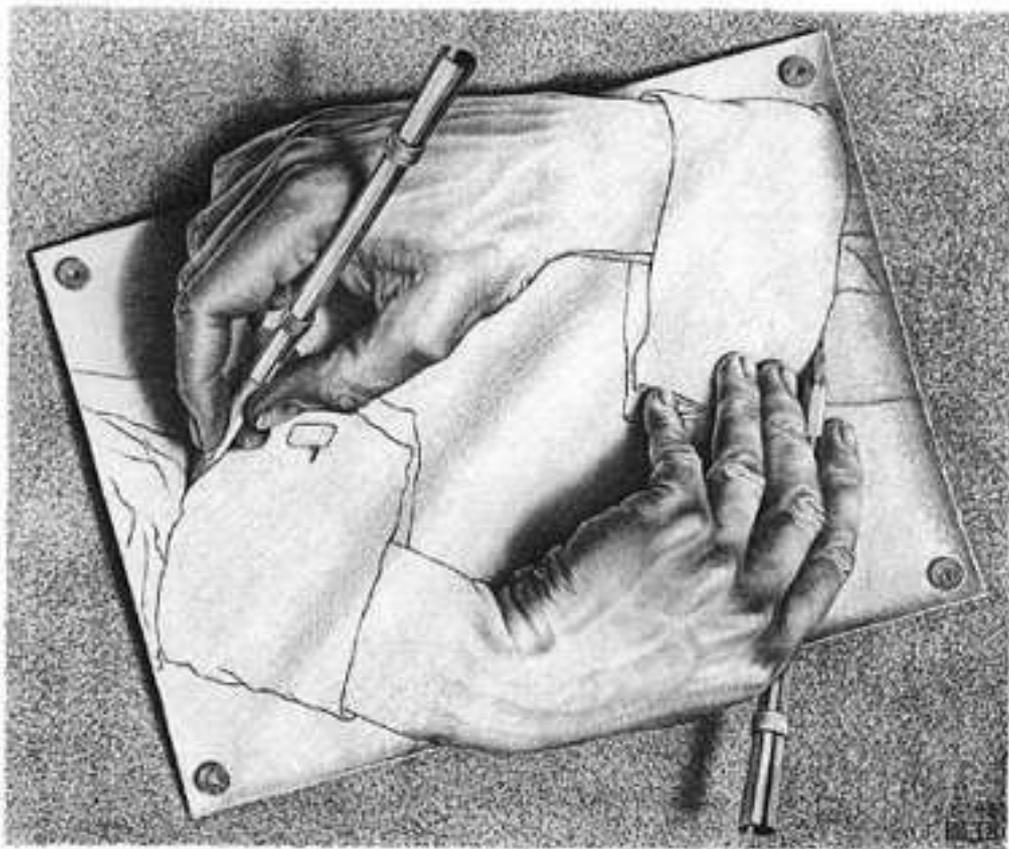


Ilustração 3 – A arte de (se) escrever

Fonte: http://essenciacriativa.blogspot.com/2010_06_01_archive.html

4.3 TERCEIRA LEITURA – METAFORIZANDO-SE, LEITURA DE UM NOVO TEXTO/HISTÓRIA/DISCURSO

A presente categoria teve como imagem escolhida para ilustrar este tema de análise duas mãos que nos passam a ideia de estarem em processo de autoconstrução, sendo que uma desenha a outra. Neste sentido, a metaforização refere-se neste estudo a uma forma de simbolização de desejos, fantasias bem como demais questões relativas ao sujeito. É a possibilidade para que os sujeitos possam caminhar rumo ao conhecimento de si a partir da leitura do outro.

No diário de campo escrevo assim: “no quarto encontro iniciamos o enredo do texto coletivo(texto 7²²), partindo de um pássaro perfeito, que acha tudo lindo e maravilhoso, e que percebe que há um mundo fora dele, que existe um outro”. Enfim por meio deste outro, o homem é suscetível a troca de conhecimentos, porém é necessário ser olhado, para olhar.

A árvore feita por Cs é comentada pelo grupo conforme o diário: “aquela árvore era que nem ela forte e protetora e tem um pássaro capaz de cuidar e proteger sua ninhada”. No enredo da história a passarinha necessitou sair do seu lugar, necessitou a troca. A escolha de sair da árvore proporcionou o encontro com o espelho, com sua imagem, permitiu um olhar-se.

Mosquera (1979) ressalta que “o desenvolvimento da autoimagem acontece através de um processo contínuo que está determinado pela vida individual e que se estrutura na ação social”. Completa-se a ideia do autor, com o propósito do homem ser entendido como um texto, uma vez que é lido e construído pelo olhar do outro que o lê, que o narra, formando um texto para este, formatado na lógica do sentimento associado a uma representação que constituirá um mundo interno. Enfim a passarinha fora construir sua autoimagem, bem como diz o Texto: “Uma passarinha morava em uma casinha de barro em cima de uma árvore, lá ela se sentia segura, mas ao mesmo tempo se perguntava como era o mundo lá fora. Então ela decidiu voar em busca de suas respostas...Decidiu descer da árvore, encontrou um espelho jogado no chão. Assustada viu sua imagem refletida, pensou que... era glamurosa, mas viu não era tudo o que pensava.” Enfim a autoimagem é resultado daquilo que o outro dirige sobre sujeito por meio da linguagem, bem como o grupo colocou para Cs.

²² Texto na íntegra disposto no Apêndice B.

A passarinha segue seu voo após se assustar consigo mesma, pois o espelho produzia sua imagem real, a qual não reconheceu. As questões de Jb perpassam pelo desejo de compreender as crianças, bem como fortalecer-se, pois sua imagem demonstra pouco daquilo que realmente é. O comentário descrito no diário demarca que: “aquela boneca era ela mesma, e que ao seu lado era um espelho, que servia para se ver melhor, as bolinhas representam suas buscas, seus desejos”. Por sua vez a passarinha encontra uma nova imagem para si, uma imagem distorcida, após um vôo conforme o texto:

Então que decidi voar e se deparou com um avião e deicidiu voar tão alto quanto... voou para alcançar o avião, porém percebeu suas asas congelarem e começou a cair em queda livre...acabou caindo na piscina descongelando suas asas...conseguiu sair da piscina...onde ela viu refletida sua imagem distorcida... a partir disso percebeu que sua vida poderia ser diferente criando novas expectativas e novas buscas em suas descobertas.

Mosquera(1978) diz que a consciência de si, ocorre por meio de interrelações que se estabelece com o ser, estando este como o centro de uma situação social, uma vez que é determinada pela qualidade de experiências. Portanto a experiência ou vivência no GSC permite que o ser redefina um novo texto para si, pois escuta o outro, este o escuta, auxilia neste processo de reconhecimento de si, moldado pela linguagem que modifica a realidade.

Ss produziu uma ilha na qual tornou-se na história o lugar que contemplava a beleza e paz de espírito, sendo este um lugar encontrado após um árduo caminho, produzindo uma supervalorização para este lugar. No diário escrevi sobre sua produção: “as três pessoas ali na ilha, era a sua própria família, ilha que gostaria que existisse uma vez que, lhe faz falta”. A falta de estar com a família passa a ser uma das motivações para superar o árduo caminho. Segundo o Texto: “Ao chegar na ilha ela descobre de onde vinha a musica e percebe que, a luminosidade e a beleza do lugar era apenas o começo do novo mundo que ela descobriu ao enfrentar seus maiores medos. Viu que ali ela também tinha acesso livre a novos recursos”. Fg também data existência de um novo lugar para compartilhar e dividir após uma caminha, acrescida de uma escuta que a insere e produz um laço e uma identidade. Fg, produzira uma casa com piscina palmeira, um lugar para curtir, porém diz de um lugar distante, contudo muito especial para estar com as pessoas , bem como relembro no diário: “Este lugar é um lugar distante onde eu gostaria de estar às vezes, repartindo com meus amigos, este lugar também me diz sobre estas pessoas, lugar que eu gostaria que todos tivessem”. Logo, a questão da autoimagem, surge com a atualização continuada do processo de interação, que envolve a noção de grupo, contudo a identidade humana consubstancializa na autoimagem

uma vez que é um processo claramente interativo que leva a níveis de reflexão e de comunicação.

Sobre a produção de Ea registrei desta forma: “Ea produziu, colocou suas iniciais marcando assim sua autoria. E reforça que se deixou levar pelo inconsciente, pelo nada a ver, e que o inconsciente produz uma outra lógica, não racional, mas de sentimentos e emoções”. Ea fortaleceu-se ao encontrar respostas para si, respostas que foram reforçadas pela leitura do grupo, desdobrando o conhecimento de si, o qual mobilizou sua autoria e a possibilidade em acreditar e sonhar. A natureza da autoimagem reside no conhecimento individual de si mesmo e no desenvolvimento das próprias potencialidades. Na percepção dos sentimentos, atitudes e idéias que se referem a dinâmica pessoal (Mosquera, 1977). O sonho da passarinha representa o GSC, uma vez que este permite produzir um sonho, uma possibilidade, um acreditar, por meio da produção criativa e metafórica. Enfim Ea tem sonhado, como no sono, onde o que predomina é o inconsciente, e sonhado acordado onde conscientemente se percebe pelo olhar do outro. A penúltima frase do texto, data a questão dos sonhos. “Ainda deitada na cama ela percebeu que tudo não havia passado de um sonho onde ela era uma passarinha que havia vivenciado todo aquele processo”.

Na última frase do Texto a passarinha tornou-se uma menina: Voltando à realidade a menina reflete em sua vida e percebe que é capaz de enfrentar seus medos e ser feliz para sempre! Relembro a anotação sobre Mg: “Mg retoma um pouco do seu dia-dia, sua casa que acabou de adquirir e das suas conquistas...este trabalho com o grupo vem ajudando a se ver, pensar sobre si, e sobre seu cotidiano”. O estudo de Mosquera (1978) sobre o sentimento do próprio valor, como a possibilidade de registrar a existência humana, a qual o referido autor incita, como: “... do próprio valor teríamos a autoimagem e sua conseqüente autoestima. Elas se estabelecem através da luta pela existência, conservação e realização de si mesmo” (p.73).

Segue o quadro referente às produções dos participantes no encontro 5:

| PARTICIPANTES | MODELAGEM | REPRESENTAÇÃO DO TEXTO | LEITURA DO DINAMIZADOR/DIÁRIO DE CAMPO |
|---------------|--|---------------------------|--|
| Ea | Três totens | <i>Autorizar-se</i> | <i>Crer em si</i> |
| Fg | Uma casa com piscina, palmeiras e canoas | Ter uma escuta | <i>Afirmar-se,</i> |
| Ep | Não compareceu | | |
| Cs | Uma árvore e um pássaro | <i>Olhar para o outro</i> | <i>Olhar-se</i> |
| Jb | Uma menina e um espelho | <i>compreender</i> | <i>Ver-se</i> |

| | | | |
|----|---------------------------------------|-------------------------|---------------------|
| | | | |
| SS | Uma ilha com coqueiros e três pessoas | Caminhar e historiar-se | <i>Valorizar-se</i> |
| MG | Uma casa, um avião e um rádio. | <i>Ver conquistas</i> | <i>Pensar-si</i> |

Quadro IV - Modelagem



ILUSTRAÇÃO IV – O espelho

FONTE: <http://jeisiam.blogspot.com/2010/11/espiritualidade-do-espelho.html>

4.4 QUARTA LEITURA – AUTOIMAGEM COMO RESULTANTE DA LINGUAGEM A EXPERIÊNCIA DE LEITURA PELO ESPELHO

A imagem que antecede esta quarta categoria de análise é a de um espelho para o início desta reflexão acerca da percepção de si de cada participante e da autoimagem.

No sexto encontro o grupo experienciou a dinâmica do espelho, sendo este um momento marcante para os participantes, os quais propiciaram a troca de palavras tendo como mediadora a própria imagem refletida pelo espelho, porém, a imagem de cada participante pôde ser lida, renomeada, ora re-significada pela sustentação organizada pela linguagem.

Segundo Mosquera (1978): “o nosso existir no mundo não nos é dado apenas como uma simples circunstância da vitalidade, senão como contato interativo que cria novas realidades (p.72)”. Insiste-se que o homem constrói para si um mundo interno, no qual está marcado pela linguagem que descreve e explicita e que inscreve no ser seus sentidos, porém, esta caminhada ,é percorrido pela presença do outro que o conduz pelo olhar, palavra, doação e ensinamentos. Ea descreve (texto 8²³) o estranhamento gerado pela experiência frente ao espelho, e de seu efeito em marcar novas palavras em seu texto pessoal, isto é em sua autoimagem: “Estranho no sentido de será que sou isso mesmo. Pois acho que é sempre bom escutar os outros falando de você, o difícil é como receber e como isso vai fazer com que isso possa mudar a sua vida”.

A partir deste um ser que fala pensar-se-á neste como um ser produtor de realidade, ora que a representa pela linguagem a sua leitura sobre a materialidade/realidade. Contudo este imprime em si, por um lado o objeto/realidade e de outro o significado circunscrito a este pela nomeação, sendo permitido, por um sistema da língua que regula a comunicação entre os homens, que não cessa de nomear o real. Mosquera (1978): “A importância da autoimagem e da autoestima decorre, efetivamente, das possibilidades qualitativas da experiência e da construção de mundos ideológicos, que dão sentido à personalidade humana, nas diferentes etapas da vida (p.71)”. Sobre a experiência do espelho como construção de um mundo para o sujeito, marcada pela linguagem, Cs assim sublinha no texto 9²⁴: “É um exercício válido para toda vida com ou sem platéia, acho que a platéia ajuda no sentido de te fazer enxergar mais

²³ Texto na íntegra encontra-se disposto no Apêndice B.

²⁴ Texto em apêndice (Apêndice B)

além de si, enxergar pequenos detalhes que as vezes aos nossos próprios olhos passam despercebidos.”

A função do conhecer o texto/história/discurso, relaciona-se também com a idéia de autoconhecimento, sendo este, a compreensão de fatos e o trajeto de sua vida, uma vez que esta pode ser lembrada pela própria narração que o homem faz de si. Para Mosquera (1977): “Tornar-se pessoa é algo sumamente difícil, porque exige uma revisão pessoal, profunda, séria e delicada, crença numa profunda força, sabedoria advinda não do conhecimento, mas da internalização humanizada. A experiência do espelho é descrita por Ss, texto 10²⁵: “me fizeram refletir sobre como ando me posicionando sobre a minha vida e postura, talvez deva mudar coisas e mudar algumas atitudes que tenho tomado ao longo da vida. Foi uma experiência muito rica e produtiva que valeu a pena vivenciar.”

A experiência frente ao espelho e a meditação pode ser comparada com esta capacidade do homem de historiar, isto é, de estudar e compreender a história, logo ao tratar de autoimagem e autoestima lida-se com a capacidade que o homem possui de resgatar-se pela retomada de seu texto interno que é ressignificado pela passagem de uma nova leitura sobre si. Conforme Jb, texto 11²⁶: “O grupo fez uma “leitura” bem real de como eu realmente sou, o que me deixou feliz, por perceber que estou conseguindo me mostrar de verdade para essas incríveis pessoas com as quais estou convivendo e adorando conhecer e trocar experiências.”

Resgata-se Mosquera uma vez que fala sobre o conhecimento de si, sendo este, um dado saber sobre si, isto é, a própria reflexão que o homem faz sobre suas atitudes, bem como o reconhecimento de suas potencialidades, sendo elas da ordem do corpo e da ordem relação com os outros, ou seja, com o social, que se desdobra em autoconfiança. Mg assim demarca no texto 12²⁷: “Teve momento para mim que era quase insuportável, pois eu senti vergonha daquela situação e ao mesmo tempo era agradável porque eram ditas palavras e coisas boas que estimulam a nossa participação e autoconfiança”.

O grupo constitui e atualiza a imagem do homem pela identificação o qual transborda para inclusão deste no grupo, e da construção de uma imagem de pertencimento figurando na autoimagem. Portanto o homem para estar em grupo, primeiramente identifica-se, contudo é avaliado pelo grupo como futuro pertencente, logo há um processo de diferenciação e de julgamento que gera angústia devido a uma possível rejeição. Ep diz um pouco sobre este

²⁵ Texto em apêndice (Apêndice B)

²⁶ Texto em apêndice (Apêndice B)

²⁷ Texto em apêndice (Apêndice B)

processo, no texto13²⁸: “Foi uma experiência estranha por dois motivos uma por estar de frente ao espelho, pois eu ficava me analisando e a outra pela pressão de outros estarem me “julgando”.Mas como tudo tem seu lado bom, foi legal para que pudesse ver e ouvir o que os outros acharam de mim e também a imagem que eu passo como pessoa.”

Segundo Mosquera (1978): “o papel dos outros é de extraordinária importância na formação do eu e acrescenta: assim como o eu físico é, em grande parte, uma função de nossa relação com as coisas, o eu dos motivos e sentimentos é, grande parte, uma função da nossa relação com o elemento humano (p. 79)”. A nomeação de um sujeito é constituída pelas marcas da linguagem, ou seja, transmite-se sentimentos os quais estão associados com imagens, por um simbólico nomeado pela língua entre os homens, os quais possibilita o homem transcender, conjecturar e sonhar. Conforme Fg, texto 14²⁹: “O que eu ouvi e fiquei muito feliz, é de que: “sorria a vida é bela” e os problemas são pequenos para nos deixar abater.”

A seguir um quadro com trechos mais significativos dos textos escritos sobre a experiência com o espelho destacada ao longo da referida categoria:

| PARTICIPANTES | TRECHO DOS TEXTOS | DIÁRIO DE CAMPO/LEITURA DO DINAMIZADOR |
|---------------|--|---|
| Ea | “será que sou isso mesmo” | Construção de um mundo interno. |
| Fg | “os problemas são pequenos para nos deixar abater” | Possibilita o homem transcender. |
| Ep | “reconhecer a imagem que eu passo como pessoa” | Imagem de pertencimento. |
| Cs | “enxergar mais além de si” | Construção de mundos ideológicos. |
| Jb | “trocar experiências” | Nova leitura sobre si. |
| Ss | “me fizeram refletir” | Revisão pessoal. |
| Mg | “estimular nossa participação e autoconfiança” | Reconhecimento de suas potencialidades. |

Quadro V – Imagem refletida

²⁸ Texto disposto no Apêndice B

²⁹ Texto disposto no Apêndice B

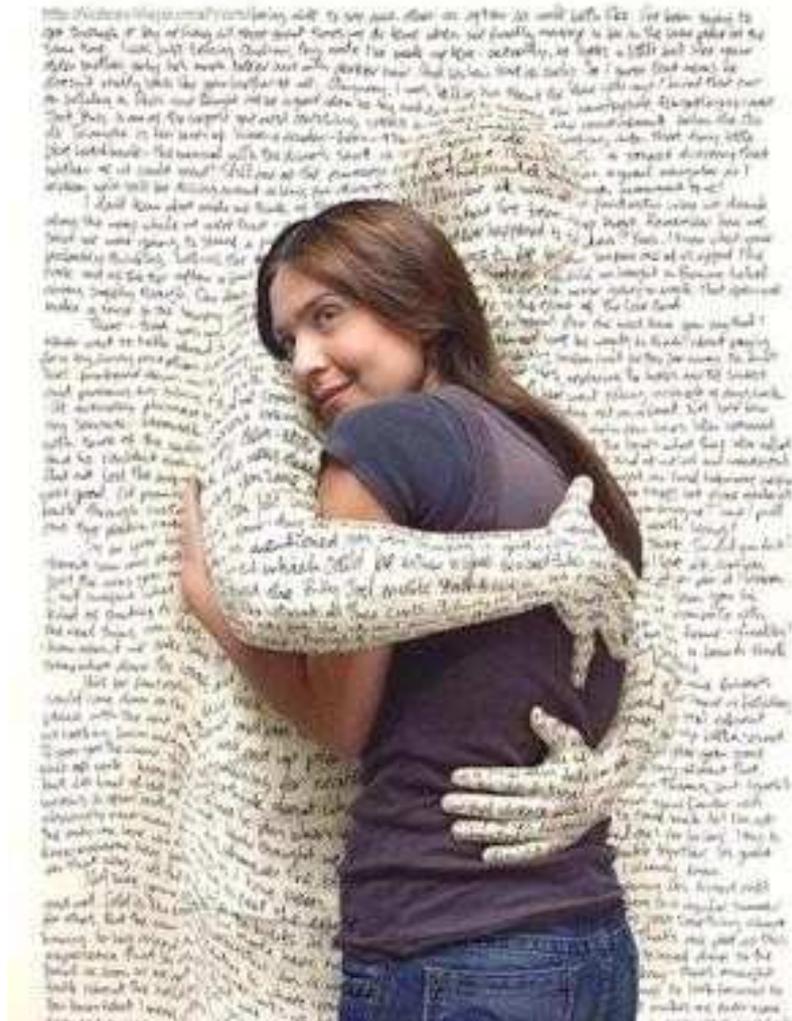


ILUSTRAÇÃO V – O TEXTO COMO REFLEXO DE SI

FONTE: www.willblog.blogspot.com/2010/11/de-a-z.html

4.5 QUINTA LEITURA: DESDOBRAMENTO DO GSC ESPAÇO DE LEITURA DA AUTOIMAGEM/AUTOESTIMA REFLETIDA EM BEM-ESTAR

Nesta última categoria resgatar-se-á um “painel final” onde fora representado por meio de desenhos os desdobramentos do método GSC, o qual gerou palavras que demarcaram o benefício para cada sujeito, os quais foram inscritos no quadro de expectativa construído no primeiro encontro, ou seja, cada imagem representado no início do processo GSC tem em seu final re-significada por estas palavras as quais representam o bem-estar propiciado a cada um.

A produção de uma participante de um grande baú demarcou e simbolizou o processo do GSC, uma vez que, no baú guardamos coisas de valor as quais tendemos a não mexer, pensar-se-á no baú como um lugar onde estão guardados sentidos e significados das nossas vivências as quais o GSC possibilitou abrir. A produção de um bem-estar datou-se neste movimento de olhar para si, o qual consiste cada um olhar para suas coisas que estão guardadas em um baú o qual relaciona-se ao texto interno, e a partir delas rememorar e compartilhar com outrem por meio da narrativa que atualiza sua leitura sobre si, a qual é reconhecida por uma escuta, sendo esta calcada no respeito pois a recebe em um tom de verdade. Conforme Serafini (2006) a leitura faz parte dessa necessidade humana de compreensão, de descobrir os enigmas da existência. Portanto a participante que desenhou o baú assim condiz sobre a contribuição do GSC para si: “ eu acho que foi mais pro pessoal, de se olhar no espelho de si refazer, a partir dali de onde achamos necessário.” Enfim, bem como complementa a referida participante a qual registrou em seu primeiro desenho no primeiro encontro resumiu escrevendo: “ufa, estou me alimentando” .

A questão da leitura para Serafini (2006) é colocada como sendo “esse modo de ler, para saber quem somos e onde estamos, lembra-nos a função da bússola, que nos orienta, nos direciona durante uma trajetória. Para Jb a sua trajetória no GSC proporcionou crescimento pessoal e trabalhou a sua autoestima, a qual considerava baixa. Assim diz a participante: “no trabalho com a argila eu fiz um espelho e um sexto que representavam minhas buscas, as quais estava relacionada a um olhar para mim mesma”. Contudo, a participante em sua inscrição no painel final, fora a de um grande e belo sol, uma vez que este representou sua estima, e uma maior satisfação com sua autoimagem. A palavra que a participante acreditava faltar em seu primeiro desenho produzido no primeiro encontro onde representou uma criança que brincava fora completado pelas palavras: “luz e troca”.

A participante Mg coloca que O GSC foi um divisor de água: “eu estava meio acomodada eu quis parar um pouco, eu estava desmotivada. Eu me percebi pelos olhos dos outros, eu construí minha imagem de tudo que foi dito sobre mim. E que foi essa construção que me fez e que mobilizou. A construção desta imagem foi que me motivou, uma fala de fora que mexeu com uma vontade que era minha”. Na simbolização sobre o que representou o GSC Mg, desenhou um baú fechado, com o qual tem consigo a chave para abri-lo. O efeito do GSC sobre Mg também foi representado por uma frase, onde diz: “isso tem que continuar”. Portanto para a participante evidencia-se a promoção de mudanças que a auxiliaram pessoalmente e profissionalmente e resgatar a verdadeira satisfação no exercício pelo magistério.

Ss ao falar sobre o GSC como um lugar para se perceber para se construir, para lembrar de coisas que se vivenciou sendo boas ou ruins, e sobre esta última destacando a forma como as superou como forma de compartilhar tanto a sua experiência tanto a experiência do colega participante através da escuta. Ss diz: “escutar, isso é importante, pois isto dá uma equilibrada, e a gente se valoriza”. Como fora proposto com esta pesquisa, não há como falar de bem estar humano, sem mencionar o mal estar, embora exista clareza de que é necessário resgatar os aspectos positivos das pessoas, para diminuir o sentimento de abandono e de angústia. Enfim o processo da referida participante no processo conteve num primeiro momento uma forma para se motivar que fora invertido pela retomada de sua história e por um valorizar-se, assim sua fala contempla: “nesses dias dos encontros, e de trocas, se refletiu fora daqui. Neste período foi uma fase muito crítica no trabalho, de alcançar metas e eu estava tão atrapalhada e com estresse, mas como estava vindo com prazer para cá, não como refúgio, mas as coisas foram melhorando”. A participante no encontro onde o grupo simbolizou a expectativa para o GSC, desenhou um sol entre nuvens, o qual datava a busca por motivação, contudo complementa em seu desenho escrevendo: “luz, iluminando caminhos”. Portanto, o bem-estar contém este ter seu caminho iluminado, com o qual é amparado pela produção de linguagem proposto pelo método GSC.

Assim Ea resume o GSC: “ contribui no sentido de conhecer as pessoas, de uma forma diferente do convencional, diferente de uma festa de um trabalho, conhecer com o jogar, com o brincar, eu acho que contribui para o bem-estar social, e uma forma de ter um olhar de mim mesmo”. Conforme Birman (2009) o desamparo do sujeito indica o ponto de chegada do discurso freudiano (p. 36). Por este enunciado Freud demarcou a posição de fragilidade estrutural do sujeito, estando esta associada às fontes de sofrimento para o homem,

relacionadas a sua corporeidade, às ameaças oriundas da natureza e ao desconforto gerado nas relações ambivalentes com os outros. Sendo este último um aspecto simbolizado pelo participante, uma vez que, sua expectativa no início desta pesquisa datou da questão da relação com os colegas no seu antigo trabalho onde relatou ao grupo: “Optei em sair também pois havia muita fofquinha entre colegas, coisa que atrapalha o andamento do trabalho”. Ela desenhou no quadro de expectativas (primeiro encontro) um lápis que representava seus questionamentos, o qual acrescentou no último encontro as seguintes palavras: “sentir-se bem, prazer” uma vez que representam o desdobramento deste trabalho para si.

Percebe-se em todos participantes uma maior satisfação com sua autoimagem e autoestima uma vez que possibilitou uma forma de compreendê-la pela leitura de si, com o reconhecimento e escuta e de leitura do outro/grupo, o qual fora sustentada pelas diferentes linguagens, desdobrando-se num bem-estar. Conforme Manguel (1997) “todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender” (p.20). Enfim, o trabalho do GSC, contribuiu para o crescimento dos educadores, pois possibilita acessar as expectativas e as questões dramática de cada história dos participantes, bem como produzir uma metaforização e a inscrição para um novo discurso/história/texto para si, por meio da linguagem favorecendo a autoimagem e autoestima de cada sujeito. Bem como escreveu Ep sobre seu primeiro desenho, sendo esta, uma pessoa com uma cabeça e com um cérebro a qual respondeu a si mesma com a pequena frase: “Eu cresci”.

A seguir um quadro com os aspectos relevantes desta última categoria, sendo elas, as falas que registram a contribuição do GSC, associadas com a inscrição de palavras no painel produzido no primeiro encontro (quadro de expectativas) :

| PARTICIPANTES | PALAVRAS QUE MARCAM O RESULTADO DA PESQUISA, O BEM-ESTAR DOS PARTICIPANTES. ³⁰ | LEITURA DO DINAMIZADOR/DIÁRIO DE CAMPO, RESGATE DE PALAVRAS |
|---------------|---|---|
| Ea | Sentir-se bem prazer. | “Contribuiu para um bem-estar social” |
| Fg | Não compareceu | |
| Ep | Eu cresci. | “respostas para si” |
| Cs | Estou me alimentando. | “si refazer” |
| Jb | Luz e troca. | “olhar para si” |
| SS | Luz, iluminando caminho. | “Se perceber para si construir” |
| MG | Isso tem que continuar. | Percebi-me pelo olhar dos outros |

Quadro VI – Desdobramentos

³⁰ Fotos das imagens do quadro de expectativas produzidos no primeiro encontro, que foram marcados por palavras no término do processo GSC estão no apêndice B.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – UM NOVO TEXTO A SER LIDO

Este trabalho de pesquisa faz emergir um novo texto a ser interpretado. Estas pré-considerações, apesar de finais, não encerram o estudo mas sim reabrem o mesmo para novas leituras, análises e indagações. Portanto, resgatar-se-á os achados deste trabalho, bem como a sua relevância para os educadores.

Corso e Corso (2010) ressaltam que na medida que o homem reflete sobre si, se vê como alguém racional e lúcido, porém as vezes se vê tomado pela fantasia e pela imaginação (p. 19). Os autores estabelecem como relação o fato de que o homem sonha a maior parte do tempo, e a contragosto acorda. Os autores falam também a respeito do sonho que temos ao dormir, e complementam dizendo: “Passamos um terço da vida dormindo, portanto sonhando, e quando estamos despertos nossos devaneios ocupam um tempo muito maior do que imaginamos (p. 19)”. Enfim, destaca-se que sempre que possível o homem utiliza alguma forma de escapar das pressões da realidade. Para Corso e Corso (2010): “Se nossa cabeça está cansada ela usa fantasias emprestadas: as novelas de TV, os filmes, as series, os romances, ou mesmo pode utilizar-se de fatos corriqueiros para estruturar sonhos e devaneios (p. 19)”. Para os autores o senso comum leva-nos a creditar que somos aquele homem que vemos acordado, que está ciente, e que o eu humano encontra-se neste eixo, estando relacionado com a realidade, e não contaminado pelas fantasias a qual Corso e Corso dizem que homem está atravessado. Ainda nas palavras dos autores: “gostemos ou não, somos o resultado, o somatório do desperto com o sonhador até porque nem sempre é possível delinear uma rígida separação entre os dois, tampouco é possível, nem necessário, definir qual é o mais importante (p. 19)”. Lembremos as palavras da autora do método GSC, Spieker de Oliveira (2009) a qual resgata o sonho como algo fundante para sensibilização, tanto o sonho encontrado no sono, tanto quanto o sonho que tem a dimensão de desejo. Esta questão do sonho é assinalada na página 44 deste trabalho, contudo merece ser lembrada e inscrita novamente devido a sua importância e relevância para esta pesquisa. A referida autora assim circunscreveu esta questão:

Quando criei o método GSC, fixe-me mais no sonho que sonhamos acordados, sem, no entanto, esquecer que estes estão diretamente ligados aos que sonhamos dormindo e vice-versa. Isto focaliza a questão do inconsciente e da fantasia como preocupação para o dinamizador e para os sujeitos que participaram do grupo (p. 22).

O sonho que o homem produz ao dormir tem como diretor ele mesmo, o qual produz todas as cenas possíveis e suportáveis, cenas curtidas de fantasia e de imaginação, contudo este sonho é impulsionado pelo desejo. Com o método GSC foi possível aproximar a esta produção de cenas cheias de fantasias, as quais possibilitaram aos participantes representarem sua leitura de mundo, ou da realidade e de representarem seus desejos e dramáticas, como foi ressaltado ao longo da categorização, sendo este os desdobramentos da pesquisa. Resgata-se a primeira leitura denominada: Mal-estar, expectativas, uma busca constituinte - sendo estas a resultante da leitura de representações por meio do corpo, desenho, da escrita de textos e da fala. Enfim, narrativas dos participantes que foram permeadas por questões relativas ao mal-estar, questões estas que se constituem no objeto de busca por fazer parte do GSC como forma de (re)significá-los como sujeitos.

Na categoria/ chamada de Segunda leitura, foi abordado o desamparo e a função do laço social que é marcado pela linguagem entre os homens, considerando a importância da leitura do outro por meio da escuta. Evidenciou-se que o laço tecido pela imaginação, invenção, baseada em uma rememoração, pela troca de histórias, e pela ação de historiar a própria vida, produz a releitura de si pela leitura do outro, contudo este processo ocorreu pela sensibilização e pela criatividade. Spieker de Oliveira (2009), não atribui à criatividade como algo apenas do artista, mas do mais simples homem que vive, e goza e sofre, e que se reproduz pelas diferentes linguagens as quais se desdobram na própria criatividade, uma vez que esta permite satisfazer sua dramática mais inconsciente.

A Terceira leitura/categoria teve como tema central a metaforização, referindo-se neste estudo a uma forma de simbolização de desejos, fantasias bem como demais questões relativas ao sujeito. Fora a possibilidade para que os sujeitos possam caminhar rumo ao conhecimento de si a partir da leitura do outro. A partir da produção do grupo de um texto coletivo, no qual havia em seu enredo uma “passarinha” que necessitou percorrer um caminho para conhecer a si, enfrentando seus monstros/medos/angústias/desamparo enfim a sua própria imagem. Mosquera(1978) a consciência de si, ocorre por meio de interações que se estabelece com o ser, estando este como o centro de uma situação social, uma vez que é determinada pela qualidade de experiências. Portanto a experiência ou vivência no GSC permitiu que os seres redefinissem um novo texto para si, pois escuta o outro, este o escuta, auxilia neste processo de reconhecimento de si, moldado pela linguagem que modifica a realidade.

Na Quarta leitura/categoria resgatou-se a experiência do espelho, sendo este um momento marcante para os participantes, os quais propiciaram a troca de palavras tendo como mediadora a própria imagem refletida pelo espelho, porém, a imagem de cada participante pôde ser lida, renomeada, ora re-significada pela sustentação organizada pela linguagem. Mosquera (1978): “o nosso existir no mundo não nos é dado apenas como uma simples circunstância da vitalidade, senão como contato interativo que cria novas realidades (pg. 72)”. Portanto, a experiência do espelho possibilitou criar uma nova realidade, uma nova imagem para cada participante.

A Quinta Leitura destacou os desdobramentos do GSC, e seus efeitos de bem-estar, estando relacionados ao ato de ler. Conforme Serafini (2006) a leitura faz parte dessa necessidade humana de compreensão, de descobrir os enigmas da existência. Para Mosquera (1978) assim como o eu físico é, em grande parte, uma função de nossa relação com as coisas, o eu dos motivos e sentimentos é, grande parte, uma função da nossa relação com o elemento humano (p. 79)” Nas palavras de Mosquera (1978): “Não sabemos que espécie de eu encontraríamos em um homem que tivesse crescido sozinho (p. 79)”.

Portanto, esta pesquisa promoveu situações de expressão verbal e não verbal que predispôs a introspecção individual, e ou de grupo para reflexão sobre o bem e mal estar, seguido de uma análise e reflexão sobre as representações dos participantes do grupo, evidenciadas no GSC, bem como à análise da relação entre autoimagem e autoestima, a partir da leitura do grupo como uma (re)leitura de si.

Enfim, a referida pesquisa demonstra que o homem necessita encontrar alguém capaz de escutá-lo de lê-lo para poder redimensionar sua vida, ora que possa auxiliar o processo de construção de autoimagem. O método GSC, demonstra que por meio da sensibilização e da criatividade e de um processo de grupo o qual impulsiona o saber de cada sujeito, pela leitura e compartilhamento de cada texto/história/discurso.

Para Spieker de Oliveira (2009): “o discurso é a melhor matéria-prima para que se compreenda o sujeito. Neste sentido, Lacan ensina que a história não é o passado. A história é o passado na medida em que é historiado no presente – historiado no presente porque a história foi vivida no passado (p.170).”

Enfim, o homem traz consigo um texto/história/discurso que necessita ser lido, para que leia a si. Conforme, Manguel (1997) “todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender.”

Esta pesquisa foi delineada pela leitura, e pela lente/olhar do GSC, uma vez que este é um investimento em saúde que retoma a supremacia da verdade, do amor, do desenvolvimento, da busca fértil do conhecimento (Spieker de Oliveira, 2009). Para autora do método GSC também pode se perceber a tendência em compreender a vida como mudança e reconhecer no sofrimento a oportunidade de, a partir dele encontrar novas formas de bem-estar. Contudo, como colocou Freud o homem tenta expulsar o desprazer e formar um eu de prazer, outra passagem do autor relevante e que é bastante atual é o uso de drogas como forma de resolver os conflitos e as pressões do mundo exterior que geram angústia e sofrimento, que são tratadas pela medicalização, a qual não modifica a realidade e sim a percepção do homem sobre ela. Freud também apresentou as três fontes de mal-estar: a necessidade de controlar a natureza, a descontinuidade do corpo humano, e as relações entre os homens. Sendo esta última a principal fonte, pois o homem para se caracterizar humanamente, necessita ser lido/escutado por outro humano. Conforme Mosquera o homem é ser em contínua formação, que constrói sua imagem pela relação social. Enfim, como não poderia o homem adoecer se ao longo de sua história fora se perdendo como sujeito de linguagem, por um sujeito de imagem?

Com as novas formas de relações pelas redes sociais encontra-se uma comunicação permeada pela imagem, a qual o homem torna público aquilo que lhe é privado, a exemplo dos MSN, Orkut, twitter, onde a vida privada é colocado como pública em uma comunidade mundial, logo questiono se esta construção de uma rede social, não é uma demanda do homem pós-moderno para lidar com o desamparo?

Para a referida questão temos o GSC como intervenção, como resgate da relação permeada pela imagem e representação, porém ancorada numa leitura tendo efeitos na linguagem e num simbólico que conceitua a vida humana e suas experiências. Para Spieker de Oliveira o GSC parece constituir o resgate de reflexão básica inerente ao homem. Este pelo seu envolvimento na luta pela sobrevivência tende a se afastar da reflexão. A autora ressalta que por motivos inconscientes, as pessoas têm buscado satisfação em atividades que neutralizem o estresse que na maioria das vezes, as encaminha para um processo de alienação.

Spieker de Oliveira relembra que o homem pós-moderno, tem juntado muita energia para se manter afastado do exercício reflexivo sobre seus problemas existenciais (p.70). Pois em muitas vezes suas dramáticas se impõem como fonte de maior satisfação, em detrimento do enfrentamento das causas que geram e caracterizam sintomas como ansiedade, a angústia, a depressão. Logo estas questões ao não serem lidas geram reflexos no social e no cultural.

Portanto, a experiência por meio do GSC, pode contribuir não somente para o resgate do sujeito que se vê desanimado e desesperançado. Mas sim possibilitar aos educadores em

processo de formação a construção de um saber, o qual se organiza pela leitura de si, desdobrando em uma autoimagem e autoestima mais sólida e fortalecida.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora-70, 2007.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva 1973.
- _____. **A Aula**. São Paulo: Cultrix. 1996.
- BIRMAN, Joel. **A escritura nos destinos da Psicanálise**. Pulsional: Boletim de novidades. São Paulo, n. 76, p. 7 – 19, ago 1995.
- _____. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.
- CASTILHOS, Daniel C. **Escrevendo caminhos: uma experiência de leitura como construção de um psicopedagogo-leitor**. 2009. Monografia (Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos) – Faculdade de educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- CORSO, Mario; CORSO, Diana. **A Psicanálise na Terra do Nunca**. Porto Alegre: Penso, 2010.
- ESTEVE, J.M. **O Mal-estar docente**. Lisboa: Escher, 1992.
- FIORINI, H.J. **Estructuras y Abordajens em Psicoterapias**. Buenos Aires: Mairena, 1984.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- _____. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- GARCIA, Carlos Hué. **Bienestar Docente y Pensamiento Emocional**. Madri: Wolter Kluwes, 2008.
- JESUS, Saul Neves de. **Professor sem stress: realização profissional e bem-estar**. Porto Alegre: Mediação, 2007
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARCHESI, Álvaro. **O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

MOSQUERA, STOBÄUS, SANTOS. **Grupo de Pesquisa Mal-estar e bem-estar na docência**. Edipucrs, Revista Educação, Porto Alegre, vol. 29, n.1, p. 259-272, 2007.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Vida Adulta: personalidade e desenvolvimento**. Porto Alegre: Sulina, 1978.

_____. **O adulto: desenvolvimento e maturidade**. Revista Educação, Porto Alegre, ano XXII, n.86, p. 168-171, jun. 1977.

_____. **A educação no Terceiro Milênio**. Revista de Educação, Porto Alegre, ano XXVI, vol.21., p. 43-58, set. 2003.

SPIEKER DE OLIVEIRA, Vanda. **Grupo de Sensibilização e Criatividade – GSC: prevenção em saúde mental e desenvolvimento sociocultural**. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico dos Problemas de Aprendizagem**. Porto Alegre: ARTMED, 1992.

PARENTE, Sonia. **Pelos caminhos da Ignorância e do Conhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SERAFINI, Giovana. **Da tecitura do texto a construção do leitor: reflexões sobre o trabalho com as letras**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

STOBÄUS, Claus Dieter. **Material da disciplina de Prática de Pesquisa – Mal-Estar e Bem-Estar na Docência**, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado em Educação, 2009.

_____. **Desempenho e autoestima em jogadores profissionais e amadores do futebol: análise de uma realidade e implicações educacionais**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

YIN, Robert. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

APÊNDICE

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Prezados Educadores

Sou aluno do curso de Mestrado em Educação do PPGE/PUCRS e estou realizando a presente pesquisa denominada “Grupo de Sensibilização e Criatividade: espaço de retomada do bem-estar e da autoimagem e autoestima dos educadores”, tendo como orientador o Prof^o Dr^o Juan Jose Mouriño Mosquera.

Justificativa:

Esta pesquisa propõe aos participantes oficinas por meio do método de Grupos de Sensibilização e Criatividade visando investigar quais as possíveis contribuições do referido método para o bem-estar docente.

Procedimentos:

Sua participação é voluntária e envolve a realização do conjunto de oficinas totalizando 16 encontros de 2 horas e meia.

Nas oficinas se utilizará diferentes formas de expressão, como: a dramatização com auxílio de fantasias e roupas de época, pintura, desenho, modelagem e a produção de maquetes com sucatas. A partir das formas de expressão o participante será mobilizado pelo envolvimento com o grupo, onde emergirão as possíveis temáticas para as produções. Sendo que estas poderão ser gravadas por meio de áudio, e o material produzido pelos participantes servirão para descrição das técnicas desenvolvidas.

Desconforto e riscos esperados:

Há a possibilidade de desconforto emocional devido e exposição do participante nas oficinas.

Liberdade de abandonar a pesquisa sem prejuízo para si:

Os participantes poderão abandonar a pesquisa em qualquer momento em que se desejar, não havendo nenhum ônus para os mesmos.

Assumo o compromisso de manter sigilo sobre a sua identidade e de apresentar os resultados quando da conclusão da investigação.

Para maiores esclarecimentos acerca do estudo, contatar com os pesquisadores:

Profº Drº Juan Jose Mouriño Mosquera

(51)33203620, e-mail: mosquera@puhrs.br

Mestrando Daniel Carneiro Castilhos

(51) 99715088, e-mail: castilhos_pp@hotmail.com

Comitê de Ética/PUCRS

(51) 3320-3345, e-mail: cep@puhrs.br

Contando com sua colaboração, subscrevemo-nos, atenciosamente,

Mestrando Daniel Carneiro Castilhos

Profº Drº Juan Jose Mouriño Mosquera

Consentimento:

Concordo em participar desta pesquisa, estando ciente de seus objetivos e de meu envolvimento, estando conforme que minha produção intelectual seja divulgada nos meios científicos, respeitando meu anonimato.

Nome do Participante

Assinatura do Participante

Porto Alegre, _____ de 2010.

APÊNDICE B – EXEMPLO DE REGISTRO DO DIÁRIO DE CAMPO

1º ENCONTRO – “PRIMEIRA PÁGINA”

Número de participantes presentes: 6 (apenas 1 ausente)

O primeiro encontro dos educadores e sujeitos participantes da pesquisa aqui terão seus nomes representados pelas iniciais: Ea. Ep. Cs. Jb. Fg. Ss. Mg. Todos com formações distintas e com atuações bem particulares.

Lendo a primeira página...

Os participantes chegam aos poucos no lugar combinado, isto é em meu consultório o qual está organizado como o de costume. Na medida em que os participantes foram chegando cada um é convidado a se acomodar nas poltronas sendo estas apenas duas e por mais duas cadeiras que ficam em uma mesa auxiliar, logo, devido o numero de pessoas que irá chegar começo a modificar a sala de espera do consultório no qual retiro duas cadeiras e as coloco no ambiente onde o grupo o será formado, ou seja, na sala principal, e acrescento mais duas cadeiras às quais trago da minha residência totalizando oito cadeiras. A mesa auxiliar torna-se o local onde estarão as térmicas de café e chá, e os potes com bolachas, salgadas e doces, a referida mesa fora transferida para a sala de espera.

Portanto os setes participantes estarão acomodados e da mesma forma estará o dinamizador/pesquisador.

Na sala principal existe um espaço amplo que permite ao grupo posicionar-se em circulo, e fora do circulo há uma grande mesa onde todos os participantes poderão reunir-se para as atividades que necessitarão apoio, como escrita, desenho, modelagem.

Inicio o encontro falando sobre sua proposta/pesquisa, bem como sobre o método GSC, e peço ao grupo que cada participante fale um pouco sobre o que faz profissionalmente, e relate como houve o seu encontro com a educação, bem como o interesse em participar pela referida pesquisa, e que aspecto de sua vida fizera ser um profissional da referida área.

Coloco a disposição este momento de fala, oferecendo que alguém inicie por livre e espontânea vontade. Porém o grupo se coloca em silêncio com um olhar de estranhamento, como se houvesse desconfiança.

Ea. inicia sua fala, e se faz operador contra a desconfiança do grupo de se colocar, e assim Ea. começa: “Sou Ea. profissional da psicopedagogia, tenho experiência no atendimento a crianças com questões e desordens graves. Trabalhei quatro anos em uma

instituição que fazia o trabalho de acompanhamento de autistas, psicóticos, drogaditos, hiperativos e débeis mentais, com a proposta de uma escola e clinica para essas pessoas. E hoje não trabalho nesta instituição pela burocratização que o meu trabalho foi se tornando. Nesta instituição iniciei acompanhando crianças e adolescentes e após tornei coordenador dos estagiários de psicologia, fiquei responsável pelas reuniões das equipes de atendimento, e pelo trabalho mais burocrático. Optei em sair também pois havia muita fofquinha entre colegas, coisa que atrapalha o andamento do trabalho, e também comecei a me sentir explorado pois o salário era muito baixo para todas as obrigações que tinha”.

Ser da psicopedagogia para Ea. está associado a sua própria vida escolar de percalços, e da sua dificuldade em registrar as suas idéias, uma vez que isto fora atrapalhando sua caminhada escolar, embora Ea. percebia que tinha condições para superar suas dificuldades. Contudo, hoje reconhece que existiam outras questões que o atrapalhavam em aprender. Sendo assim Ea. conta ao grupo que fez desde muito cedo atendimento com uma psicopedagoga e também com psicólogos. Ao recordar o seu trabalho com a psicopedagoga onde diz: “Se o trabalho de psicopedagogia deu certo para mim e para minha vida, porque este trabalho não pode dar certo para outras pessoas”, e assim Ea associa o motivo de ser o profissional que é.

Quando Ea. contava sua história percebia que os demais participantes foram se prendendo na trama que Ea. os colocava, e ao meu sentir isto se operou, pois Ea. estava muito certo e reconhecia estas questões, e foi fácil para ele contar algo de tão íntimo para os colegas de grupo. Enfim, Ea. imprimiu no grupo uma forma diferente de se expressar, e de cada participante se olhar e falar das dificuldades, e até mesmo de brincar com estas questões.

A fala e a presença de Ea. a partir deste primeiro momento foi fundante para o funcionamento das pessoas como um grupo, pois possibilitou um primeiro desarmamento dos participantes.

Cs. embuída pela apresentação de Ea. segue contando que dos seus dezoito anos de trabalho com educação sendo muitos deles relacionados a educação infantil, em maternais e jardim de infância. Cs demonstrava-se animada em falar, e escreve-se com muito entusiasmo e paixão que tem pelo o que faz. Cs. conta ao grupo sua forma de ser como aluna no tempo em que cursava magistério, sendo uma aluna inteligente e responsável, mas muito bagunceira e que incomodava os seus professores e colegas, e assim dizia: “A Jb. Foi minha colega, ela sabe disso, e hoje a Jb. trabalha comigo na mesma escola”. E com um sorriso Jb. confirma a descrição de Cs. sobre si.

Eu fico aguardando que Cs. fale mais situações que marquem aspectos os quais a influenciaram a ser uma educadora, e assim Cs. conta ao grupo: “Desde pequena eu sabia que seria professora, eu brincava muito com meus irmão de dar aulas”. Esta fala de Cs. é bastante rápida sem que houvesse uma escavação de sentidos para a questão. Porém, Cs. rapidamente diz ao grupo de seus estudos em um pós-graduação, o qual diz que o faz para melhor atender seus alunos, e também fala de seu filho, uma vez que é uma criança muito agitada, embora inteligente. Enfim, que este estudo estava ajudando-lhe a lidar melhor com o mesmo.

Percebo, na fala de Cs. algo bastante comum para esse primeiro momento, como uma fala mais superficial de si, pois há ausência de confiança, e de uma postura escuta do grupo para as falas as quais contenha uma aproximação a questões que datam a impotência frente a realidade. Logo, o discurso motivador é compreensível pois este não é momento de Cs. posicionar-se de forma mais profunda sobre si mesma. Diferente de Ea.

Recordo que Jb. pede a palavra, e rapidamente diz seu nome e conta uma breve história em que se assemelha a história de Cs, uma vez que cursara o magistério, bem como de recordar suas brincadeiras na infância de dar aula. Jb. era o participante que me parecia mais desconfortável com este momento de apresentação. Jb. coloca sua preocupação ao que se refere a demanda de trabalho com a infância, uma vez que gostaria de entender melhor o funcionamento de seus alunos.

Ao lado de Jb. estava Ep. Educadora infantil, que inicia sua vida universitária como estudante de enfermagem, chegando atuar nesta área da saúde. Na tentativa de falar sobre ser professora Ep. Relembra o tempo em que trabalhou em hospitais, na área da pediatria, e que o dia-dia com crianças doentes a deixa impotente uma vez que não poderia fazer muito por aquelas crianças, e que o trabalho como educadora daria muito mais benefícios e bem-estar, do que sua ação como enfermeira. As questões sobre a enfermagem, Ep. coloca como algo difícil para si, pois o óbito era algo contínuo, aspecto que a incomodava. Ep. Também fala que quando trocou a enfermagem pela educação a sua família ficou muito resistente, pois o estresse é muito grande para salário, isto é não há devolução financeira. Porém, Ep. Diz que não seria feliz trabalhando como enfermeira. Ep. Diz que quando a sua família ficou sabendo sobre seus estudos em pós-graduação, poderia ter um salário melhor do que de professora.

Fg. Conta muitas histórias que antecederam o seu trabalho como professora e educadora popular. Fg. conta ao grupo que nasceu no interior do Estado em uma cidade e que sua família queria que ela estudasse, porém ela morava relativamente longe do centro da cidade, uma vez que tinha que caminhar muito até chegar na escola. E, que devido a distancia teve que morar em uma escola de irmãs, onde tinha que trabalhar para pagar sua hospedagem,

e que aquilo fora muito ruim e difícil pois tratava-se de um internato. Depois que se casou Fg. veio morar em Porto Alegre onde começou com crianças bem pequenas sem mesmo ter preparação adequada, contudo relembra que aprendera a lidar com as crianças a partir da prática, e devido ao seu empenho tornou-se coordenadora de uma escola infantil de um bairro da zona periférica da capital. Fg. diz que não conseguiu trabalhar na rede privada de ensino pois vê que a cobrança é muito forte, sendo assim Fg. relembra sua experiência como professora da rede privada de ensino, onde a pressão era muito grande sobre sua função, fazendo em atuar em desacordo com suas crenças. Neste período como professora da rede privado fora um tempo pequeno, e quando teve a oportunidade retornou para educação infantil em escola pública. Fg. conta que recentemente concluiu sua formação como pedagoga, e que gostaria em fazer um pós-graduação.

E por ultimo Ss. conta que atualmente trabalha como pedagoga empresarial e que nunca atuou em escola, e que tudo começou quando fizera um curso na área de informática, meio que a levou até sua atual empresa, mas porém devido a seu perfil foi trabalhar na área de recursos humanos, onde auxilia na adaptação e na aprendizagem dos seus funcionários operadores de máquinas na qual ela ensina estes funcionários a aprenderem sua função. Ss. Fala que devido a esta função quis compreender mais sobre a aprendizagem humana e que buscou um pós-graduação para um melhor aprofundamento da aprendizagem do adulto.

Mg. única participante que estava ausente no primeiro dia, contudo ligou informando sua ausência. Porém, devido a ausência foi representado por uma cadeira que estava vazia junto ao grupo, gerando então o questionamento, para quem é esse lugar? Coloco ao grupo que um participante não virá no primeiro dia.

No GSC é comum a participação do dinamizador, logo coloco-me a contar coisas sobre minha pessoa, como a minha trajetória acadêmica, bem como aspectos relacionados a minha infância que considero a matriz para o meu exercício profissional, de posicionar como alguém que auxilia que ajuda a construir. Coloco ao grupo que meu maior prazer era de jogar futebol, e que fazia isso com muita intensidade, e tinha uma certa habilidade pra ser capitão do time, tinha boas relações com meus colegas. Outro aspecto que comento estava na religiosidade da minha família, ora católica, ora espírita, sobre este ultimo relembro os rituais que acompanhava junto aos meus familiares, os quais me intrigava, uma vez que ouvia dizer que algumas pessoas viam e sentia outras pessoas, e eu com meu imaginário tentava dar conta daquela verdade. Falo que nestes rituais sempre havia alguém que escutava e fala e contava histórias que prendiam as pessoas seguido de uma reza que me levava a uma introspecção e me recordo que sempre havia uma música clássica de fundo.

Brinco com o grupo dizendo que não tenho nenhuma habilidade paranormal, e que não sou bruxo que lê o pensamento dos outros, e que sou tão humano quanto eles. Esta fala coloca aspectos iniciais do GSC, como o dinamizador irá se colocar frente ao grupo, não sendo alguém que sabe, mas que supõe algum saber que é a transmissão do saber de cada participante é o mais importante.

Todos os encontros do GSC, são marcados pelo intervalo de trabalho, isto é, há um espaço para compartilhar alguns biscoitos, café e chá. Neste momento as pessoas circulam conversam e se aproximam uma das outras, logo o tímido torna-se mais falante e este último mais ouvinte.

Após o café inicio a primeira vivencia com este grupo. Aguardo o grupo se acomodar em circulo, e também que se coloquem em silencio para propor algo a ser vivenciado.

Devido ao fato deste ser o primeiro encontro, e neste sempre há algo a ser dito relacionado a expectativa da cada participante em relação a proposta oferecida a eles para constituição do grupo. Logo, pensei que pela via da fala seria mais difícil para o grupo uma vez que existe um certo estranhamento entre os participantes, embora o grupo seja pequeno há de relevar tal aspecto.

Peço aos participantes para sentarem de costas para o circulo, e digo-lhes: “gostaria que ficássemos a vontade nas cadeiras, e que fechássemos os olhos por alguns instantes e que observássemos as imagens que figuram no escuro dos olhos e que encontrássemos apenas uma que represente a expectativa para este trabalho. Assim que cada pessoa encontrar tal imagem mental, será convidado representar no papel pardo posto ao longo da parede, será utilizado giz de quadro negro para inscrição das imagens. Quem terminar voltará para seu lugar e ficará em silêncio.

Todas as pessoas presentes na sala inscreveram sua imagem.

Após a representação de todos, peço que fiquemos apenas observando sem dizer nada, exercitamos esta observação durante alguns poucos minutos.

Percebo no grupo um entusiasmo em contar o que estava ali no quadro de expectativas, e optei em fazer que este entusiasmo se mantivesse mais um pouco. Então pedi que cada participante fosse até o centro do grupo e representasse corporalmente o que quis informar com sua imagem inscrita. E assim o grupo poderia ir dizendo o que achava que representação corporal estava informando. Porém o a imagem e o corpo deixaram lacunas para que o outro pudesse fazer sua nomeação por meio de sua leitura, podendo ser assim retomado pelo autor o qual diz se é ou não, ou seja, esta leitura é verdadeira ou não.

Ea é o primeiroa dramatizar se colocando como alguém que faz perguntas e que questiona e que observa. O grupo neste momento ri muito, há uma risada coletiva com muitas gargalhadas, devido as caretas expressadas por Ea. Ea no papel pardo posto na parede inscreveu a imagem de um lápis, que em sua ponta tem um símbolo de interrogação.



Neste primeiro momento Ea desenha o lápis que na sua ponta tem o símbolo da interrogação, as palavras que aparecem na foto são escritas em um outro momento que será descrito ao longo do trabalho.

O dinamizador também participa deste momento o qual descreverei a seguir. Coloque-me a representar o desenho que inscrevi no quadro de expectativas, da seguinte maneira: dirijo-me a cada participante utilizando as mãos, uma vez que com o dedo indicador aponto a todos participantes, um a um, e após faço com os braços o movimento de união simbolizado por um abraço, contudo o grupo sente dificuldade em descobrir o que quero informar. Convido uma participante para me ajudar, a qual fica em pé ao meu lado, eu me distancio e me aproximo duas ou três vezes, assim tento dizer que minha imagem simboliza o encontro que estava sendo proporcionado.

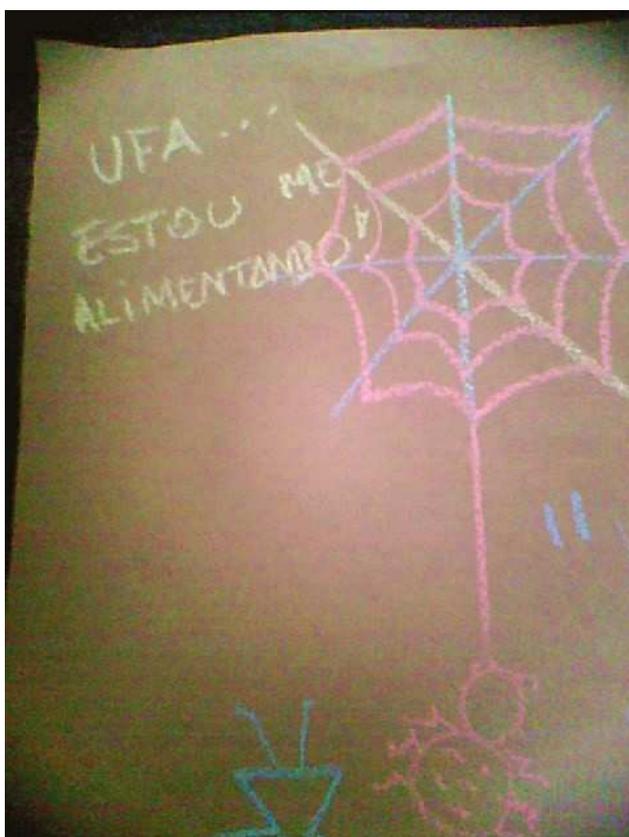
No desenho que fizera consta um livro sem palavras, porém tem em seu contorno uma estrada que levam até o referido livro.



As palavras que aparecem foram escritas em um outro momento.

O próximo participante é Cs que em pé faz de conta que está com uma agulha na mão a qual faz movimentos em direção ao grupo como se estivesse alinhavando cada participante, e que existiriam fio condutor, ou uma teia construída por quem ali estavam.

Cs reproduz em seu desenho uma teia colorida e cada cor representava um participante. Junto a teia havia uma aranha que estava pendurada por um longo fio bem abaixo da referida teia.



Relembro que as palavras não foram escritas neste primeiro momento.

Fg em pé faz um movimento que me parecer que emerge dentro de si o qual transborda para fora. Fg representa com as mão algo que de dentro da cabeça transborda para fora da mesma. Seu desenho é um cabeça com rosto de uma pessoa que está bastante séria, mas que falta um pedaço que dá a sensação de uma cabeça mal formada, como se estivesse faltando algo.



Jb ao representar corporalmente seu desenho o faz da seguinte maneira: com o indicador de uma das mãos, o qual aproxima a sua cabeça, e com os olhos faz o movimento de olhar para um lado e depois para o outro, como se estivesse pensando. E posteriormente com os braços demonstra a altura de seres bem pequenos os significam duas crianças. Contudo, em seu desenhoreproduz uma criança com jogos, que tem um balão, recurso utilizado em desenho em quadrinho, o qual está sem palavras.

As palavras não forma escritas neste primeiro momento.



Ep ao dramatizar corporalmente aponta com o indicador de uma das mãos para sua cabeça, apontando incessantemente para dentro de si. Ep. Faz uma cabeça na qual enxerga-se o cérebro, porém o grupo não compreende sua dramatização e seu desenho, algumas pessoas acreditam que aquilo fosse um tomate pois haveria um pequeno galho sobre seu topo, porém Ep diz que o galho é uma flecha que indica o cérebro, flecha que representa pelo o apontamento feito com o indicador, esse momento há uma grande descontração.



A dramatização de Ss, é primeiramente interpretada como se esta estivesse nadando, pois o movimento de seus braços assim representava, porém o movimento dos braços representavam os raios de sol. Contudo o movimento dos braços inicia junto de seu corpo e depois divergia em direção aos participantes do grupo. Ss desenha um sol com duas nuvens.



Após as apresentações e representações corporais de todos participantes, os quais não puderam falar, bem como afirmar se os participantes que estavam observando as dramatizações estavam lendo e interpretando de forma correta, ora como os autores das dramatizações desejassem que assim fossem lidas. Enfim, combino com o grupo que ninguém falasse sobre o que se desenhou e o que se dramatizou, pois gostaria de manter uma certa ilusão sobre os significados das produções, ou seja, que permitíssemos que este imaginário ficasse vagando entre os participantes.

Intervalo para mais um café.

Tenho a impressão que o conjunto de imagens desenhadas pelos participantes poderiam permitir a produção de um texto, uma vez que, as imagens possibilitam outras significações pelos participantes.

Assim peço que se formem dois grupos, e que estes teriam que inventar um texto escrito utilizando todas as imagens disponíveis no quadro de expectativas.

Texto I:

“Toda criança pensa que é adulta...

vive cheia de dúvidas, buscando os por quês.

Buscam na brincadeira, imitando o papai e a mamãe sem saber que buscam um mesmo objetivo, ampliar novas descobertas.

Pensam que são únicas, a descoberta é mágica, pois é na troca que se tem a construção do conhecimento.

Com a convivência e a troca de conhecimento, ampliam não só os conhecimentos, mas também o afetivo e o intelectual.”

Texto II:

“Era uma vez uma menina chamada Maria, que freqüentava a pré-escola, sua professora tentava diariamente entender o que a criança queria transmitir através de seus atos durante suas atividades e brincadeiras.

Para isso a professora foi em busca de novos conhecimentos e com isso conseguiu realizar os trabalhos voltados para aquela criança. No curso que a professora realizou ela trocou experiências com colegas da mesma área podendo trazer as mesmas para o dia-dia, abrindo seus pensamentos para novas idéias.

A professora conclui que é fundamental o aperfeiçoamento e a troca de experiências na atividade educacional, para tornar as aulas mais interessantes e poder entender o que o aluno deseja através das suas expressões.”

Após o momento de escrita retomo o grupo para que falássemos dos autores dos desenhos uma vez que estes assim justificam a produção de imagens.

Ea diz que representou os questionamentos que faz a si, bem como a ausência de respostas para estas.

Fg coloca que busca o preenchimento que falta para si, e que entende que sua cabeça está aberta a novos conhecimentos.

Cs relata a construção de conhecimento que se dá pela troca entre as pessoas.

Jb diz da expectativa que tem em compreender as crianças.

Ss relembra que gostaria de encontrar subsídios e motivações, e algo que a iluminasse.

Ep compartilhar que quer buscar conhecimentos, “um cérebro para uma cabeça”.

Dinamizador, coloco que a expectativa está na produção e no desdobramento do encontro.

O ultimo momento para este dia, esteve associado a um exercício de associações de sentimentos bem como uma forma de releitura para os textos produzidos e para uma projeção para o grupo.

Coloco que comentasse sobre as relações possíveis entre os textos e as expectativas faladas pelos participantes e como isto pode ser evidenciada.

Os participantes do texto 1, relacionam que suas expectativas também aparecem no texto uma vez que colocam aspectos sobre suas angustias ao longo da atividade de educadores, já que sabem que sua função é importante não permitindo erros, e que sentiriam mais seguros se tivessem mais compreensão sobre o que a criança está pensando, bem como qual é o resultado de suas brincadeiras, que parecem demonstrar um funcionamento negativo das próprias famílias, e que tem que inverter em seu trabalho, o qual envolvem a construção de limites e resolução de conflitos. E que nestas situações se vêem amarrados pois se preocupam com a interpretação dos pais sobre o que se passa dentro da escola. Gostariam de ter mais respeito das outras profissões.

No texto 2, é colocado que atividade de olhar as situações e experiências são quase que inexistente dentro do espaço escolar, e que alguns casos tem que dividir suas dificuldades com seus familiares, porém estes não entendem o dia-dia do educador, logo não se tem um espaço para falar sobre o que se passa dentro da escola e dos sentimentos dos profissionais da educação.

Por fim, me aparece que todos os participantes buscam neste GSC uma forma de diminuir aspectos que geram angustia em seu trabalho, ou seja, existe uma falta ser preenchida, contudo a palavra que mais aparece como preenchimento é a do conhecimento. Por fim, este primeiro contato fala também do benefício desse espaço de convivência e que compartilhar e dividir imagens e fantasias geram confiança, desdobra-se numa escuta amiga.

Esta primeira pagina de trabalho é a descrição fiel de dois encontros que ocorreram continua o qual totalizou 5 horas e 45 minutos de trabalho. Ficou combinado no grupo que cada participante traria algum alimento para o lanche coletivo que se realiza em cada encontro.

DEMAIS PRODUÇÕES:

Texto3: “O amigo imaginário”, Fg e Jb

Era uma vez um boneco de milho chamado de Visconde de Sabugosa. Ele tinha muitos amigos e entre eles um amigo imaginário que se representava numa boneca de pano chamada Emília. Visconde sempre contava para ela suas brincadeiras e de como era bom conviver com seus amigos, mas sempre falava do seu desejo de fazer parte desse grupo de amigos.

Então, um dia, para sua surpresa, encontrou sua boneca de pano fazendo as brincadeiras que ele contava para ela. E foi assim que Emilia deixou de ser uma boneca de pano.

Visconde, nunca deixou de sonhar juntamente com Emilia e seus amigos, representavam, sua imaginação, brincando de subir em árvores, correr, jogar taco e bolita. Eles brincavam sem ter a ideia da importância do brincar na infância e ainda tinham o contato com a natureza.

Texto 4: “O bichinho perdido” Cs e Mg

Era uma vez em uma floresta onde brincava uma menina na sombra de uma árvore. Movimentando algumas pedras e gravetos ela encontrou um bichinho e construiu uma casinha para ele.

Ela estava tão envolvida com a construção da casinha que não se deu conta que o seu bichinho se perdeu. Muito preocupada ela começou a procura-lo. Foi adentrando a floresta não percebeu que estava distante do local que começou a brincadeira. Quando de repente, se viu perdida, encontrou um lindo lago e foi até ele para se banhar.

A sua brincadeira no lago estava tão divertida mas ela percebeu que o sol já não estava alto. Saindo do lago foi colocar seu chinelo e reencontrou perto dele o seu bichinho. O levou até a sua casinha acomodando ele no ambiente que ela criou e foi embora certa de que no outro dia voltaria ali para recomencar a brincadeira.

Texto 5: “A mudança” Ep e Ea

Certo dia cansada de fazer as mesmas coisas Fenix decidiu sair da rotina. Alistou-se no Comandos em Ação.

Foi para o recrutamento e uma das primeiras perguntas foi o que ela veio fazer ali. Fenix que tem o pensamento rápido igual à nossa colega Cs respondeu ‘eu estou aqui porque sou capaz e quero novos desafios para minha vida.

Ela foi aceita, mesmo tendo sua capacidade colocada em dúvida. Porém ela provou que quem decide se somos capazes ou não, somos nós mesmos.

Ela transformou o quartel em um ambiente lúdico. Em horários livres eles brincavam de sapata, esconde-esconde. Até sua cama e paredes do alojamento ela conseguiu pintar de rosa. Então a mensagem que queremos passar é que querer é poder.

Texto 6 – Ss e o Dinamizador

Era uma vez um jogador de futebol chamado Jony, ele era muito famoso, mas que veio de uma família muito pobre e mora na cidade de Andorinhas. Cidade que tem este nome por causa da concentração de andorinhas, então quem mora em andorinhas é andoriense. Aos 16 anos, Jony, conheceu Catalan, que o levou até a cidade de Andorionópoles, e lá o apresentou ao Andorionópoles Futebol Clube, e começou a jogar. Ficou no time até os 18 anos e seu passe foi vendido para o time por muito dinheiro, ao time do Grêmio.

Em uma das viagens, conheceu uma garota chamada Layla que trabalhava no aeroporto. Quando ele a viu pela primeira vez, achou que fosse uma Barbie de tão linda.

Ela o conhecia dos jornais, e foi pedir um autógrafo, quando estava no aeroporto, então Jony, ao se aproximar para assinar seu bilhete, sentiu um frio no estômago, achou que fosse uma dor de barriga, mas percebeu que era paixão. Então Jony foi para casa, pensando naquilo que estava sentindo, e como iria reencontrar sua “Barbie”. Ele voltou ao aeroporto, pois iria visitar sua família, e decidiu falar com Layla, convidando-a para sair. Ela aceitou o convite, e foram para Andorinhas e lá andaram de bicicleta e jogaram cartas. Eles acabaram se casando no dia do casamento ela entrou na igreja, vestida de Barbie a noiva.

Texto 7

“Uma passarinha morava em uma casinha de barro em cima de uma árvore, lá ela se sentia segura, mas ao mesmo tempo se perguntava como era o mundo lá fora. Então ela decidiu voar em busca de suas respostas...

Decidiu descer da árvore, encontrou um espelho jogado no chão.

Assustada viu sua imagem refletida, pensou que... era glamurosa, mas viu não era tudo o que pensava.

Então que decidiu voar e se deparou com um avião e decidiu voar tão alto quanto... voou para alcançar o avião, porém percebeu suas asas congelarem e começou a cair em queda livre...acabou caindo na piscina descongelando suas asas...conseguiu sair da piscina...onde ela viu refletida sua imagem distorcida... a partir disso percebeu que sua vida poderia ser diferente criando novas expectativas e novas buscas em suas descobertas.

Foi então que ela ouviu um som, resolveu segui-lo mas deparou-se com uma enorme caverna escura e fedorenta.

Aproximado-se de sua entrada não enxergou o fundo, pois o breu era total ela teve medo mas sentiu um êxtase para descobrir o que poderia ter do outro lado de lá e de onde vinha o som.

Adentrando a caverna ela lembrou-se do seu porto seguro, como estaria, mas a sua curiosidade foi maior fazendo com que ela continuasse na busca do som que ouvia.

Lembrou-se do vôo que fizera pra chegar até ali percebendo assim que já havia se tornado forte e que não valia mais a pena voltar e sim enfrentar os medos que agora se deparava.

Agora ouvia o som com mais clareza e apesar de sentir uma tentação de findar sua descoberta ela deu mais alguns passos na tentativa de atravessar a caverna.

Enfrentando esse medo ela se deparou com dois caminhos e optou pelo mais belo. Nesse momento o medo voltou fazendo questionamentos se esta seria a melhor escolha o que fez com que ela refletisse e chegasse a conclusão que beleza não põe mesa.

Foi assim que ela entrou na jangada e foi em busca de seu objetivo.

Ao chegar na ilha ela descobre de onde vinha a musica e percebe que, a luminosidade e a beleza do lugar era apenas o começo do novo mundo que ela descobriu ao enfrentar seus maiores medos. Viu que ali ela também tinha acesso livre a novos recursos. Ela decidiu voltar, ao seu porto, mas bateu suas asas incansavelmente até que acordou.

Ainda deitada na cama ela percebeu que tudo não havia passado de um sonho onde ela era uma passarinha que havia vivenciado todo aquele processo.

Voltando a realidade a menina reflete em sua vida e percebe que é capaz de enfrentar seus medos e ser feliz para sempre!!!

Texto 8:

Ea

“Eu me senti a vontade olhando para o espelho pois, sou uma pessoa que atualmente não tem vergonha de me olhar no espelho. Quanto ao ouvir palavras das pessoas... é mais fácil falar para elas do que receber uma palavra, mas a sensação de ouvir os outros falando de você é ao mesmo tempo estranho e bonito.

Estranho no sentido de será que sou isso mesmo. Pois acho que é sempre bom escutar os outros os outros falando de você, o difícil é como receber e como isso vai fazer com que isso possa mudar a sua vida.

É bonito, pois procuro ser o mais verdadeiro possível e acho que da minha maneira consegui passar isso.”

Texto 9:

Cs

O espelho...

Estranho ouvir o que pensam sobre a gente, o que almejam pra gente.

Interessante ouvir e fixar o olhar na nossa própria imagem.

Parece um pouco de outro conhecimento misturado com o “poder” ser mais, de ver-se mais além de si próprio.

Hoje, ao olhar-me no espelho senti como se estivesse sendo julgado e julgando a mim mesmo. Saí ilesa desse julgamento e mais confiante na minha caminhada.

O que me constrói hoje ou a maneira como me venho construindo é justamente em frente ao espelho e buscando sempre interiorizar-me o máximo possível, porem sozinha, sem platéia, que tinha aqui.

É um exercício válido para toda vida com ou sem platéia, acho que a platéia ajuda no sentido de te fazer enxergar mais além de si, enxergar pequenos detalhes que as vezes aos nossos próprios olhos passam despercebidos.”

Texto 10:

Ss

“Foi o momento mais difícil que foi sentar em frente ao espelho e ficar se olhando e os colegas deveriam falar coisas boas ou ruins, qualidades positivas ou ruins a nosso respeito. Bom, se já era ruim, sentar em frente ao espelho e ficar olhando nossas caras sonolentas ou nossas imperfeições, imagina escutar coisas dos outros, sem saber o que nos espera. No fim das contas não foi tão ruim assim, ouvi qualidades positivas e informações não tão boas, que me fizeram refletir sobre como ando me posicionando sobre a minha vida e postura, talvez deva mudar coisas e mudar algumas atitudes que tenho tomado ao longo da vida. Foi uma experiência muito rica e produtiva que valeu a pena vivenciar.”

Texto 11:

Jb

Eu achei bem rica a experiência com o espelho, pois serviu para termos uma idéia de como o grupo nos percebe, qual a minha imagem para grupo, o que consegui passar para o mesmo. Não me senti “mal” em ficar diante do espelho, não fiquei me analisando fisicamente, reparando nas coisas “que não gosto” em mim e sim focada em ouvir o que cada um tinha a falar a meu respeito.

O grupo fez uma “leitura” bem real de como eu realmente sou, o que me deixou feliz, por perceber que estou conseguindo me mostrar de verdade para essas incríveis pessoas com as quais estou convivendo e adorando conhecer e trocar experiências.”

Texto 12:

Mg

Fizemos uma vivência com o espelho na qual sentamos na frente dele e os colegas diziam palavras que nos resumissem.

Foi uma sensação indescritível para mim para mim.

Eu senti como se o espelho falasse.

Eu ouvi palavras que me tocou profundamente junto com a nossa imagem refletida no espelho.

Teve momento para mim que era quase insuportável, pois eu senti vergonha daquela situação e as mesmo tempo era agradável por que eram ditas palavras e coisas boas que estimulam a nossa participação e autoconfiança.

...senti a importância de um trabalho em grupo, como podemos nos nutrir com a ajuda do outro, grupo neutro!”

Texto 13:

Ep

Bah!!! O encontro de hoje foi bastante interessante, nos colocamos de frente ao espelho e nossos colegas tinham que dizer em palavras o que achavam de mim.

Foi uma experiência estranha por dois motivos uma por estar de frente ao espelho, pois eu ficava me analisando e a outra pela pressão de outros estarem me “julgando”.

Mas como tudo tem seu lado bom, foi legal para que pudesse ver e ouvir o que os outros acharam de mim e também a imagem que eu passo como pessoa.

Bom foi muito interessante para eu me conhecer e também para me enfrentar diante do espelho (meu inimigo por anos)”.

Texto 14:

Fg

“Eu e o espelho

De frente ao espelho, bastante instigante, me é revelado, como sou vista pelos colegas. No primeiro momento me senti incomodada e com medo do que ouviria.

Com a voz trêmula, mãos suando e com um nó na garganta, ouço coisas maravilhosas, na qual nos enche de orgulho, e vontade de fazer bem e melhor tudo que nos é colocado frente a vida, e por outro lado é um estimulante para o enfrentamento de medos e obstáculos que nos assolam no dia-dia.

O que eu ouvi e fiquei muito feliz, é de que: “sorria a vida é bela” e os problemas são pequenos para nos deixar abater.”